

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

ANIZIO PIROZI

A QUARTA COLUNA: sociabilidades e espaços de pertencimento na maçonaria.

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ – 2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

ANIZIO PIROZI

A QUARTA COLUNA: sociabilidades e espaços de pertencimento na maçonaria.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Linha de Pesquisa Processos Globais, Sociabilidades e Identidades, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia Política, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Leitão Pinheiro.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a MÁRCIA LEITÃO PINHEIRO

ANIZIO PIROZI

A QUARTA COLUNA: sociabilidades e espaços de pertencimento na maçonaria.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Linha de Pesquisa Processos globais, Sociabilidades e Identidades, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia Política, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Leitão Pinheiro.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Márcia Leitão Pinheiro (Orientadora - Presidente) - UENF

Professora Doutora Maria Elizabeth de Andrade Costa - CNFCP

Professor Doutor Leandro Garcia Pinho - UENF

Professor Doutor Mauro Macedo Campos - UENF

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, 2013

Para meus familiares e amigos.

Agradecimentos

À minha paciente e bondosa orientadora, Márcia Leitão Pinheiro, que me conduziu nesta fascinante jornada. Sem as disciplinas que ministrou, eu teria imensas dificuldades em executar o trabalho que vos apresento. Em momentos confusos foi facilitadora, me incentivando no dever de seguir adiante. Com sua sabedoria e rigor, criticou cada ponto deste trabalho, o que me ajudou a amadurecer minhas idéias.

Aos professores que tive no mestrado, que sempre estiveram junto de mim ao longo do curso. Todos munidos de um rico arcabouço teórico souberam me auxiliar em variados momentos de minha pesquisa. Aulas e momentos fantásticos ficarão registrados em minha memória.

Agradeço também aos meus primorosos colegas de turma, aos quais eu tenho muito orgulho de ter caminhado junto. Não registrarei os nomes, com a intenção de não me esquecer de nenhum deles. No entanto, todos foram especiais na arte de compartilhar seus conhecimentos e amizade.

Aos funcionários da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, que sempre se mostraram prestativos e atenciosos para com nossos anseios e dificuldades. Às instâncias financiadoras junto a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, sem as quais dificilmente este trabalho seria viável.

Agradeço também de forma especial minha querida amiga Elaine Borges, por todos os incentivos, leituras, comentários, opiniões e apoio. Seus apontamentos e carinho sempre foram uma luz em dias nebulosos.

Aos meus informantes, os quais sem seu apoio e contribuições não poderia ter seguido adiante.

Agradeço ainda, todas as pessoas que de alguma forma cooperaram para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Entre elas minha incentivadora maior, Maria

Madalena Vieira Pirozi, minha mãe, que sempre esteve e está ao meu lado, com suas palavras de incentivo, as quais me deram forças para seguir firme diante dos percalços da vida.

Enfim, sou grato aos vários amigos que sempre me incentivaram para que pudesse finalmente concluir esse dissertação, que lhes apresento.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

*Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união.
É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a
barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes.
Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os
montes de Sião, porque ali o SENHOR ordena a bênção e a vida
para sempre.
Como é bom e agradável quando os irmãos convivem em união!
É como óleo precioso derramado sobre a cabeça, que desce
pela barba, a barba de Arão, até a gola das suas vestes.
É como o orvalho do Hermom quando desce sobre os montes de
Sião. Ali o Senhor concede a bênção da vida para sempre.*

(BIBLÍA SAGRADA, Salmo 133).

Resumo

Ao focalizar a maçonaria e os maçons, uma organização que perdura há mais de dois séculos e que condensa em torno de si diversos mitos, lendas, crenças e valores que recobrem uma longa duração e congrega um número significativo de membros em todos os continentes, busco refletir sobre sua inserção na sociedade contemporânea. Trata-se de uma pesquisa destinada a traçar uma visão panorâmica sobre a sociabilidade maçônica presente no Brasil nos dias atuais, procurando identificar quais práticas políticas e culturais que influenciam os indivíduos que pertencem ao mundo maçônico. Essa dissertação procura discutir a dinâmica do pertencimento a uma sociedade iniciática, considerando os projetos de vida, bem como as formas de sociabilidade estabelecidas e que configuram esta organização social. Delimito minha análise a partir de obras clássicas da bibliografia nacional e internacional sobre o tema, bem como observações e entrevistas realizadas em uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro (Itaperuna). Não se trata de uma obra de cunho propagandístico ou antimaçônica, mas a tentativa de “construir” uma discussão capaz de compreender por que motivos os indivíduos continuam aderindo aos preceitos de uma sociedade iniciática em plena aurora do século XXI.

Palavras-chave: Maçonaria, maçom, sociabilidade, identidade e sociedade contemporânea.

Abstract

By focusing on Freemasonry and the Freemasons, an organization that has endured for over two centuries and condenses around itself many myths, legends, beliefs and values, which cover a long duration, and brings together a significant number of members on every continent, seek to reflect about its inclusion in the contemporary society. This is a survey designed to chart a panoramic view of the present Masonic sociability in Brazil nowadays, looking identify which political and cultural practices that influence the individuals who belong to Masonic world. This dissertation seeks to discuss the dynamics of belonging to a society initiatory, considering the life projects, as well as the established forms of sociability and that shape this social organization. Delimit my analysis from classic works of international and national literature on the subject, as well as observations and interviews held in a city in the state of Rio de Janeiro (Itaperuna). This is not a work of propaganda or stamp anti-freemasonry, but an attempt to “construct” an argument that is able to understand the reasons why people continue to adhere to the precepts of a society initiatory in full dawn of the twenty-first century.

Keywords: Freemasonry, freemasons, sociability, identity and contemporary society.

Lista de abreviaturas e siglas

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

APJ – Associação Paramaçônica Juvenil

ASAPI – Associação Santo Antônio dos Pobres de Itaperuna

COMAB – Confederação Maçônica do Brasil

DF - Departamento Feminino

FRAMEM – Fraternidade Feminina Ordem do Cruzeiro do Sul

GADU – Grande Arquiteto do Universo

GLMRJ – Grande Loja Maçônica do Rio de Janeiro

GLUI – Grande Loja Unida da Inglaterra

GOB – Grande Oriente do Brasil

GOBRJ – Grande Oriente do Brasil do Estado do Rio de Janeiro

GOIRJ – Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro

LM – Loja Maçônica

REAA – Rito Escocês Antigo e Aceito

SUDERJ – Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro

UGLE – United Grand Lodge of England

Lista de Quadros

Quadro 1: Planta Baixa de uma Loja Maçônica	76
Quadro 2: Mapa da cidade de Itaperuna	77
Quadro 3: Localização das Lojas Maçônicas de Itaperuna	78
Quadro 4: Número de membros do Grande Oriente do Brasil de 1993 a 2008	123

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 - O Trabalho Etnográfico	24
1. Delimitação do Campo	24
1.1 Breve Histórico do Município de Itaperuna	29
1.2 Os Espaços Maçônicos	31
1.3 O Estranhamento	34
1.4 As Reuniões	38
1.5 Os Eventos	45
1.5.1 Os Encontros dos Maçons de Itaperuna	47
1.5.2 XIII e XIV Encontro dos Maçons de Itaperuna	48
1.6 Os Bingos	57
Capítulo 2 - Maçonaria: Instalação e Desenvolvimento	61
2. As Origens e Tradições	61
2.1 A Maçonaria no Brasil	64
2.2 A Fundação do Grande Oriente do Brasil	66
2.3 A Maçonaria em Itaperuna	72
2.4 As Lojas Maçônicas de Itaperuna	73
2.4.1 Loja Maçônica F. . N. . F. .	78
2.4.2 Loja Maçônica N. . E. . Nº 17	82
2.4.3 Loja Maçônica J. . S. . C. .	83
2.4.4 Loja Maçônica N. . A. .	84
2.4.5 Loja Maçônica T. . E. . Nº 12	85
2.4.6 Loja Maçônica J. . R. . Nº 32	85
Capítulo 3 - O Mundo Maçônico	87

3. A Iniciação Maçônica	87
3.1 O Sistema Ritual	90
3.2 O Simbolismo Maçônico	97
3.3 Os Graus Hierárquicos	101
3.4 O Segredo na Maçonaria	109
3.5 O Levantamento das Colunas: o maçom como projeto	116
Capítulo 4 - Aspectos do Individualismo e das Sociabilidades na Maçonaria	119
4. Maçonarias, Política e o Movimento da Ilustração	119
4.1 Maçonaria e Modernidade	121
4.2 Maçonaria Contemporânea	122
4.3 Aspectos do Individualismo na Maçonaria	124
4.4 Sociabilidades: estreita e ampla	140
Considerações Finais	157
Referências Bibliográficas	161
Anexos	166

Introdução

Esta dissertação tem por objetivo discutir a dinâmica da adesão e do pertencimento ao mundo da maçonaria, considerando os projetos de vida, bem como as formas de sociabilidade estabelecidas e que configuram esta organização social.

A maçonaria é uma organização definida como uma instituição iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista cujos fins supremos são: liberdade, igualdade e fraternidade. A atuação maçônica, ao longo de sua história, sempre causou reações diversas nos locais em que se fizeram presentes. Apesar de sua história mesclar-se com a história ocidental ao longo dos tempos, ainda hoje se mantém desconhecida para a maioria das pessoas. As sociedades iniciáticas nem sempre se caracterizaram como clandestinas ou secretas, embora cultivem uma extrema descrição, como é o caso da maçonaria. Muitas são as explicações sobre o surgimento e filosofia da maçonaria. No entanto, não me aterei a esta problemática neste trabalho. A maçonaria será tratada aqui como uma organização que traz em seu interior alguns dos valores da cultura moderna e que, através de seus ideais iniciáticos, é capaz de alterar as experiências individuais de seus membros. Cabe ressaltar que não farei uma análise completa e exaustiva do tema. Busco fundamentalmente compreender as motivações que fazem os indivíduos aderirem a esta sociabilidade.

Promovendo um diálogo com uma literatura que reflete sobre as sociedades complexas e aquilo denominado modo de vida moderno (Simmel, 2006; Dumont, 1992; Giddens, 1991; Velho 2008), procurarei discutir os interesses daqueles que fazem parte das instituições maçônicas, a fim de analisar por que a maçonaria atrai as pessoas e conta com novos membros na sociedade contemporânea. Pretendo ainda refletir sobre a sociabilidade que os iniciados passam a integrar e como isso influi na concepção de mundo desses membros.

Para Becker (1977), a concepção de mundo perpassa uma totalidade de pessoas e organizações que agem na produção de um tipo de acontecimento ou objeto característico para serem usados por todos aqueles que transitam neste mundo. Desta forma, tentarei dar sentido ao mundo da maçonaria e seus participantes, na tentativa de compreender suas particularidades, dialogando com suas práticas e narrativas, analisando o comportamento de seus membros e suas conexões com a esfera social.

Com a leitura da obra dos autores, apontarei os limites e as possibilidades que a

análise das sociabilidades fornece sobre este tema. A partir de todas essas considerações, norteia-se o presente estudo pelo seguinte problema: por qual (s) motivo (s) os indivíduos se filiam a esta sociabilidade?

Considerando que a maçonaria, apesar das diferentes Lojas, ritos e narrativas acerca da origem, conforme destaca Vidal (2006), isso possibilita afirmar que sua complexidade e diferenças internas integram algo que pode ser entendido por tradição inventada (Hobsbawn & Ranger, 2008, p.14). Ainda sendo vista como formada por “amizade” e “conviviabilidade”, a maçonaria está pautada na escolha livre, sem finalidades, feita por seus integrantes e abertura de espaços sociais (Aymard, 2009, p.445).

A investigação foi realizada em uma cidade localizada no interior do estado do Rio de Janeiro. Sua escolha se deu por alguns fatores que chamaram à atenção enquanto reunia informações para dar corpo ao meu trabalho monográfico exigido pelo curso de graduação em História. Neste contexto, empreendi uma pesquisa abordando o tema. O resultado desta pesquisa foi o trabalho intitulado *O Imaginário Historiográfico e a Formação da Maçonaria: das origens europeias à presença no Brasil*¹. No trabalho citado, objectivei fazer um levantamento básico de algumas obras clássicas da historiografia nacional que citavam a participação e engajamento da maçonaria em contextos importantes da história brasileira. A partir dessas leituras comecei a empreender um estudo que buscasse compreender como a historiografia brasileira tratava a maçonaria e seus membros.

Com base nesta pesquisa, pude perceber que ainda hoje a maçonaria carece de maiores estudos que visem discutir a atuação de seus membros na sociedade. Nesta oportunidade, pude observar que as obras em questão trabalhavam com a premissa de que a maçonaria era uma sociabilidade ilustrada e muito influente, que atuava nos bastidores do poder político nacional. Contudo, essas mesmas obras não informam aos seus leitores uma definição muito precisa da organização, bem como o seu funcionamento.

Ao se demonstrarem presentes na bibliografia historiográfica, mas ao mesmo tempo obscura, ou no mínimo, discreta aos olhares “profanos”², as práticas da

¹ Este trabalho monográfico foi apresentado às Faculdades Integradas Padre Humberto Lindelauf, hoje Centro Universitário São José de Itaperuna, em dezembro de 2007, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História. Este trabalho foi orientado pelo Professor Doutor Leandro Garcia Pinho.

² Indivíduos não iniciados na maçonaria.

maçonaria tornam-se um tema no mínimo intrigante no imaginário coletivo, e não obstante, no meu.

As teorias trabalhadas aqui seguem este procedimento com a intenção de elevar o objeto de pesquisa a um patamar de discussão assegurado pelos métodos e técnicas praticados pelas ciências sociais contemporâneas. Ou seja, buscando dialogar com seus objetos, podendo ser eles micro ou macros, dentro do campo de investigação que estão sendo estudados. Buscarei fazer uso desses conceitos visando dar maior e melhor inteligibilidade aos conceitos de sociabilidade, sociedade iniciática e simbolismo.

Para discutir o conceito de sociabilidade, utilizarei a teoria proposta por Georg Simmel (2006), em que o autor compreende esse conceito como uma forma de sociação na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade, desenvolvem-se conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (Simmel, 2006, p.60). Com base em tais considerações analisarei a adesão e o pertencimento dos indivíduos e suas famílias, interagindo em diferentes ambientes que formam as sociabilidades que integram as práticas e vivências do mundo maçônico.

Quanto aos conceitos de sociedade iniciática e simbolismo, terei como fundamento o trabalho de Mircea Eliade (2011). O autor afirma que todo espaço iniciático implica uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que envolve os indivíduos e os torna qualitativamente diferentes em relação aos não iniciados neste espaço, ou seja, os que convivem em um espaço profano. A partir na iniciação em determinada sociedade, o indivíduo passa por experiências que representam uma possível “fundação do mundo”: lá onde o sagrado se manifesta no espaço, *o real se revela*, o Mundo vem à existência (Eliade, 2011, p.59).

O autor firma ainda que o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que neste ambiente os iniciados criam e organizam uma espécie de *cosmo* que dá sentido ao caos no qual o mundo profano está imerso. E que a partir desse simbolismo de criação e significação ritual, os indivíduos, de certo modo, passam por um processo de mudança, um novo começo, uma nova vida. Tudo isso sobressai com muita clareza do ritual e discurso presente no meio pesquisado.

Para compreender as íntimas conexões entre os iniciados e as maçonarias, bem como a complexidade que isto envolve, analiso também, a adesão dos familiares às práticas maçônicas e suas implicações na vida social dos envolvidos. Baseado em minhas observações no campo, acredito que a iniciação não está restrita ao indivíduo. A

partir do momento que ele adere à maçonaria, sua família também passa a integrar um universo social muito maior, ou seja, passa a integrar a “família maçônica”³.

Neste sentido, penso ser possível pensar a iniciação em dois níveis distintos e complementares: 1º iniciação do indivíduo e 2º a iniciação da família do iniciado. Assim, para compreender a natureza destas iniciações, tenho de problematizá-las de maneira a englobar estes dois polos envolvidos nas relações sociais que afetam as ações dos indivíduos e do grupo que os mesmos passam a integrar.

De acordo com este modelo de flexibilidade, seria possível pensar em outro círculo de sociabilidade: um formado pelos maçons, que passaram por ritos de passagem (Van Gennep, 2011; Turner, 2005), e outro formado por familiares, que experimentam outras modalidades desses ritos iniciáticos – churrascos, bingos, jantares etc. Quando falo em círculos, penso em círculos concêntricos, como coloca Simmel ao discutir o conceito de moda, porque o indivíduo pode pertencer a diferentes círculos sociais. Assim, de acordo com Waizbort (2000), Simmel via cada relação como dotada de significação e merece ser considerada, pois como tudo é relacionado, como a sociedade, não é nada mais do que o conjunto das interações, a partir de cada interação singular é possível entrar na teia do todo relacional. Nesse sentido, Simmel analisa a sociedade de maneira a pensar a mesma como um conjunto infinito de interações, em que não existem vias privilegiadas de acesso – o que ele chama de caráter sincrônico - onde o mundo está organizado em uma multiplicidade de relações.

Tendo em vista as considerações de Simmel, em que tudo está relacionado a tudo, trata-se aqui de refletir sobre os laços dessas relações, trata-se de observar as relações mútuas, os “efeitos infinitamente múltiplos” (Waizbort, 2000, p.99), as intenções e as formas que ocorrem no mundo maçônico e na vida dos maçons e suas famílias.

No ponto em que contemplo as reflexões sobre o conceito de sociabilidade, utilizarei os estudos de Simmel (2006), Aymard (2009) e Frúgoli Jr (2007) e, no tocante ao conceito de individualismo utilizarei as obras de Simmel (2006), Giddens (1991), e Dumont (1985). Desta forma, em que pesem as diferenças estruturais dos autores citados, bem como suas diferenças históricas, escolhi esses autores e obras de forma a construir um diálogo possível entre os maçons e os múltiplos sentidos que surgem de suas narrativas.

³ Termo muito usado pelos maçons para designar o envolvimento entre os membros e seus familiares.

O aporte de estudos de historiadores, a literatura maçônica e a observação empírica contribuíram para a investigação dos aspectos do projeto de vida apontado por Velho (2008), já que tento, em poucas palavras, entender os interesses dos indivíduos que se iniciam na maçonaria. De alguma forma, acredito que a opção em ingressar nesta sociabilidade tem um caráter individualista. Devido à sua posição na estratificação social, uma vez iniciado, o indivíduo é capaz de manipular diferentes recursos simbólicos ligados a domínios distintos, permitindo-lhe mover-se entre vários níveis nas camadas sociais presentes na hierarquia maçônica. Apesar da abordagem acima ser possível, busco outra via de análise. Ainda seguindo os estudos de Velho (2008), Simmel (2006) e Giddens (1991) sobre o individualismo na sociedade contemporânea, procurei refletir sobre como indivíduos iniciam-se na maçonaria, indivíduos que pertencem a diferentes camadas da estratificação social: funcionários públicos, militares, professores, advogados, médicos, enfermeiros, contadores, políticos, pastores, etc. Em geral, pertencem às camadas médias urbanas, com recursos financeiros e educacionais acima da média dos padrões de sua classe, com posições bem definidas em suas profissões e cargos exercidos. Nesse sentido, em minhas observações no campo, pude notar também que, na localidade estudada, os maçons de maneira geral atuam em diferentes níveis da esfera do poder público e privado. Em Itaperuna, os maçons fazem-se representar em muitos órgãos e cargos políticos que ocupam. Em geral, ocupam cargos em que exercem uma determinada autonomia e poder. Dentre eles, destaco: vereador, chefe de gabinete, comandante de polícia, etc. No campo privado, destacam-se pequenos e médios empresários que exercem suas atividades comerciais e desempenham um papel importante junto à economia da cidade.

Contudo, busco promover este debate de forma interdisciplinar recorrendo às reflexões e métodos desenvolvidos em vários campos das Ciências Sociais e Humanas. Esta pesquisa contribui ainda para ampliar o debate em torno de estudos sobre a maçonaria e seus membros. Para compreender melhor o universo pesquisado, tive como ponto de partida obras referenciais no tocante aos estudos sobre os maçons e a maçonaria no Brasil. Dentre as obras escolhidas, destaco os estudos feitos por historiadores como Alexandre Mansur Barata (2006), Marco Morel (2005), José Rodorval Ramalho (2008) e Célia Maria Marinho de Azevedo (1997).

Barata (2006) estuda a atuação dos maçons e da maçonaria, tendo como recorte temporal as últimas décadas do século XIX e início do século XX (1870-1910). Com base em uma extensa pesquisa, feita em arquivos públicos, seus estudos mostraram a

intensa participação da maçonaria no cenário político nacional. Suas descobertas nos revelaram uma maçonaria atuante como grupo de pressão, reivindicando a abolição da escravatura, da separação da Igreja e o Estado e da universalização do ensino primário, dentre outros fatores que movimentaram a sociedade brasileira neste contexto. Suas considerações deixam evidente a natureza heterogênea das maçonarias brasileiras.

Morel (2005) aborda as maçonarias presentes na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1820 e 1840. A partir do ponto de vista das sociabilidades, Morel discute as transformações dos espaços públicos e suas formas de interação com os atores políticos e a imprensa. Através de uma análise rigorosa de documentos primários – manuscritos, jornais, cartografias - ele desenvolve um trabalho que explora as agitações políticas da época e o envolvimento expressivo de maçons nestes movimentos que, segundo o autor, estavam muito presentes no primeiro reinado e o período regencial. Suas produções reúnem uma visão globalizante das ações políticas da época e as diferenças ou divisões entre os maçons e o modo de atuação das maçonarias neste momento cambiante da história de nosso país.

Ramalho (2008) analisou a entidade Grande Oriente do Brasil (GOB) em Sorocaba (São Paulo) e, mais especificamente, a Loja Maçônica Perseverança III. O pesquisador teve contato com a temática ao realizar um trabalho sobre filantropia empresarial e, então, discutindo a temática envolvendo Tradição e Modernidade na maçonaria brasileira, estuda os mecanismos de reprodução institucional maçônicos no Brasil contemporâneo.

Os estudos de Marinho de Azevedo (1997) visam entender o problema da perda de visibilidade da maçonaria na história do Brasil, discutindo esse aspecto através do paralelo entre História e Historiografia. A partir deste ponto, visa também refletir sobre os novos rumos da Historiografia Ocidental sobre a maçonaria, focando suas análises nos clássicos da historiografia nacional.

Para a abordagem da adesão a uma sociedade iniciática empreenderei o estudo de forma a evidenciar o método antropológico da etnografia, baseado nas obras de Geertz (2001) e Clifford (1998). Mesmo tendo suas diferenças teóricas, esses autores demonstram, em diferentes graus, que a etnografia torna-se muito importante no desenvolvimento do conhecimento e na descrição das ações socioantropológicas de determinados grupos ou indivíduos.

Na pesquisa, a etnografia foi usada tendo em vista sua maneira de ilustrar e registrar a densidade simbólica das narrativas e uma série de vivências do mundo

maçônico. Através desse método, pude perceber significados e valores de uma experiência que pode assumir um sentido de “transformação” pessoal e social, dos iniciados e seus familiares. O trabalho de campo, tão caro às pesquisas de cunho antropológico, demonstrou-se muito eficaz e produtivo para que eu pudesse compreender os diferentes sentidos e valores que eram evidenciados nas atividades feitas pelos maçons às quais pude ter acesso. Para realizar a investigação, procurei observar os eventos os quais reuniam a família maçônica (reuniões, jantares, encontros e bingos).

A partir da leitura destes trabalhos, procurarei também explorar as obras de escritores maçons, pois sabedor de que existem infinitos trabalhos de autoria de membros da maçonaria, utilizarei apenas as obras mais lidas pelos maçons para compreender melhor a complexidade de seus ritos e leis. Escolhi estas referências maçônicas pautado na expressividade em que elas são usadas nos escritos publicados em *sites* e *blogs* que discutem os estudos maçônicos. As obras escolhidas são frequentemente referenciadas nos “trabalhos” e publicações maçônicas a que tive acesso. Desta forma, achei pertinente utilizá-las na pesquisa, com intenção de investigar qual o seu conteúdo e de que forma elas passam a integrar o cotidiano e o aprendizado dos maçons. Dentre os autores maçons, destaco as obras de José Castellani (1986), Albert Mackey (2008), Nicola Aslan (1974) e Armando Figueiredo (2008).

Não tive a intenção de explorar as obras da literatura maçônica em profundidade, procurei fundamentalmente usá-las como um aparato auxiliar, de um lado, comparando-as com o discurso e as práticas dos membros observados em campo. De outro, buscando informações sobre ideias, valores e práticas que configuram a maçonaria, já que esta associação tem no segredo, sobretudo o resguardo de rituais, uma de suas características.

Por se tratar de um conteúdo unilateral, tentei não fazer uso indiscriminado desse material, muito menos promover juízos de valor sobre as teorias desenvolvidas pelo mundo pesquisado. Meu propósito foi tratar os discursos verbais e a literatura produzida pelos maçons a fim de compreender como a idéia de indivíduo é percebida e “trabalhada” dentro da maçonaria e como o iniciado passa a socializar-se com o mundo maçônico. A pesquisa usou tais fontes como um meio de refletir sobre os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade, e como eles dão sentido aos valores e ideais do mundo maçônico.

Para isso, tornava-se fundamental ouvir os maçons, e saber quais são suas

formas de atuação na construção de uma rede de significados, dentro da qual procurei identificar relações sociais, identidades e subjetividades. Assim sendo, empreendi um amplo trabalho de campo ao longo da pesquisa, que se estendeu por um período de dois anos (2010 e 2011), quando tive oportunidade de participar de encontros, reuniões, bingos e eventos, que de alguma forma reunia a família maçônica. Visitei *sites* e *blogs* que oferecem informações sobre maçonaria e maçons. Formulei um questionário respondido por muitos maçons, e mapeei o campo investigado. No entanto, uma das funções que me permitiu maior contato com o mundo maçônico foi a entrevista. Nas diversas entrevistas feitas, selecionei onze neste trabalho, nas quais pude compreender e interpretar melhor os diferentes sentidos e motivações que levavam as pessoas a se iniciarem na maçonaria.

Utilizei a metodologia de entrevistas em profundidade. Segundo Duarte & Barros (2005) trata-se de uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística. Para analisar os pontos de vista de meus informantes, usei o método da entrevista individual direta e semiestruturada, que permitiu explorar as impressões fornecidas por meus informantes.

Primeiramente empreendi uma série de entrevistas exploratórias, com a intenção de melhor formular um roteiro que tornasse mais homogêneo o conteúdo analisado. Após esse processo, o roteiro evoluiu para as questões as quais estão listadas nos anexos. Conforme procedia às entrevistas, o roteiro permaneceu o mesmo, contudo as respostas tomaram rumos diferentes, o que, a meu ver, é natural e enriqueceu ainda mais o trabalho. Busquei desenvolver entrevistas que abrangessem o maior número de informações possíveis sobre os informantes e seu mundo. Este amplo material oriundo dessas entrevistas permitiu entender um pouco mais sobre as práticas e valores dos maçons e, acima de tudo, perceber como a vivência desta experiência iniciática pode ou não modificar suas vidas e trajetórias. Através dos relatos dos entrevistados pude entender melhor o mundo maçônico e compreender os caminhos de uma iniciação e a atuação de indivíduos dentro e fora da Loja Maçônica. Consta nos regulamentos maçônicos que os maçons têm os seguintes deveres essenciais: amor à família,

fidelidade e devotamento à pátria e obediência à lei.⁴ Assim, busquei observar as questões que surgiam do meio estudado, tentando perceber como os entrevistados se concebem e percebem-se como membros de uma organização que afirma preparar seus membros para atuar em prol do bem-estar de sua família e comunidade.

Estas concepções são partes de um conjunto de leis que regem a conduta dos maçons. Esse conjunto de leis deve ser adotado por todos aqueles que desejam fazer parte das relações que regem o mundo maçônico. Os maçons de uma forma geral devem ser exemplos de boa conduta e confiabilidade. Devem zelar pelo cumprimento de todos os seus compromissos e contratos sociais (casamento, aquisição de bens, etc.), aliados à prática extensiva de ações beneficentes para os mais carentes de sua comunidade (intra e extragrupo). Essas práticas demonstram ser praticadas em maior ou menor grau no grupo pesquisado.

Dessa forma, o conhecimento acumulado por Geertz (2001) e Clifford (1998), sobre etnografia e no estudo do *ethos* e visões de mundo de indivíduos de diferentes sociedades será de suma importância para dar uma interpretação coerente do grupo estudado. Não farei um estudo, sistematicamente antropológico, até porque minha formação contempla o estudo da História. Contudo, a reflexão sócio-antropológica se mostra mais eficaz para se estudar grupos atuantes na sociedade contemporânea. Não deixarei de contemplar os estudos históricos sobre o tema, porém minha pesquisa visa discutir a temática no presente. Daí o uso desta abordagem interpretativa que busca observar uma pequena localidade no interior do Estado do Rio de Janeiro (Itaperuna), e compreender quais são os motivos que levam os indivíduos a aderirem a uma sociedade iniciática nos dias atuais.

Itaperuna atualmente é a maior e mais desenvolvida cidade da região noroeste fluminense. O município possui uma população de aproximadamente 95.876 habitantes, segundo dados do IBGE (2010), e é considerado um município de médio porte. Contudo, funciona como importante centro político, econômico, religioso, educacional, etc., para as pequenas cidades que formam essa microrregião. Assim, como nos demais setores acima apresentados, Itaperuna também apresenta uma estrutura significativa tratando-se de organizações assistenciais e sociais, como clubes de serviço (*Lions*, *Rotary*, *Rotaract*, etc.) e organizações maçônicas. Porém, escolhi investigar as maçonarias e seus membros, com a intenção de investigar as motivações que levaram os

⁴ Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2009, p. 8.

indivíduos a aderirem às sociabilidades maçônicas. A cidade possui um significativo número de membros e espaços maçônicos, onde os membros e seus familiares fazem encontros e eventos. Atualmente pode-se contar mais de 300 membros (ativos e inativos) iniciados nas seis Lojas Maçônicas existentes na cidade. Nesse sentido, acredito que Itaperuna constitua um espaço privilegiado para o mundo maçônico e suas práticas, dado o número de membros e espaços, em comparação com outros municípios que são de grande porte e não possuem tamanha expressividade em número de Lojas Maçônicas e por conseguinte iniciados. A cidade também conta com uma empresa que comercializa produtos específicos para a ritualística maçônica (uniformes, bandeiras, paramentos, etc.). Penso que este trabalho possa contribuir para focalizar as experiências e formas de sociabilidade presentes no mundo maçônico, bem como contribuir com os estudos sobre cidade/urbanidade, sobretudo o entendimento de como isso se realiza nas cidades de médio porte.

Inicialmente, proponho pensar nessa cidade a partir dos espaços maçônicos e seus frequentadores, buscando investigar a adesão e permanência dos indivíduos e familiares nestes espaços, tomando-se assim, como ponto de partida o espaço onde são praticadas, foi possível mostrar que cidades de médio e pequeno porte também oferecem lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento conviviabilidade, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, e criam modos e padrões culturais diferenciados. É nesses espaços onde se tece a trama do cotidiano: a vida do dia a dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais (Magnani & Torres, 1996, p.13), que dão sentido à vida em sociedade.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentarei meu trabalho etnográfico. Neste capítulo, apresento e delimito minhas incursões de campo, junto ao universo pesquisado. Inicia-se com uma pequena história de como tive o primeiro contato com o mundo maçônico. Em seguida, passo a descrever como estão organizadas as maçonarias em Itaperuna, onde estão localizadas as Lojas maçônicas, e os eventos feitos por elas, a partir de minhas observações e participações junto dos mesmos. Ainda neste capítulo, apresento e analiso as entrevistas feitas com meus informantes. Tanto feitas *in loco* com os maçons, quanto o material de depoimentos e informes registrados nos *sites* do universo maçônico.

No segundo capítulo faço um breve histórico da sociabilidade maçônica, buscando compreender suas origens e mitos. Contudo, não tenho como objetivo

principal discutir a fundo os aspectos históricos da maçonaria. Esses elementos já foram explorados por outros pesquisadores. Busco somente contextualizar essa organização no tempo e no espaço, e analisar como suas lendas e mitos surgiram e são apreendidos por seus iniciados. Escolhi estudar esses elementos com a intenção de compreender como as representações maçônicas surgiram e quais são seus referenciais. Assim, procurei investigar quais são os elementos usados pela sociabilidade maçônica na “construção” da moral e conduta de seus membros. Através do diálogo estabelecido com esse histórico, percebe-se como esta organização ganhou visibilidade no Brasil e no mundo.

No terceiro capítulo, trato da iniciação e do sistema ritual maçônico. Demonstro como é construída a estrutura do mundo maçônico e especificamente como isso forma a identidade dos membros e altera seus sentidos e valores, na busca do autoconhecimento e transformação pessoal e social. Dentro deste enfoque, adoto uma perspectiva que se afasta do pressuposto positivista de entender a maçonaria enquanto um fenômeno objetivo a ser descrito; procuro dialogar com uma perspectiva que privilegie compreender como essa estrutura confere novas formas e conteúdos à vida de seus iniciados. Viso discutir a maçonaria enquanto uma organização discreta que congrega um número significativo de pessoas, e que por se tratar de uma instituição iniciática, filosófica e filantrópica, torna-se uma ampla rede de significados, dentro da qual podemos identificar, e interpretar relações sociais e formas de construção de identidades construídas a partir de um *ethos* particular.

No quarto e último capítulo, apresentarei minhas considerações sobre o a adesão e pertencimento maçônico. Neste ponto do trabalho discuto as motivações que levam os indivíduos a aderirem aos ensinamentos e práticas maçônicas. Viso também, evidenciar o que é aprendido e como isso modifica as vidas dos maçons e seus familiares. Também discutir sobre as diferentes formas e conteúdos das sociabilidades maçônicas. Nesse sentido, busquei descrever as relações que envolvem as sociabilidades existentes no mundo investigado. Desta forma, busquei compreender como uma organização centenária convive com as mudanças da sociedade contemporânea.

Nas considerações finais, apresento uma síntese dos principais resultados, com isso, porém, quero deixar claro que minhas questões não representam as visões de mundo de todas as maçonarias e nem tampouco a de todos os maçons. Minha investigação procurou cooperar um pouco mais para os estudos sobre esta temática. No entanto, os caminhos escolhidos por esta pesquisa podem servir como ponte para outras perspectivas teóricas, sendo essa minha grande motivação.

Capítulo 1: O trabalho Etnográfico

1. Delimitações do Campo

Neste trabalho analiso as Lojas Maçônicas, especificamente as de Itaperuna, como um ambiente onde indivíduos agem de maneira peculiar, através de uma expressão simbólica voltada para a construção do eu. Por definição, a maçonaria é uma organização que *pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade.*⁵

Apesar de a organização maçônica ser conhecida mundialmente, suas práticas e valores são desconhecidos para a maioria das pessoas. No entanto, ao escolher essa temática, esse estudo visa fundamentalmente compreender como esses ensinamentos e valores são apreendidos pelos seus membros e, em certa medida, investigar as motivações e peculiaridades que levam os indivíduos a se associarem à maçonaria. Nesse sentido, acredito que a maçonaria difere de outros grupos sociais pelo fato de seus interesses iniciáticos e filosóficos estarem ligados ao autoaprimoramento. O maçom deve praticar a arte de construir a si mesmo. Para isso, deve aderir a uma série de rituais e praticá-los através de cujo simbolismo afirmam ser capazes de promover uma “reforma” na vida de seu praticante. Considerando esse aspecto, convém indagar: como os maçons (entrevistados) apreendem esses ensinamentos e como isso é formulado no interior do grupo pesquisado?

Na maçonaria, o iniciado é visto como uma “pedra bruta”⁶, e à medida que ele vai assimilando os ensinamentos e vivenciando-os, diz-se que a “pedra bruta” está sendo trabalhada e deve buscar tornar-se uma “pedra polida”⁷. No processo de iniciação, o membro, na busca da “perfeição”, morre para uma vida de vícios (profana), e renasce simbolicamente buscando uma nova vida, mais “justa e perfeita”, conforme consta nos depoimentos coletados e na literatura maçônica.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que, através de uma simbologia singular, a instituição impõe novas formas de relação e de significação para seus

⁵ Segundo a Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2009, p.8.

⁶ Conforme a literatura maçônica simboliza a personalidade rude do aprendiz, cujas arestas ele aplaina, e que lhe cabe disciplinar, educar e subordinar à sua vontade. É a imagem alegórica do profano antes de ser instruído nos mistérios maçônicos (Figueiredo, 2008, p.330).

⁷ Se a tarefa do aprendiz foi “desbastar a” pedra bruta com o malho e o cinzel e ajuda da régua, a tarefa do companheiro será “poli-la” com auxílio do esquadro, nível e prumo, para torná-la cúbica (Idem).

iniciados. Diante desse processo, baseado em Velho (2003), percebo a maçonaria como sendo um ambiente fecundo para se pensar na *metamorfose* do indivíduo e suas formas de interação ritual.

No que se refere ao estudo, analisei a maçonaria como uma organização presente no ambiente urbano e que, de alguma maneira, está mais fortalecida em comunidades pequenas, onde os membros frequentam ambientes comuns e compartilham dos mesmos rituais de interação. Portanto, em comunidades de pequeno/médio porte, as relações sociais entre os indivíduos são mais próximas. No caso dos maçons de Itaperuna, acredito ser um fator que influencia diretamente na organização e crescimento dos laços fraternais firmados nos ambientes maçônicos. Interagindo dentro e fora do ambiente maçônico os indivíduos encontram uma forma de desenvolver seus projetos e valores pessoais, levando em conta os benefícios proporcionados pelos valores e normas da sociedade maçônica, como ajuda mútua e a fraternidade entre os “irmãos”. Sendo assim, fazer parte da maçonaria torna-se muito importante para aqueles que desejam ampliar sua rede relacional, podendo assim conviver com diferentes *status* sociais.

Ser maçom, na opinião dos entrevistados, é ser um indivíduo “livre e de bons costumes”, que pode ser entendido como um indivíduo honesto e exemplo de boa conduta moral. Portanto, ser maçom em uma pequena comunidade é ser exemplo de boa conduta e retidão moral, o que pode funcionar como atestado de confiabilidade e respeito. Isso fica evidente na comunidade estudada, em que os maçons, em sua maioria são tidos como pessoas “boas” e “caridosas”, que se reúnem em prol de ajudar o próximo. Em Itaperuna, os maçons são reconhecidos e demonstram seus laços de amizade e união através de eventos públicos (bingos, churrascos, jantares, etc.) destinados a angariar fundos e a promover encontros entre seus familiares e a comunidade em geral.

Segundo os relatos dos maçons, a maçonaria de Itaperuna é muito atuante na cidade e no mundo maçônico. Orgulham-se em dizer que possuem um dos membros ativos mais antigos em atividade. Fazem viagens juntos, eventos particulares, visitam as famílias um dos outros, convidam novos membros para aderir à Ordem Maçônica.

Para tratar a temática, o trabalho teve como fontes de pesquisa o caráter etnográfico e bibliográfico ancorado na História, Sociologia e na Antropologia. Priorizei a metodologia etnográfica. Nesse sentido, estou aproximando meu pensamento do conceito etnográfico proposto por Clifford Geertz (2001) e James Clifford (1998). Sabedor de que ambos os autores tecem críticas às construções teóricas e metodológicas

da antropologia, entendo que seus pontos de vista são cruciais para a elaboração de minha descrição. Quando falo em método etnográfico ou etnografia, refiro-me aos modos de pensar este método como um instrumento de pesquisa e narrativa muito usado pela antropologia.

Clifford Geertz (2001) é representante de uma linhagem de autores que trabalham o caráter simbólico da (s) cultura (s). Geertz vê o comportamento como uma ação simbólica, sendo sua principal preocupação analítica o significado destes comportamentos. Para Geertz, existem algumas características importantes em uma descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o “fluxo do discurso social”; e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o dito num discurso social; e a interpretação consiste em salvar o dito num discurso, de modo que ele não se extinga em formas pesquisáveis. E há, ainda, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como ele a pratica: ela é microscópica.

Tendo em vista os argumentos acima, penso ser importante pesquisar/analisar certa cultura através da descrição etnográfica. Desta forma, torna-se possível registrar as formas e os conteúdos de determinada cultura, de maneira que eles não fiquem perdidos, ocupem um lugar no tempo e no espaço, através de uma idéia de localidade, que se refere a um cenário físico da atividade social de determinado grupo ou sociedade. Essa descrição, mesmo que microscópica, pode integrar uma série de perspectivas capazes de dar significado a uma série de aspectos políticos, econômicos e sociais que são mobilizados nestes mundos e que vão fazer parte de um escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais, movendo assim, a roda da História. Este amplo material, oriundo desse fazer etnográfico, em minha pesquisa, permite entender as lógicas e valores que motivam os indivíduos a aderirem ao mundo maçônico e nele permanecerem, e quais são as implicações desse dinâmico processo sincrônico entre Indivíduo e instituição e vice-versa.

Segundo Geertz (2001), a etnografia deve ser uma descrição densa. Para ele, devemos construir uma leitura do que acontece na ocasião, ou naquele lugar, em que pessoas específicas dizem o que elas são e sobre o que fazem, e o que é feito a elas. Desta forma, seremos capazes de compreender o que significa a trama do sistema cultural investigado.

Nesse sentido, Geertz entende por realidade microscópica o conjunto de realidades confrontadas pelos cientistas sociais (poder, mudança, opressão), no qual

cabe ao antropólogo analisar essas realidades de forma diminuta e, enfim, retirar deles a essência de sua investigação.

Seguindo o pensamento de James Clifford (1998), empreguei o método etnográfico como uma atividade híbrida, vista fundamentalmente como um campo articulado pelas tensões, ambiguidades e indeterminações próprias do sistema de relações do qual faz parte a relação entre observador e observado. Para ele, não há fronteiras definidas, enquanto escrita e experiência, o que existe é uma indeterminação entre linguagem e a experiência etnográfica. Acredito, assim como Clifford (1998) que a etnografia esteja do início ao fim imersa na idéia de uma escrita. Em que observador e observado, sob o argumento de uma descrição, estão cercados por evocações e limites que formam um contexto global sobre determinados eventos e atores específicos, no nosso caso as maçonarias de Itaperuna e seus membros.

Assim sendo, minha pesquisa investigou o mundo maçônico, buscando formular descrições quanto possíveis das formas simbólicas da maçonaria, dos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, em que os maçons estiveram interagindo em sua sociabilidade. No entanto, não tinha a pretensão de fazer uso do método etnográfico em seu uso mais estrito. Utilizei o método com a intenção de estruturar minhas proposições, tentando sistematizar de forma compreensiva e significativa minhas descobertas.

Relacionada com essas concepções e ainda considerando a maçonaria como uma instituição civil organizada em que sua expressão de sociabilidade mostra-se presente nos mais variados episódios sociopolíticos da modernidade, procuro entender que tipo e de sociabilidade (s) existe no interior da maçonaria, bem como refletir o que pauta a interação no interior dessa organização. Consequentemente, procuro investigar o que caracteriza o pertencimento maçônico no que tange ao associado e como isto integra e contribui para compreender a sociedade contemporânea. Desta forma, investigo a adesão à maçonaria, indagando o que os novos membros procuram alcançar, como se percebem, como integram a associação, como interagem com os membros e não membros e seus familiares.

Para investigar essa problemática, selecionei as Lojas Maçônicas da cidade de Itaperuna e seus membros e familiares como campo de pesquisa. Não somente as Lojas, no sentido estrito do termo (construção/prédio), mas também os eventos ligados a elas, tais como: bingos, churrascos e encontros. No entanto, nesses eventos também realizei entrevistas com os membros, e estabeleci contatos com dirigentes e pessoas ligadas à maçonaria de uma forma geral. O que mais me chamou a atenção foi o fato de que uma

entrevista sempre terminava com a sugestão de possíveis novas entrevistas, com outros maçons por recomendação daquele que acabara de me conceder seu relato. Portanto, muito do conteúdo que agora apresento teve origem em conversas e entrevistas oriundas da indicação dos próprios maçons.

Através desses contatos recebi diversos convites para visitar Lojas e museus que preservam em seu interior muito elementos da cultura e simbologia maçônica. Duas dessas visitas foram muito importantes para mim. A primeira foi a visita que fiz à sede do Grande Oriente do Brasil, em Brasília/DF. Esta visita forneceu-me muitas informações sobre a história e funcionamento da maçonaria brasileira. Nesta sede pude visitar um museu que apresenta muitas peças referentes ao mundo maçônico.

Outra visita foi a oportunidade em que pude conhecer a Loja Maçônica Comércio e Artes nº 1, sediada desde 1815 na cidade do Rio de Janeiro. Esta edificação é conhecida no mundo maçônico como “Loja Mãe” da maçonaria brasileira. Em ocasião de minha visita à edificação estava passando por um processo de reforma. Contudo, pude visitar muitas dependências dessa antiga Loja e objetos referentes aos maçons que ali se reuniam.

Gostaria de esclarecer também que chamo meus informantes de maçons em um sentido amplo, pois entrevistei e convivi com maçons de diferentes graus de participação dentro da maçonaria. Uns são membros ativos e atuantes dentro das Lojas Maçônicas, outros são membros “afastados”, “desligados” ou “adormecidos”, de acordo com o jargão maçônico⁸. Ouvi essas pessoas com a intenção de melhor compreender as razões e motivações que as levaram a participar e até mesmo deixar de participar das atividades maçônicas. Vale lembrar que meus objetivos buscam investigar o porquê da adesão e permanência. Portanto, privilegiarei os discursos e práticas dos maçons diretamente ligados ao primeiro grupo, ou seja, os maçons ativos e atuantes.

As visitas aliadas às entrevistas e observações cooperaram para que eu aprofundasse um pouco mais na história e entendesse as diferentes formas e conteúdos dos variados ritos e práticas do mundo maçônico. Todos esses elementos funcionaram como ponte para que eu pudesse realizar minha observação participante ao mesmo tempo em que as próprias visitas funcionavam como parte dessa observação. Todo esse processo capacitou-me, do ponto de vista pessoal, fez aprimorar meu olhar teórico e

⁸ Membros afastados dos quadros oficiais da Loja, ou seja, um maçom que por algum motivo não participa diretamente das atividades de sua Loja.

prático, o que ajudou em todas as experiências posteriores no campo investigado, ou seja, as maçonarias itaperunenses.

1.1 Breve Histórico do Município de Itaperuna

Itaperuna, cidade de médio porte localizada no norte fluminense, tem por primeiros registros da presença de colonização ou exploração de suas terras, até então, região de mata fechada e ocupada por índios Puris, chamada de sertão da Pedra Lisa – deu-se por volta de 1820. Segundo o historiador Alberto Lamago (1950), a grande tarefa de explorar o rio Muriaé era um desafio aos proprietários de cana-de-açúcar, que desejavam expandir seus domínios. Portanto, penetrar nesses longínquos matagais impróprios à criação e à cana de açúcar, somente existia nessa época uma possibilidade econômica: a exploração de jacarandá.

Segundo Henriques (1956), no fim do século XIX, a Vila de São José do Avaí, criada pela lei provincial nº 2.921, de 29 de dezembro de 1887, foi elevada à categoria de cidade com denominação de Itaperuna, de acordo com o decreto nº 2, de dezembro de 1889. Segundo o autor de “*A Terra da Promissão*”, a palavra “Itaperuna” foi usada pela primeira vez na legislação do Estado, na assinatura do Decreto nº 2.810, de 24 de novembro de 1885. Afirma ainda que esse nome foi dado pelo médico e presidente da Estada de Ferro do Carangola, Francisco Portela que, ao se embrear mata adentro nas proximidades do distrito de Santo Antônio do Carangola (atual Porciúncula), conheceu uma grande elevação de pedra, parecida com o dorso de um elefante (pedra Elefantina). Para quem vinha do sul em direção ao norte, até chegar a essa pedra, teria de passar pelo local onde hoje se encontra a cidade de Itaperuna. O nome “Itaperuna” teve origem na existência dessa pedra. Segundo Henriques (1956), “Ita” – quer dizer, em guarani, pedra; “una” – preta, e, “per” – caminho, o que vem a ser: *caminho da pedra preta: Itaperuna* (Henriques, 1956, p.82).

O novo município era formado por 13 distritos: 1º, São José do Avaí; 2º, Nossa Senhora da Penha; 3º, Laje do Muriaé; 4º São Sebastião da Boa Vista; 5º, Natividade do Carangola; 6º, Santo Antônio do Carangola; 7º, Varre-Sai; 8º, Santa Clara do Carangola; 9º, Arrozal de Santana do Itabapoana; 10º, Bom Jesus do Itabapoana; 11º, Santo Antônio do Itabapoana; 12º Santa Rita do Ouro Fino (Ourânia) e 13º, São Sebastião da Vista Alegre (Purilândia). Com o passar dos anos, a maioria desses distritos se emanciparam e tornaram-se cidades em torno de Itaperuna.

Este município gozava de muito prestígio junto ao governo do Estado. Itaperuna tornou-se próspera e rica com o ciclo do café. A elite itaperunense elegeu diversos representantes junto à Assembleia Legislativa do Estado e no Senado Federal.

Itaperuna era formada por uma elite agrária e politicamente tradicional. As primeiras administrações foram feitas por proprietários rurais, médicos e militares. Suas ações no governo municipal visavam manter uma política oligárquica e em consonância com os atos do governo estadual. Após seu apogeu econômico, Itaperuna também sofreu com as crises do final da produção cafeeira e a crise mundial de 1929. A cidade não acompanhou as mudanças decorrentes do ritmo da economia internacional e sofreu duros efeitos em suas fontes de renda nas décadas de 20 e 30.

Tendo em vista o trecho acima, pode-se inferir que o município de Itaperuna já esteve entre os “grandes” representantes do Estado do Rio de Janeiro. Por não ter acompanhado as novas demandas impostas pela economia o município teve repensar suas fontes de renda e procurar novas maneiras de projetar-se no cenário político e econômico fluminense.

Com 121 anos de emancipação política, o município ainda hoje ocupa um lugar de destaque na configuração sociopolítica da região noroeste fluminense. A cidade é a mais desenvolvida e a maior cidade do Noroeste Fluminense. Atualmente Itaperuna possui uma população de aproximadamente 95.876 habitantes, segundo dados do IBGE (2010), distribuídos em uma área de 1.105,34 km², e está dividida em seis setores e quarenta e seis bairros.

Este município possui o comércio mais desenvolvido do noroeste fluminense e atende um enorme fluxo de pessoas diariamente de Itaperuna e cidades vizinhas. Nas ruas do centro da cidade (Avenida Cardoso Moreira, Rua Assis Ribeiro e Rua 10 de Maio) estão localizados o maior número de lojas e escritórios comerciais. Itaperuna também é um polo de confecções e atende de forma significativa à demanda regional. Possui também um polo de lojas de confecções que recebem muitas excursões de revendedores de toda a região.

Na área educacional, a cidade oferece cursos profissionalizantes e cursos universitários. Hoje Itaperuna conta com três faculdades particulares, o Centro Universitário São José de Itaperuna (FAFITA), a Universidade Iguazu (UNIG), e Sociedade Universitária Redentor (Faculdade Redentor). Conta ainda com algumas extensões e parcerias feitas com Universidades Federais e Estaduais, entre elas a Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Estadual do Rio de Janeiro

(UERJ), com cursos oferecidos pela Fundação Universitária de Itaperuna (FUNITA) Administração de Empresas e Educação Física respectivamente, e um Polo do Centro de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (CEDERJ) e uma unidade da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro (FAETEC).

Outro importante ponto a ser destacado sobre Itaperuna perpassa sua atuação no campo médico hospitalar. A cidade possui um importante hospital, o maior e mais completo do noroeste fluminense, o Hospital São José do Avaí. O Hospital São José do Avaí é uma instituição sem fins lucrativos e congrega centros de tratamento e prevenção a diversas patologias e faz uma média de dez mil atendimentos mensais. Esta instituição presta serviços públicos, através do Sistema Único de Saúde e particulares, em diferentes especialidades. Devido ao seu alto índice de atendimento e qualidade dos serviços prestados, hoje o Hospital São José do Avaí é responsável por um grande fluxo de pessoas frequentam Itaperuna para fazerem tratamentos/consultas ou acompanharem seus familiares e amigos. O município ainda conta com mais um hospital particular, Hospital das Clínicas, e diversas clínicas e consultórios, o que de alguma forma mantém um considerável número de pessoas visitando a cidade diariamente.

1.2 Os Espaços Maçônicos

A maçonaria itaperunense, assim como as demais, é constituída por organizações independentes que seguem uma mesma linha de práticas e rituais. Elas possuem a mesma base filosófica, com um corpo de rituais próprios e níveis diferenciados de iniciação e hierarquia. São iguais em forma, mas diferem em seu conteúdo.

Pude perceber que essas implicações são percebidas nas Lojas Maçônicas de Itaperuna. No local estudado existem diferentes ritos e potências maçônicas. Observando mais de perto, pude notar que existem diferentes *espaços* e práticas maçônicas presentes no campo investigado. Percebi que, além de uma variedade de ritos e potências, existem ambientes onde a instituição maçônica se faz presente, mesmo que de forma passiva. Enquadrarei esses ambientes como “espaços maçônicos”, que dão alguma visibilidade e demarcação da presença da organização nos espaços urbanos de Itaperuna. A partir do conceito weberiano de *tipo ideal*, empregarei aqui uma conceituação generalizante para construir um processo que abstrai uma conceituação teórica de um fenômeno concreto. Para que se torne possível uma conceituação de tipo-ideal uso esse recurso teórico com a intenção de dar visibilidade a uma forma particular

de ação social das maçonarias Itaperunenses, no caso os *espaços maçônicos*, e problematizá-los de acordo com suas características observáveis.

Segundo Certeau (2012), a idéia de espaço está condicionada aos vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo, e do conjunto de movimentos que aí se desdobram (Certeau, 2012, p.184). Para o autor, *o espaço lugar é um lugar praticado*, onde as pessoas que transitam, vivem e interagem neste espaço, possuem a capacidade de transformá-lo de acordo com as intencionalidades de seus ocupantes. Essa experiência caracteriza as ações de sujeitos históricos que dão movimento aos lugares que ocupam.

Deste modo, percebe-se que os *espaços maçônicos* são construídos por sujeitos/indivíduos que possuem uma determinada intenção (autoaprimoramento, *status* social, moralidade, etc.). Trata-se, inicialmente, de investigar como esses espaços e lugares atraem os sujeitos e quais as modificações que esses espaços possibilitam aos seus frequentadores.

A Loja constitui espaço onde seus praticantes, (no caso desta pesquisa, os iniciados), têm a oportunidade de se reconhecer e serem reconhecidos, bem como a oportunidade de transformar e serem transformados pelas práticas e valores que esses espaços conferem aos frequentadores. Dentro e fora desses espaços, os maçons das diferentes Lojas exercem seus papéis manifestando suas ações enquanto participantes de uma organização que preza pela retidão e moralidade de seus membros. Condição esta que só pode ser alcançada com esforço e dedicação de cada membro em prol do bem comum e na reelaboração do eu.

Reconheço seis formas distintas e entrelaçadas de espaços maçônicos em Itaperuna, sendo elas: as Lojas Maçônicas, as organizações paramaçônicas, as reuniões, os eventos fora da Loja, a Casa do Maçom, o Sítio do Bode e o marco maçônico. Esses elementos conferem aos membros da família maçônica compreensão e significação de seus valores e práticas. Os espaços são oportunidades para que os maçons e seus familiares validem seus hábitos rituais. Em outros termos, as práticas exercidas nesses espaços são meios escolhidos pelos participantes para atingir seus objetivos pessoais e específicos, o que me fornece subsídios para uma interpretação das inter-relações existentes nesse fenômeno social concreto. Ainda seguindo o sistema de *tipo-ideal* proposto por Weber (1974), quero registrar que tal conceito de espaços maçônicos é uma tipologia empregada por mim de maneira a observar as relações sociais presentes em momentos específicos da sociabilidade maçônica e passíveis de verificação.

O importante nessa tipologia é conferir uma abordagem que reflita sobre as particularidades qualitativas do comportamento da “família maçônica” em Itaperuna no momento em que compartilham de suas relações sociais. Por essas razões, a questão seguinte será apresentar os desdobramentos de minha investigação.

Neste ponto, proponho pensar essa cidade a partir dos espaços maçônicos e seus frequentadores. Nesse sentido, seguirei o pensamento de Agier (2011), que não pensa a cidade como um objeto em si, e sim como meio para estudar os pontos de vista de seus cidadãos, no qual me incluo, devendo o pesquisador primar pelo ponto de vista relacional. Quanto a isso, o autor expressa-se da seguinte maneira: *talvez essa fosse uma forma de apreender o conjunto da cidade como um sistema de relações e de significações, sem deixar de ser etnógrafo* (Agier, 2011, p.55).

A Loja ou templo é o espaço sagrado para o maçom, sendo marcado por realização de reuniões-rituais pautadas por exercício da fraternidade e de símbolos fundamentais para compor a ideia de lugar distinto ou separado do ordinário (Hurtado, 2008). Isto será desenvolvido no capítulo dois, que focaliza a instalação da maçonaria no país.

A localidade apresenta seis Lojas Maçônicas, sendo elas: A. . R. . L. . S. . N. . E. . Nº 17 (GOIRJ/COMAB); A. . R. . L. . S. . F. . N. . F. . (GOB-RJ); A. . R. . L. . M. . J. . S. . C. . (GLMRJ); A. . R. . L. . S. . N. . A. . (GOIRJ/COMAB); A. . R. . L. . S. . J. . R. . (GOIRJ/COMAB); A. . R. . L. . S. . T. . E. . (GOIRJ/COMAB)⁹. Todas elas são de localização e conhecimento público e apresentam em suas fachadas os emblemas maçônicos básicos (Esquadro, Compasso e Letra G). Congregam em seu interior mais de 300 membros (ativos e inativos), com formações profissionais e religiosas diversas.

O número de maçons residentes na cidade ultrapassa 300 membros, os quais são em sua maioria membros da classe média itaperunense, reunindo políticos, pastores, médicos, empresários, advogados, etc. Além das Lojas, a cidade possui uma organização paramaçônica, formada pelas esposas dos maçons regulares. Sua principal atividade é a prática da filantropia e trabalhos de cunho assistencial. Os Departamentos Femininos das Lojas Maçônicas de Itaperuna desenvolvem vários projetos junto às instituições de caridade da cidade (asilos, centro de assistência e hospital). Atuam em projetos como doação de cestas básicas, campanhas do agasalho, doação de fraldas geriátricas, confecção e distribuição de enxoval de bebês para famílias carentes. Todos

⁹ A fim de resguardar a identidade dos entrevistados, bem como das Lojas pesquisadas, utilizo letras para caracterizá-las como espaço integrante da investigação realizada.

esses projetos são executados em parceria com os maçons, porém fica a cargo das mulheres o planejamento e execução dessas ações. Voltarei às lojas em Itaperuna no capítulo II.

1.3 O Estranhamento

Antes de apresentar o material etnográfico, gostaria de salientar que não sou iniciado na maçonaria, ou seja, não sou um “irmão” como os maçons costumam dizer entre si. Meus estudos iniciais sobre a maçonaria e os maçons se deram por motivos acadêmicos e por curiosidade pessoal. Contudo, o aprofundamento e o contato com meus informantes me aproximaram do mundo maçônico. Minha proximidade com os maçons deu-se por intermédio de um clube de serviços do qual eu fazia parte e prestava serviços à comunidade. Em algumas ações beneficentes promovidas pelo grupo do qual eu fazia parte, sempre encontrava um ou mais membros da maçonaria envolvidos neste tipo de ação (jantares beneficentes, campanhas de agasalhos, auxílio aos moradores de área que sofriam efeitos de inundações, etc.). Contudo, eles se mantinham discretos e preferiam não “divulgar” suas ações para o público em geral, somente olhares mais atentos percebiam a participação deles, o que, de alguma forma, me levou a conviver com muitos maçons e pessoas ligadas às atividades desenvolvidas por eles. É fundamental deixar claro que meus informantes também são pessoas que eu já conhecia antes de saber que eram maçons. Isso se deve ao fato de que a maioria deles são pessoas que ocupam lugares na administração pública, religiosa e comercial na cidade de Itaperuna, noroeste fluminense, na qual realizei minha pesquisa e nela sou morador há mais de 10 anos.

Nesta cidade resido e entendo fazer parte de uma mesma comunidade (observador e observado) e partilho de espaços que fazem parte da mesma interação social na qual meus observados transitam. Não obstante, inspirado novamente por Geertz (2001), que afirma que o pesquisador não deve estudar a aldeia, mas estudar na aldeia torna-se importante mostrar como ocorreu minha penetração no campo e por que busco refletir sobre o pertencimento a partir da maçonaria.

A cidade de Itaperuna – sobre a qual falarei mais adiante- possui seis Lojas Maçônicas, aproximadamente 300 maçons iniciados. Conta ainda com uma empresa especializada em paramentos que atende maçons e Lojas de outras cidades e regiões do país. Em 2007, o contato com a esposa do proprietário desta empresa foi relevante para

o início de meu trabalho monográfico. Posteriormente, depois de formado, continuei tendo contato com maçons e momentos diversificados do convívio social. No banco, na praça, nos correios, no meu ambiente de trabalho, no clube, no dentista, etc., todas as vezes que estive em contato com eles, pude perceber que sempre buscavam demonstrar certo aprumo e cordialidade para comigo. Não posso afirmar se isso se deve exclusivamente por eu ter empreendido meus estudos sobre a maçonaria, porém passei a observá-los de forma a perceber como aqueles indivíduos se comportavam em seus encontros e reuniões e quais seriam os motivos que os mantinham interessados na maçonaria. Eis o principal motivo de minha insistência no tema, o que culminou com essa pesquisa.

Nesse sentido, nossos mundos (observador e observado) passaram a se cruzar em determinados momentos, quando tive oportunidade de observar de maneira mais aproximada seus modos de vida e suas relações sociais. Diferentemente de um pesquisador (etnólogo) que estuda uma cultura muito diferente da dele, tive que ajustar o meu foco tendo em vista estudar a minha própria sociedade, levando em conta as peculiaridades e os aspectos práticos da existência e interferência do mundo maçônico nesse meio. Valendo-me das considerações de Da Matta (1983), que salienta que o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. Assim, busquei investigar a dinâmica a respeito das maçonarias presentes em meu campo investigativo.

Sendo assim, ainda seguindo Da Matta (1983), percebo que o contato com o mundo maçônico, através do trabalho de campo, foi para mim uma espécie de rito de passagem. Onde eu (observador) passei a transitar no espaço intermediário entre sociedade e o templo maçônico (Loja). E passei a “integrar”, mesmo que por breves momentos, uma dimensão desse mundo e seus laços sociais. De alguma maneira esse contato “modificou” o meu olhar acerca do grupo estudado e do meu próprio grupo, conforme destaca Da Matta (*op.cit.*).

A partir desse contato mais aproximado, pude observar diferentes práticas e vivências que caracterizam os maçons e seu mundo. Percebi também o fato de que existem possibilidades dos indivíduos (maçons) assumirem diferentes papéis sociais e posições políticas diferentes das que eles exercem no mundo profano. Seguindo a escala hierárquica da maçonaria, todo iniciado passa pelos “exames” e “provas” que darão a ele a oportunidade de conhecer e praticar os “segredos” do próximo nível. Desta

maneira, os cargos e profissões do mundo profano não têm validade diante dos cargos e autoridades da Loja Maçônica. Assim, é comum um militar de alta patente ser maçonicamente subordinado a um agricultor que, na hierarquia maçônica, ocupa um lugar mais alto na hierarquia interna da maçonaria. Poder transitar nesta área limiar foi muito importante para mim no sentido de dar visibilidade a uma prática ritual e social invisível socialmente, bem como apontar as perspectivas e as motivações que levam os indivíduos a pertencerem a este mundo e a permanecerem nele.

Por outro lado, acredito que minha presença nos espaços maçônicos deve-se ao fato de que eu enquanto pesquisador (não iniciado) também era visto como um possível candidato em potencial a uma iniciação, fato este que veio a ser confirmado quando eu recebi o primeiro convite para ingressar na maçonaria, o que se repetiu em diversos momentos em que estive no campo. Diante deste delicado processo, procurei respeitar os limites impostos por meus informantes e entrevistados. Contudo, posso afirmar que também passei por uma experiência de modificação, em que pude perceber que uma sociabilidade nos moldes da maçonaria é capaz de levar os indivíduos a pensarem sobre sua conduta moral e intelectual. Isso me fez pensar de maneira reflexiva sobre minha própria vida e como associar-me a determinado grupo pode auxiliar na minha formação pessoal e social. Nesse sentido, sempre procurei estabelecer certas prerrogativas e procurando pontos de aproximação e distanciamento, em determinados níveis, com o mundo investigado.

Nesse aspecto, de distância e espaço, Velho (2008) diz que o fato de que dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade (observador e observado) não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferências, gostos, idiossincrasias. Desta forma, para o que quero chamar a atenção é o fato de que estou discutindo o problema das experiências mais ou menos comuns que passei a partilhar com os maçons, o que me permitiu um determinado nível na interação com os membros e seus familiares.

Passados alguns meses após a visita na Casa do Maçom, meu último contato com o meio investigado, fui ao banco no qual eu movimentava para conversar com o gerente sobre um erro de lançamento em minha conta. Nisso que estou diante dele, outra pessoa nos interrompeu com um cordial pedido de licença e lhe entregou uma sacola plástica contendo alguns objetos. Logo que recebeu os objetos, agradeceu e cumprimentou a pessoa com uma saudação aparentemente trivial: “Obrigado, meu irmão”! No instante em que a pessoa saiu de nossa zona de interação, meu gerente me

pediu desculpas e disse que aquele era seu “irmão” de maçonaria, e que aqueles objetos (camiseta e boné) eram os “ingressos” para um encontro que eles iriam realizar no fim de semana próximo, em comemoração ao Dia do Maçom¹⁰.

No momento em que percebi estar diante de um membro da maçonaria, o interroguei sobre sua participação na instituição. Ele me disse que era maçom e que tinha muito orgulho de participar de uma instituição “milénar” que congregava homens dos mais variados credos e origens. Conversamos sobre minha pesquisa, expliquei em breves linhas o meu projeto e ele logo se prontificou em responder algumas questões, bem como disponibilizar algum material para a pesquisa. Em seguida, informou-me de um evento que se realizaria dia 22 de agosto, envolvendo as Lojas Maçônicas de Itaperuna e região circunvizinha e me convidou para estar presente junto ao evento. Prontamente aceitei, pois percebi que se tratava de um importante evento para realizar uma observação. Seguindo com nossa conversa, questionei-o sobre o motivo do evento; ele me respondeu que este evento acontece todos os anos, com a intenção de reunir a família maçônica e comemorar o Dia do Maçom, que é festejado no Brasil dia 20 de agosto.

Depois de aceitar o convite do maçom, recebi dele um boné que deveria ser usado no evento. Feito este contato inicial, ficamos de acertar minha ida ao local e dia para participar da festividade. Uma semana depois, ao reencontrá-lo, informou-me que o evento seria realizado no “Sítio do Bode”¹¹ e que ele já havia me arranjado uma carona. Esta carona me foi dada por uma pessoa que não era membro da ordem, assim como eu.

De modo geral, minha entrada no campo foi gradativa e tranquila, o que, em parte, acredito ter sido possível por minha posição de pesquisador acadêmico e possível candidato em potencial. Inicialmente pensei que encontraria muita resistência e desconfiança por parte dos maçons. Pensei também que minha entrada no campo seria limitada, em certa medida, por se tratar de uma organização discreta e reservada. Contudo, surpreendi-me com os pedidos de visitas e entrevistas: sempre foram atendidos por parte de meus observados.

Talvez tamanha aceitação tenha sido pelo fato de que eu era visto como um possível candidato à iniciação. Confesso que em determinados momentos, fiquei

¹⁰ Comemora-se o Dia Internacional do Maçom em 22 de fevereiro. Porém esta data não é seguida por todos os países do mundo. No caso do Brasil, comemora-se esta data no dia 20 de agosto, ocasião em que os maçons se reúnem para realização de vários eventos e homenagens dirigidas aos membros e suas famílias.

¹¹ Pequena propriedade rural onde os maçons fazem eventos e reúnem a família maçônica.

tentado a aceitar os convites que me foram feitos no decorrer de meu trabalho de campo. Todas as Lojas Maçônicas, de alguma forma, deixaram a entender que para eu “entender” o funcionamento da maçonaria e suas práticas, eu deveria iniciar-me. Isso pode ter refletido em uma maior aceitação por parte dos maçons, no entanto, não se trata de ter uma visão ingênua de que eu dispunha de todos os recursos, que descreveriam todos os espaços e práticas vivenciados por mim. Trata-se de relativizar minha relação com o mundo pesquisado.

Sempre busquei realizar minha pesquisa de forma a demonstrar respeito e receptividade por parte de meus entrevistados e colaboradores. Mas tive dificuldades em me esquivar dos convites mais incisivos para minha iniciação. Não encontrei muita resistência por parte dos maçons, exceto alguns pequenos desencontros que foram superados com mais alguns minutos de conversa. Poucas pessoas negaram o uso do gravador ou outro instrumento que registrasse aquele momento. Em sua maioria, os entrevistados abriram suas casas e ambientes de trabalho para que eu pudesse realizar minha pesquisa. Na maioria das vezes em que estive no ambiente onde dois ou mais maçons estavam reunidos, sempre tive minha presença (observador) respeitada pelos indivíduos que ali estivessem (observados).

1.4 As Reuniões

Além de focalizar as Lojas, considerei outras atividades, momentos e lugares para compor os espaços maçônicos e, desse modo, conduzir a pesquisa e não ficar restrito à literatura maçônica e/ou as práticas formais que integrassem o templo. Procurei construir um caminho de pesquisa viável ao desenvolvimento das questões propostas, assim frequentei reuniões e eventos realizados nas Lojas ou não, mas que reuniam os maçons e seus familiares. Falar dos eventos e reuniões, como espaços maçônicos está relacionado com a apresentação das situações e condições da pesquisa empírica, realizada entre março de 2010 e julho de 2012.

O bom acolhimento dos maçons foi um fator preponderante para que eu pudesse realizar algumas visitas às Lojas Maçônicas. Muitas delas aconteceram em reuniões regulares, que eles fazem no ambiente da Loja. Observar esses encontros foi de grande valia para estabelecer contatos e compreender os hábitos e práticas de meus observados. Nestes ambientes, pude perceber muitos aspectos sobre o cotidiano da família maçônica e suas formas de sociabilidade. Quando comecei a frequentar os

espaços das Lojas, notei certo desconforto dos membros, pareciam não compreender o que um pesquisador (não iniciado) estava fazendo no meio deles. Com o passar do tempo, essa tendência foi diminuindo. Atribuo isso a dois fatores: o primeiro se deve ao fato de que meus primeiros informantes ocupavam cargos de destaque na hierarquia maçônica local, e o segundo o fato de tratar-se de uma pesquisa de cunho acadêmico. Pelo que pude observar nas reuniões que frequentei, a oportunidade da interação capacitou-me analisar o comportamento e ações feitas pelos maçons em sua prática ritual.

Minha primeira visita oficial em uma reunião da maçonaria deu-se no dia 08 de julho de 2011. Esta visita ocorreu em cumprimento a um convite feito por um de meus entrevistados, que era o venerável daquela Loja na ocasião.

Logo que cheguei à Loja avistei um pequeno portão de ferro, que se encontrava aberto e percebi que os símbolos (esquadro e compasso) estavam representados ali. Entrei e subi alguns degraus de uma pequena escada de alvenaria. Depois de uma breve subida, encontrei outro portão, que já era à entrada de um ambiente que lembra um salão de festas. No fundo deste ambiente percebi a presença de três mulheres conversando. Cheguei até elas e me apresentei como convidado do senhor Pedro (nome fictício). Sendo que eu já conhecia uma das três senhoras que conversavam descontraidamente.

Após um breve momento de apresentações, fui convidado a me sentar e acompanhá-las enquanto esperava o meu anfitrião. Fui informado por uma delas de que ele deveria demorar um pouco, pois a reunião acabara de começar, e que deveria durar mais que o horário normal. Sentei-me junto a elas e comecei a interagir na conversa. Alguns minutos depois, constatei que todas elas eram esposas de maçons e que regularmente vinham até aquele ambiente acompanhar seus maridos e conversar entre si. Em determinado momento, perguntei se elas frequentavam a Loja toda semana. Uma delas, a mais comunicativa, disse-me que esses encontros acontecem regularmente dentro da maçonaria e afirmou que as esposas sempre se reuniam para conversar e trocar experiências, enquanto os maridos se reúnem dentro do Templo da Loja. Mais tarde, tomei conhecimento de que aquela moça era esposa do “venerável”, ou seja, associado com grau mais alto na hierarquia maçônica, portanto ela ocupa um lugar de destaque dentro da sociabilidade maçônica, logo acompanha o marido na maioria dos eventos maçônicos, inclusive as reuniões regulares, além de ser responsável por manter os provimentos alimentícios e deveres de anfitriã no ambiente da Loja. Durante nossa

amistosa conversa, ela se dirigiu várias vezes ao ambiente destinado ao preparo dos alimentos e bebidas que seriam servidos no jantar.

Elas conversavam sobre vários assuntos naquela noite fria de inverno. Falavam sobre suas vidas profissionais, conjugais, pessoais, sociais entre outros. Enquanto conversavam, meu olhar percorria todo o ambiente. O salão era amplo e ventilado. É arejado por quatro grandes janelas duplas de madeira, um pouco gastas pelo tempo. O piso é revestido com uma superfície escura, algo parecido com ardósia. As paredes são pintadas de branco. O centro do salão estava ocupado com duas longas fileiras de mesas e cadeiras paralelas, sendo que nós estávamos na ponta de uma delas. As duas fileiras estavam margeadas por outra mesa, repleta de copos, pratos, talheres e outros utensílios de cozinha.

No lado esquerdo do salão, existe outro pequeno ambiente, onde podemos encontrar a cozinha e uma pequena área destinada ao preparo de churrasco, além de alguns congeladores que resfriam as bebidas. Quando cheguei, logo percebi que aquele ambiente estava preparado para algum tipo de recepção ou coisa que o valha. Depois de alguns minutos de conversa, minhas interlocutoras me ofereceram cerveja. Logo assim que aceitei a oferta, a esposa do venerável chamou um nome e disse: *“fulano... traz mais uma cervejinha para gente e um copo para nosso convidado”*. Neste instante, surge da cozinha um rapaz negro aparentando ter uns 30 anos de idade, munido de uma garrafa de cerveja e um copo. Ele serviu todos os copos e voltou a seus afazeres na cozinha. A todo o momento, ele voltava para ver se ainda tinha bebida na mesa. Depois de mais alguns minutos de conversa, percebi que a Loja dispunha de dois funcionários, um responsável pela limpeza e uma cozinheira. Esta última era uma mulher negra aparentando ter seus 30 anos. Ambos os funcionários trabalham para manter toda a estrutura que abastece os membros e convidados alimentados.

A conversa continuava enquanto eu observava o ambiente e tentava interagir com minhas interlocutoras. A certa altura, uma delas comentou sobre aquele tipo de encontro promovido por elas. Segundo ela, aqueles eventos aconteciam com a intenção de promover a amizade entre elas e colocar a conversa em dia. Mais alguns minutos depois, um dos membros da Loja (um aprendiz) veio até a cozinha e disse *“fui intimado a arranjar um copo”*. A esposa do “venerável” perguntou a ele se a reunião já havia terminado, e ele disse que não. Rapidamente pegou o objeto desejado e voltou para junto de seus “irmãos”.

Nesse sentido, o espaço da Loja não é usado e definido como somente para reuniões e rituais. De forma geral, esse espaço é utilizado por todos os níveis da sociabilidade maçônica, inclusive as crianças que transitam livremente pelo salão de festas ou “refeitório”. Esse ambiente é frequentado semanalmente por toda a família maçônica e serve como um espaço de diversão e encontro de amigos. Nessas ocasiões em que pude estar presente, as pessoas demonstravam estar muito descontraídas e felizes em fazer uso daquele espaço de convivibilidade.

Por volta das 22h30min começaram a chegar alguns maçons, e pelo movimento das mulheres, percebi que a reunião no templo principal havia chegado ao fim. Seus semblantes eram de alegria, como se tivessem acabado de realizar um feito prazeroso e gratificante. Todos vestiam terno preto, blusa branca e gravata preta. Alguns ainda traziam em suas mãos seus aventais, uns dobrados, outros entreabertos nas mãos.

Em alguns instantes, todos se dirigiram para as mesas postas no salão de festas. Deixaram ali alguns objetos pessoais, como agendas, telefones celulares, aventais e se dirigiram para a mesa que servia de aparador para os alimentos servidos na ocasião. O cardápio daquela noite era arroz, dobradinha e salada de alface com tomates e palmito. Enquanto aguardava a chegada de meu anfitrião (o venerável), aproveitei para cumprimentar alguns indivíduos que já conhecia fora da Loja.

Assim que o venerável chegou ao ambiente, foi cercado por vários membros que faziam diversas observações e perguntas. Depois de atendê-los, dirigiu-se a mim e perguntou se eu aceitava jantar junto a eles. Após aceitar o convite, juntei-me a eles e apreciei o jantar. Enquanto jantavam, trocavam informações e observações sobre diversos assuntos internos, como comissões, projetos e visitas. Naquele momento, os maçons confraternizavam como se estivessem em um evento comemorativo. O clima do ambiente era amistoso e tranquilo. Alguns abraços e risos podiam ser observados a todo instante. Os veteranos eram auxiliados em pequenos gestos como: pegar um guardanapo, uma bebida, auxílio para descer ou subir as escadas etc. Tudo muito simples, e ao mesmo tempo, rico em significados. A meu ver, toda aquela convivência fazia parte da ritualística maçônica de “aprender” e “servir” com os mais velhos ou graduados. Ali, naquele instante, olhares e práticas intercalavam-se de forma a expressar um ensinamento ou aprendizado. Em geral, todos os jantares em que visitei, essas práticas de amizade e reconhecimento eram conduzidas da mesma forma. As pessoas envolvidas sempre demonstraram atenção e respeito pelo que estava sendo comunicado e servido. Pequenos gestos como servir ao colega, abraços e conselhos eram recebidos

pelos membros com muita solicitude e cortesia. O jantar sempre me pareceu uma extensão do ritual principal – feito no interior do templo – onde as práticas da fraternidade eram colocadas à prova. Onde todos os “irmãos” se respeitam e dividem os seus alimentos, depois de partilharem de seus “trabalhos maçônicos” no interior do templo.

Quando terminei de jantar, o venerável agradeceu minha presença e perguntou em que podia ser útil. Neste momento, pedi a ele que me apresentasse seu aprendiz. Após uma rápida observação, apontou-me um rapaz e disse que ele era o único aprendiz da Loja, o que me causou certo espanto, pois isso pode significar que aquela Loja não estava ampliando o seu quadro de membros, o que poderia ser um problema no futuro da organização.

Apresentou-me ao rapaz e disse que ficasse à vontade com ele. Depois das apresentações breves, informei que estava ali para fazer contato com os maçons e desenvolver uma pesquisa acadêmica. Ele me pareceu interessado e perguntou qual era o curso que eu estava fazendo. Respondi que era um mestrado em Sociologia Política. Ele então me disse que era advogado e adorava estudar as Ciências Humanas, principalmente História. Após explicar em breves linhas minha pesquisa, ele prontamente se ofereceu como voluntário para ser entrevistado. Depois de alguns minutos de uma conversa sobre sua inserção na maçonaria, ele me passou seus contatos e disse que estava à disposição para conversarmos sobre o assunto.

Enquanto nos despedíamos, ele me perguntou se eu estava de carro. Após afirmar que estava a pé, indagou-me onde eu morava e me ofereceu uma carona. Não sabendo o que dizer, aceitei. Minha casa fica a poucos minutos da Loja. E após alguns minutos de conversa, ele me deixou na porta de casa e mais uma vez disse que poderia contar com sua ajuda.

Em outras visitas, pude notar que a mesma natureza ritual era seguida. Na segunda Loja, que visitei no dia 14 de julho de 2011, encontrei o mesmo tipo de disposição das pessoas e objetos. Naquela noite, cheguei ao local por volta das 21h. Diferente de sua coirmã a entrada desta Loja fica do lado direito da construção. Assim que cheguei, deparei-me com uma larga escada, dividida em dois lances e uma pequena sala do lado esquerdo. Como percebi alguns sons de pessoas conversando no segundo andar, subi as escadas para ver o que encontrava. Logo na entrada, encontrei quatro mulheres e cinco crianças. As pessoas ocupavam o lugar com tranquilidade e intimidade. Havia uma televisão ligada em um programa de notícias, no fundo do salão.

As mesas e cadeiras estavam dispostas na posição de costume. As crianças brincavam descalças em um pequeno pula-pula que estava montado no lado esquerdo do salão. Dirigi-me em direção às mulheres e fui saudado com um breve cumprimento de boa noite. Apresentei-me e percebi que uma das mulheres é uma conhecida minha. Feitas as breves apresentações perguntei se a reunião dos maçons havia começado fazia muito tempo, e elas me disseram que sim. Convidaram-me para sentar e tomar um refrigerante enquanto a reunião não terminava.

Depois de fazer algumas anotações e observações, fui abordado por minha conhecida. Iniciamos uma conversa amigável e trivial, sobre assuntos cotidianos e familiares. Em alguns minutos, percebi que ela era a esposa de um dos aprendizes e duas das cinco crianças presentes eram suas. Perguntei se ela participava sempre do jantar e ela me respondeu que não vinha à Loja com muita frequência, pois os afazeres da casa e as duas crianças ocupavam todo o seu tempo. Mesmo assim, quando “dá” (sic), ela participa.

Continuando nossa conversa, ela me deu algumas informações sobre as pessoas que nos rodeavam. Dentre elas, destacou o papel de uma senhora, aparentemente a mais velha delas, que preparava todos os jantares servidos na Loja e me disse que ela era esposa de um dos maçons filiados daquela Loja. Naquela noite ela havia preparado arroz, tabule e carne cozida com batatas.

No ambiente das Lojas Maçônicas, observei comportamentos e valores praticados fora da vida social, ações essas que influenciam na maneira como esses indivíduos constroem seu *ethos* (Geertz, 2001) e, a partir disso, reelaboram suas realidades. Suas ações dentro da Loja constituem uma ampla rede de significados inerentes ao mundo maçônico e suas práticas. As posturas e práticas dessas pessoas fazem sentido para uma estrutura de valores distinta de qualquer outro tipo de organização. A ênfase dada a uma visão de mundo particular, voltada para a construção de si, que se expressam de forma significativamente simbólica, o que pode ser um fator determinante na busca de um autoaperfeiçoamento exterior e interior.

Para Geertz (2001), o termo *ethos* estava ligado a determinados aspectos morais de uma determinada cultura e seus elementos valorativos. Enquanto o conceito de *visão de mundo* está voltado para aspectos cognitivos e existenciais. Segundo ele, o *ethos* de um povo é o caráter e a qualidade de sua vida. Na *visão de mundo*, esse caráter se manifesta de maneira prática e torna-se sua expressão autêntica.

A partir desses conceitos, pode-se inferir que as práticas e os espaços configuram o *ethos* e a visão de mundo do universo maçônico. São nos encontros e reuniões que os maçons aprendem, através dos símbolos e práticas, os significados que formam o imaginário de seu mundo. Através desse conjunto de significados, constroem o estado de coisas que vão dar sentido aos seus valores morais, difundidos em seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

Desta forma, os espaços funcionam como meios para que seu *ethos* seja exercido de maneira a dar significado ou forma a sua visão de mundo. Nestes ambientes torna-se possível o exercício fundamental da maçonaria: o aprendizado. O que quer que seja aprendido pelo neófito, é no espaço que isso se torna possível. Nesse sentido, afirma Geertz (2001):

A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o *ethos* torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica (Geertz, 2001, p.144).

Seja como for, estes dois aspectos do mundo maçônico, práticas e espaços, dão sentido e forma aos conteúdos que formam os significados gerais em termos dos quais cada indivíduo iniciado interpreta sua experiência e organiza sua conduta pessoal e social.

Na discussão sociológica apresentada por Weber (1982) sobre as seitas protestantes e a dinâmica capitalista, os conceitos de *ethos* e visão de mundo servem para difundir e manter um *status* econômico burguês entre as camadas médias, essencialmente ligadas por vínculos religiosos ou comerciais.

Segundo Weber (1982), o membro para ser aceito precisava ter qualidades para ingressar no círculo da comunidade. Caso o indivíduo fosse dotado de tais qualidades (um *ethos* que fosse de acordo com as normas morais da seita), passaria a integrar o círculo como membro do grupo. A adesão era feita através de um ato voluntário do candidato, porém, depois de uma profunda investigação feita pela comunidade religiosa sobre a conduta moral do indivíduo. Nesse sentido, afirma Weber (1982):

Para manter sua posição nesse círculo, o membro tinha de *provar* repetidamente que era dotado dessas qualidades, que estavam sendo, constante e continuamente, estimuladas nele. Como a sua bem aventurança

no outro mundo, toda a sua existência social neste mundo dependia de sua capacidade de submeter-se à prova (Weber, 1982, p.368).

Para compreender a natureza desses efeitos éticos, a seita controlava e regulamentava a conduta dos membros exclusivamente no sentido de probidade formal e ascetismo metódico. Assim, para Weber, essa conduta constitui um *ethos* específico de cada pessoa; para as seitas protestantes, tal conduta era de certo modo de vida, metódico, racional que – dentro de determinadas condições – preparou o caminho para o “espírito” do capitalismo moderno.

Os conceitos apresentados acima mostram certa similaridade com a forma como as maçonarias recrutam e conduzem seus membros. Esses traços da moralidade protestante, baseados na virtude e no merecimento, também são amplamente usados pela maçonaria em sua organização interna. Nesse sentido, na maçonaria, assim como nas seitas protestantes apontadas por Weber (1982), a admissão à congregação é considerada como uma garantia de qualidades morais, especialmente as qualidades exigidas em questões do comércio. Outro fato, que também pode ser percebido nas maçonarias atuais: geralmente, os maçons tendem a comercializar com maçons, pois isso garante aos negociadores um maior crédito de ambas as partes, já que nenhum deles, sob pena de exclusão da organização, deve deixar de cumprir o contrato.

Assim sendo, a exclusão de uma organização maçônica, por motivos de ofensas morais, assim como nas seitas protestantes, significa economicamente a perda do crédito e, socialmente, a perda da classe. Nesse sentido, Weber (1982) chama a atenção para o fato de que *a admissão equivalia a um bilhete de ascensão; significava que o candidato se havia “provado a si mesmo”*.

Entende-se que as similaridades entre as seitas e as maçonarias, apesar de suas diferenças no fator religioso, não param por aí. No entanto, meu interesse vai em direção de investigar os motivos da adesão e da permanência dos indivíduos que buscam fazer parte de uma comunidade que é baseada na meritocracia e na moralidade de seus membros. Apesar das diferenças em seus conteúdos, ambas seguem uma mesma forma em suas práticas na seleção e criação de irmandade e fraternidade.

1.5 Os Eventos

Realizei também trabalho de campo junto aos maçons em seus encontros sociais. Eventos estes realizados regularmente dentro e fora das Lojas Maçônicas, ou

seja, qualquer pessoa pode participar, mesmo não sendo um iniciado. Tais eventos, na maioria das vezes, envolvem todos os níveis da sociabilidade maçônica (ampla e estreita). Eles são em sua maioria churrascos, encontros, jantares, bingos, e outras atividades envolvendo a família maçônica. Minha intenção ao participar desses eventos foi ter a possibilidade de perceber a dinâmica da sociabilidade, que não se restringe ao que acontece no templo ou loja. Este é precisamente o ponto no qual pude recorrer aos trabalhos de Van Gennep (2011) sobre ritual e suas fases. Noto que suas proposições sobre o entendimento do ritual, em suas diferentes fases, são muito apropriadas para o desenvolvimento de uma análise mais contextualizada dos rituais maçônicos. Como já citei, por não poder observar o momento culminante caracterizado pela *liminaridade*, ou seja, o ritual praticado no Templo maçônico, trabalhei os momentos que possibilitam a transição ou liminaridade pertinente à condição de neófito e, por sua especificidade, reúnem alguns ritos, os novatos e os veteranos e, de outro, estes e os familiares. Esses eventos (jantares, encontros, churrascos, bingos, etc.), fazem parte de um importante momento da sequência cerimonial que acompanham os maçons e suas famílias, de uma situação a outra, e de um mundo (social) a outro. Dada à importância dessas fases, tentarei perceber o dinamismo que as cerimônias da sequência ritual maçônica apresentam, percebendo como elas transformam a vida social e individual de seus praticantes.

Percebo que a maçonaria é uma instituição por meio da qual os indivíduos, ou grupo de indivíduos, guiam seus comportamentos. Desta forma, o que é necessário verificar é o comportamento dos maçons e não sua instituição em si. O que me interessa é estudar como e por que indivíduos aderem a uma sociedade iniciática e como eles se relacionam com os valores do universalismo e do individualismo na sociedade contemporânea.

Estive presente em algumas reuniões e eventos maçônicos na cidade de Itaperuna. Pude perceber que, em quase todos os espaços maçônicos, a participação das mulheres é intensa e fundamental¹². Contudo, ainda fica vedada a iniciação de mulheres nas Lojas Maçônicas pesquisadas por mim¹³.

¹² As mulheres que formam a Fraternidade Feminina de Itaperuna apresentam um perfil socioeconômico de classe média alta, assim como seus maridos. Em geral, são profissionais autônomas ou funcionárias públicas, como advogadas, empresárias, donas de casa, assistentes sociais, etc., em sua maioria frequentam e participam das atividades maçônicas ativamente, sendo que, a maioria das atividades que reforçam as reuniões dos maridos, jantares, encontros e viagens, são organizadas por elas.

¹³ O Departamento Feminino (DF), assim como todas as organizações maçônicas, segue uma configuração hierárquica. O DF tem uma diretoria composta por uma presidente e algumas diretorias.

Algumas das atividades sociais são realizadas numa propriedade popularmente conhecida por Sítio do Bode¹⁴ – fundada em 1972. Este local fica situado alguns quilômetros do centro da cidade de Itaperuna, sendo composto uma pequena casa com varanda, um campo de futebol, um vestiário, um espaço amplo e arborizado. A propriedade também é banhada pelas águas do rio Muriaé. O local é agradável, bem cuidado usa-se o ambiente na realização de eventos como: churrascos, festas familiares, encontros, bingos, etc.

No sítio é realizado o maior evento maçônico de Itaperuna e região, o Encontro de Maçons. Nesta ocasião, o Sítio do Bode serve como principal espaço onde os membros maçons e seus familiares interagem, sendo o espaço no qual os níveis de sociabilidade estão presentes.

A seguir descreverei com maiores detalhes a forma e o conteúdo desse evento.

1.5.1 Os Encontros dos Maçons

De todos os eventos maçônicos de que tive a oportunidade de participar, o encontro dos maçons promovido pela Loja Maçônica F.º N.º F.º, que é realizado no Sítio do Bode, foi o mais expressivo. Nesse evento, pude perceber todos os níveis do mundo maçônico, interagindo em suas práticas rituais. Esse evento acontece todos os anos em virtude da comemoração do Dia do Maçom.

Nesta oportunidade, estão reunidas todas as Lojas Maçônicas de Itaperuna e região. Participei deste evento por dois anos consecutivos (2010 e 2011), como convidado e pesquisador. Neste ambiente festivo e descontraído, observei e fui observado, interroguei e fui interrogado. Minha presença neste evento foi muito

Essa estrutura não é permanente, ela segue o processo eleitoral que renova as lideranças da Loja Maçônica como um todo. De dois em dois anos, os cargos mudam nas Lojas Simbólicas, nesse contexto muda-se o principal posto da Loja (Venerável), e sua esposa (Veneroa) passa a ocupar também o principal cargo do Departamento Feminino (a Presidente). A partir de sua posse, a Presidente convida e nomeia sua nova diretoria, a qual não segue uma estrutura permanente, pode mudar as funções e as tipologias de acordo com o perfil dos cargos criados.

¹⁴ Sobre a relação entre maçonaria e bode, vale ver o trabalho do historiador maçônico José Castellani (1986), que remete ao início da divulgação do cristianismo por apóstolos. Estes teriam se deparado com o costume de confissão dirigida a algum bode, visto como adequado ouvinte não falante. Posteriormente, bode virou sinônimo de alguém falante e capaz de guardar segredos. Em Itaperuna, é muito comum ouvirmos as pessoas em conversas informais se referirem aos maçons como “homens que montam no bode preto”. Segundo as explicações dos populares, os maçons têm por hábito sacrificar um bode preto no dia de sua iniciação, assim como a alma do primeiro filho. A alcunha é acionada como sinônimo de maçom.

importante para estabelecer contatos e apreender melhor as práticas rituais exercidas por meus entrevistados.

Para analisar o conteúdo desta observação, recorri aos estudos de Erving Goffman (2011) sobre o ritual de interação e o comportamento face a face. Nos encontros meus olhos estiveram atentos aos gestos, posturas, costumes, olhares, etc., com a intenção de perceber como a participação era experimentada pelos convidados.

Nesse sentido, Goffman (2011) argumenta que as sociedades, em qualquer lugar, se quiserem ser sociedades, precisam mobilizar seus membros como participantes autorreguladores em encontros sociais e que uma boa forma para mobilizar os indivíduos para esse propósito é através do ritual. No ritual ele é ensinado a ser perceptivo, a ter sentimentos ligados ao eu e um eu expresso pela fachada, a ter orgulho, honra e dignidade, a ter consideração, tato e uma certa quantidade de aprumo (Goffman, 2011, p.49).

A partir dessas considerações passo a descrever minhas observações de campo a respeito dos encontros promovidos pelos maçons de Itaperuna/RJ.

1.5.2 XIII e XIV Encontro dos Maçons de Itaperuna

Este evento é aberto para todas as pessoas, iniciados ou não, porém, poucas são as pessoas que não fazem parte da família maçônica¹⁵. Geralmente, as pessoas que não fazem parte diretamente da maçonaria, são convidadas para esse evento com o intuito de interagir com o mundo maçônico. Tive a oportunidade de participar de dois encontros no ano de 2010 e 2011. De maneira geral, os dois encontros apresentaram o mesmo formato e poucas impressões mudaram de um evento para o outro. De qualquer forma, a partir de alguns registros feitos no campo, passo agora a relatar toda a minha trajetória e permanência no campo.

Após meu breve contato com um engajado membro da maçonaria – conforme relatado anteriormente - em agosto de 2010, pude empreender meus primeiros contatos diretos com meus informantes. Esta pessoa, sabendo que eu era um estudante, perguntou-me o que eu estava pesquisando atualmente. Logo respondi que meu objeto era a maçonaria. Expliquei em breves linhas o meu projeto e ele logo se prontificou em

¹⁵ Este evento integra uma série de ocasiões em que as maçonarias abrem suas portas para receber pessoas não iniciadas. De forma geral, são ocasiões para captação de novos membros e integração das Lojas e membros de diferentes ritos.

responder a algumas questões, bem como disponibilizar algum material para a pesquisa. Em seguida, informou-me de um evento que se realizaria dia 22 de agosto no Sítio do Bode, envolvendo as Lojas Maçônicas de Itaperuna e região, e me convidou para estar presente junto a eles. Prontamente aceitei, pois percebi que se tratava de um importante evento para realizar uma observação.

Seguindo com nossa conversa, questionei-o sobre o motivo do evento: respondeu-me que este evento acontece todos os anos, com a intenção de reunir a família maçônica e comemorar o Dia do Maçom, comemorado no Brasil todo dia 20 de agosto. Depois de aceitar o convite do maçom, recebi dele boné que deveria ser usado no evento. Feito este contato inicial, ficamos de acertar minha ida ao local e dia para participar do evento.

Uma semana depois ao reencontrá-lo, informou-me que o evento seria realizado no “Sítio do Bode” e que ele já havia me arranjado uma carona. Esta carona me foi dada por uma pessoa que não era membro da ordem, assim como eu.

Acordei por volta das seis horas do dia 22 de agosto, o clima estava nublado e fazia frio. No horário e local combinado esperei por minha carona. Alguns minutos depois fui abordado pela mesma. Ao abrir a porta do automóvel, pude perceber que no interior do carro estava uma criança de oito meses e uma mulher, que eram respectivamente filha e esposa do indivíduo que me ofereceu a carona.

Seguimos em direção ao local do evento, ao longo do percurso tivemos uma conversa saudável e proveitosa. Neste trajeto, surgiu o assunto sobre maçonaria. Perguntei a ele se já era iniciado, respondeu-me que já havia sido convidado e aprovado, e que estava aguardando a data de sua iniciação. Perguntei também por que estava iniciando-se, e ele me disse que muitos de seus familiares são maçons, e ele sempre teve vontade de fazer parte. Sua ida ao evento a que estávamos prestes a chegar seria uma oportunidade de conhecer o ambiente e as pessoas que iriam fazer parte de seu cotidiano enquanto maçom.

Em seguida, perguntou-me se eu era maçom. Disse que não, que meu interesse no evento era devido ao projeto de mestrado. Ele se demonstrou curioso e quis saber um pouco mais sobre meu projeto. Como de costume, relatei em linhas breves o resumo de minha pesquisa e logo percebemos que ambos estávamos nos dirigindo para o evento com um mesmo objetivo: desbravar e observar o mundo maçônico. Ele com a intenção de saber o que é, quem fazia parte da maçonaria em Itaperuna, e eu, com a intenção de saber como estes membros se comportam e qual o objetivo dos indivíduos que aderem à

maçonaria. Olhares diferentes sobre um mesmo objeto. Ambos se utilizando das poucas informações que cada um tinha para fornecer sobre este instigante e controverso tema.

Depois de alguns minutos de trajeto na BR 356, chegamos ao local indicado. Logo na entrada, fomos abordados por um grupo de homens. Eles logo nos reconheceram como “profanos” ou não iniciados, e nos deram instruções sobre o evento. Eles vestiam uma camiseta amarela estampada na cor preta o emblema maçônico. Nas costas estava o nome da Loja Maçônica anfitriã.

Em seguida eles nos informaram que nossa estada dependia além do convite oficial de um maçom, o pagamento de um ingresso no valor de quinze reais por pessoa, para o pagamento das despesas dos alimentos servidos no evento. Feito o pagamento, adentramos o recinto da festividade. Mais à frente, fomos abordados por um manobrista, que estava devidamente trajado com o mesmo uniforme dos demais membros da Loja, o qual nos indicou onde estacionar.



Fonte: Autoria própria

Para recepcionar o evento havia quatro tendas grandes, onde estavam dispostas muitas mesas e cadeiras, ao lado da construção em que serviam as refeições. Havia também algumas pequenas barracas dispostas em torno das tendas. No seu interior havia bebidas e doces, que eram comercializados à parte. Segundo os atendentes, estas barracas são montadas com a intenção de angariar fundos para efetuar o pagamento das despesas do evento.

Quando chegamos lá, não havia muitas pessoas. Somente se encontravam ali os organizadores do evento e seus familiares, a maioria maçons. Logo que nos acomodamos, fomos informados de que o café da manhã estava pronto e que estávamos convidados a nos servir. Fomos até a varanda em que serviam o café da manhã e nos

alimentamos. Ali estava uma mesa com frutas, frios, bolos, doces, sucos e etc., onde os participantes do evento poderiam se alimentar. Este café foi preparado e distribuído pelas esposas dos maçons, bem como por outros familiares dos iniciados.



Fonte: Autoria própria

Todas as atividades envolvendo culinária estavam sob a supervisão das esposas dos maçons, ou “cunhadas”, apelido pelo qual gostam de ser chamadas entre elas. “Cunhadas” porque os maçons se tratam por “irmãos”, portanto, suas respectivas esposas são chamadas de “cunhadas” pelos outros membros. Oficialmente as “cunhadas” são parte da Loja Maçônica sob o nome de Departamento Feminino ou Fraternidade Feminina.

Paralelamente ao café da manhã, pude perceber outras atividades que aconteciam no evento, pessoas movimentavam-se no campo de futebol, outras no estacionamento, no palco, nas barracas, no parquinho. Todas comprometidas com a recepção dos convidados, que já começavam a chegar.

Logo percebi, em um dos estacionamentos, alguns automóveis e ônibus. Deparei-me com uma viatura do corpo de bombeiros, altamente equipada, uma caminhonete da Ampla (empresa do setor energético) e uma ambulância da Prefeitura Municipal de Itaperuna entre os veículos do estacionamento. A partir de tal observação, constatei que aquele evento teria a presença de muitas pessoas. Por se tratar de um evento particular, não imaginava encontrar ali tal estrutura. Fiquei impressionado com a segurança oferecida pelo evento.

Mais à frente, em um lugar de destaque do sítio (entre o campo e a construção), outro fato me chamou a atenção. Era uma faixa promovendo uma campanha de “doação de medula óssea” apoiada por todas as Lojas Maçônicas do Brasil, em parceria com diversas outras instituições. Esta faixa continha o lema da campanha, o local e data para o recolhimento do material. No final da mensagem, as iniciais cifradas com o nome da Loja Maçônica local. No decorrer do evento, um membro da ordem fez um breve discurso sobre o projeto e convidou os “seus irmãos” a participarem desta campanha.

De onde lia a faixa, logo avistava o campo de futebol, onde mais tarde disputou-se um pequeno campeonato entre as Lojas e seus membros. Conforme conversa com os idealizadores, o objetivo da disputa era promover um melhor entrosamento entre os membros das Lojas, através da prática do esporte. O campeonato aconteceu durante todo o período da manhã, envolvendo crianças, jovens e adultos.



Fonte: Autoria própria

Neste momento, já passando das nove da manhã, faltava espaço no estacionamento para comportar tantos carros e ônibus que chegavam. Outro fato que me intrigou foi a recepção destinada às crianças, que eram recebidas com toda a atenção pelos anfitriões. Havia recreadores que as observavam no parque, outras acompanhando-as no banho de rio (sob a tutela dos bombeiros de plantão), e até mesmo na prática do futebol. Muitas dessas crianças portavam camisetas com os emblemas maçônicos.

Nesse momento, lembrei-me de um trecho da conversa que tive com o candidato no carro, antes de chegarmos ao evento: ele me dissera que tudo o que sabia de maçonaria lhe havia sido passado por seus familiares. Ali pude constatar que a maçonaria contemporânea está muito voltada para a conscientização da juventude, para garantir sua perpetuação na sociedade. Essas crianças tinham trânsito livre entre os adultos e eram tratadas como futuros “irmãos” por todos os maçons.

A todo momento fui questionado se estava sendo bem tratado, se estava gostando do evento. Como de fato, respondia que sim e continuava minhas observações. Muitos sabiam o que eu estava efetivamente fazendo ali, outros se mostravam curiosos. Em meio a estas reações, consegui estabelecer muitos diálogos com os maçons e seus familiares. Lá conversei com maçons de vários ritos e graus, e ouvi atentamente suas considerações. Um deles me foi apresentado como sendo um “venerável” de uma das Lojas Maçônicas de Campos dos Goytacazes. Este maçom me contou suas experiências e seu currículo dentro da maçonaria. Mostrou-se muito interessado em colaborar com meus estudos e me convidou para conhecer sua Loja.

Outro conversa que me chamou a atenção foi o encontro com um jovem maçom que era dono de um *site*, criado para promover e divulgar encontros de maçons do Brasil e do mundo. Demonstrou-se muito orgulhoso de estar levando os lemas maçônicos para o mundo da internet, e assim ampliando as redes de contatos da ordem. Informou-me que a página eletrônica foi criada em meio a uma conversa com outro maçom, e hoje o *site* era visitado por gente do mundo todo. Ele disse ainda que sempre buscava atualizar as fotos e eventos com a intenção de manter sempre bem informados seus “irmãos”.

Dentre as mais variadas pessoas que entrevistei, todas se mostraram receptivas e prestativas. No geral, o evento foi uma celebração de fraternidade. Não havendo neste evento nenhuma forma mais elaborada de ritual, como geralmente é recorrente em uma Loja Maçônica. Ali pude observar a ostentação em ser maçom e poder compartilhar isso com seus amigos e familiares. Neste ambiente, as pessoas ouviram música (diversos gêneros), alimentaram-se e conversavam entre si. Suas conversas estavam sempre marcadas por abraços e cumprimentos calorosos.

O clima de festa dominava o ambiente e os membros trabalharam exaustivamente para o sucesso do evento. Para ilustrar tal fato, vou elencar alguns pontos: ver alguns empresários, militares e políticos recolhendo o lixo do local, outros sendo caixa das barraquinhas de bebida, outros sendo roupeiro dos atletas, alguns trabalhando de manobristas, no estacionamento, todos trabalhavam igualmente, não importando se *status*.



Fonte: Autoria própria

O que me causou espanto é observar pessoas de uma classe social mais favorecida exercendo estas funções, diferentes das quais eles exercem em seu cotidiano. Nesse sentido, Goffman (2011) lança luz sobre esse ponto:

A capacidade geral de ser limitado por regras morais pode muito bem pertencer ao indivíduo, mas o conjunto particular de regras que o transforma num ser humano é derivado de requerimentos estabelecidos na organização ritual de encontros sociais. E se uma pessoa ou grupo ou sociedade em particular parecer ter um caráter único inteiramente próprio, é porque seu conjunto padrão de elementos da natureza humana é instalado e combinado de forma particular (Goffman, 2011, p.49).

Diante desses argumentos, percebi que a maioria das pessoas envolvidas no planejamento e execução do evento eram membros da maçonaria e que fora daquele ambiente exerciam outras profissões e atividades. Lá eu não vi nenhum profissional terceirizado executando os serviços, como um garçom, cozinheira, faxineiro, manobrista, locutor etc. O que também não quer dizer que lá não estivessem. Contudo, não os vi transitando no evento, somente percebi membros uniformizados executando tais serviços, que, não exercem em seu cotidiano.

No decorrer do dia, conversei com muitos maçons e membros da família maçônica. Nessas conversas, pude entender algumas das especificidades da linguagem e costumes dos membros da maçonaria. Estando no evento, percebi que os maçons mais velhos, de uma forma geral, são ouvidos e respeitados pelos mais novos. Tendo em vista esse sentimento, notei que estar diante de um membro dotado de experiência maçônica é promover as propriedades da fraternidade. A partir do contato com os demais membros, o maçom iniciante conquista para si a oportunidade de adquirir e aprimorar seu código

moral que, em relação aos demais, ganha maior credibilidade em sua avaliação enquanto eterno aprendiz.

Produz-se, assim, uma espécie de relação que, se não configura necessariamente a fraternidade em sua totalidade, traduz-se em laços de lealdade e identificação. Essas relações produzidas nesses eventos oferecem ao maçom uma forma de conhecimento, que complementa sua prática ritual feita na Loja, com a possibilidade de vivenciá-la de forma coletiva.

Em um determinado momento, fui apresentado às autoridades maçônicas, dentre eles o Grão Mestre do Estado do Rio de Janeiro (GOBRJ). Apresentei-me como pesquisador e “profano”. Conversamos sobre algumas questões a respeito da história e atuação da maçonaria e suas representações no imaginário coletivo. Depois de alguns minutos de conversa, agradeceu-me e pediu licença para atender o chamado de um maçom que o solicitava.

Sempre com os olhos voltados para os indivíduos candidatos à iniciação, pude perceber que eles sempre estavam sendo abordados e apresentados aos membros mais graduados na hierarquia maçônica. Estas apresentações, muitas das vezes, eram feitas de maneira amistosa e rápida. Basicamente o maçom apresentava os atributos profissionais do candidato e, em seguida, os demais membros de sua família. De alguma forma, estas apresentações eram feitas de maneira formal e amistosa, pois, na maioria dos casos, os maçons já conheciam o perfil do candidato, devido à função que ele ocupa na sociedade. Por se tratar de uma localidade pequena, em Itaperuna as pessoas se conhecem.

Em uma das laterais da tenda principal havia pequenas tendas, que logo foram ocupadas por vendedores de artigos de maçonaria. Dentre elas uma se destacava, era a barraca de joias e bijuterias, acessórios e adesivos da maçonaria. Em uma breve conversa com seu proprietário, fui informado de que sua empresa, com sede em São Paulo, comercializa centenas de peças envolvendo a simbologia maçônica. Segundo o relato do proprietário, ele trabalha em eventos como encontros e feiras e viaja o Brasil inteiro. A venda desses produtos também é feita através de um *site* e de uma central de tele vendas. O proprietário disse também possuir 18 anos de maçonaria. Segundo ele, ser maçom é ter um aprendizado contínuo e ter uma empresa nesse ramo é muito gratificante, apesar das viagens muitas das vezes longas e cansativas. Disse, também, que depois daquele evento, já iria para outro encontro. Questionado se existiam muitos encontros deste nível no Brasil, ele respondeu que sim, mas que o de Itaperuna era muito bem organizado e numeroso e que, por esse motivo, sempre participa.



Fonte: Autoria própria

Junto à barraca de joias e acessórios, encontrei um vendedor de livros. Ao olhar o cartaz de propaganda, notei que o vendedor na verdade também era o autor do livro. Sua obra compreende muitos “trabalhos maçônicos”, trabalhos esses que são apresentações, palestras, seminários dentre outras comunicações feitas para o mundo maçônico. No evento, ele estava divulgando sua mais recente obra intitulada *Cultura Geral Maçônica no Brasil e no Mundo: um passeio pela história da maçonaria*. O livro contém uma cronologia bem extensa da “história” da maçonaria, faz algumas citações da importância do pensamento filosófico grego e evolui para o Templo de Salomão, Idade Média, e o movimento Iluminista. O trabalho do autor termina com algumas generalidades da maçonaria e não discute a maçonaria na sociedade contemporânea.

Após esta conversa, fui convidado a dirigir-me ao espaço onde estava sendo servido o almoço. Mais uma vez, a expressiva presença das mulheres e familiares dos maçons era grande na distribuição dos alimentos. Neste instante, o evento atingia seu ápice, faltavam mesas e cadeiras para comportar tantas pessoas. E neste clima, a festividade continuava. Almocei com a família que me trouxera, e ali trocamos algumas impressões sobre o evento. Após breve descanso o marido foi levar sua esposa e filha para casa, pois a criança (de apenas oito meses) estava com sono. Ele levantou-se e disse para esperá-lo, que iria levar as damas, mas que voltaria para aproveitar mais a festa.



Fonte: Autoria própria

Aproveitei o momento e fui averiguar mais uma vez o território. Para minha surpresa, vi que muitos outros ônibus estavam estacionados no pátio. Havia excursões de diversas regiões. Pode-se deduzir que estes encontros são rotineiros na sociedade maçônica. Algumas pessoas portavam camisas de outros encontros realizados em outras datas e locais e em um dos ônibus do estacionamento, vi um cartaz que continha a propaganda para outro encontro que iria acontecer em breve, em outra cidade do Estado do Rio de Janeiro.

Seja como for, a frequência aos encontros e atividades do mundo maçônico, seja por ocasião de alguma festa, iniciação, ou elevação, seja no consumo dos bens materiais ou alimentícios, são momentos que fomentam uma aliança entre os diferentes níveis da sociabilidade maçônica. Assim, consolidam-se práticas e valores em que são transmitidos códigos rituais aos presentes, direta e indiretamente.

1.6 Os Bingos

Todos os anos, as Lojas Maçônicas promovem alguns bingos beneficentes em Itaperuna. Esses eventos são conhecidos e amplamente divulgados pelas Lojas e maçons. O evento tem por finalidade fazer caixa para despesas da Loja Maçônica e reverter a maior parte da renda para projetos assistenciais. Assim, como todo evento maçônico, a família maçônica reúne-se para a organização e execução de tal evento.

No decorrer da pesquisa participei de quatro “bingões da maçonaria”, promovidos pelas Lojas Maçônicas locais. Geralmente, os prêmios principais e secundários são quantias em dinheiro, valores que giram em torno de R\$ 16.000,00 para o prêmio principal e quantias menores que são pagas aos ganhadores das rodadas dos “chorinhos”, prêmios menores para quem marcar uma quina, por exemplo.

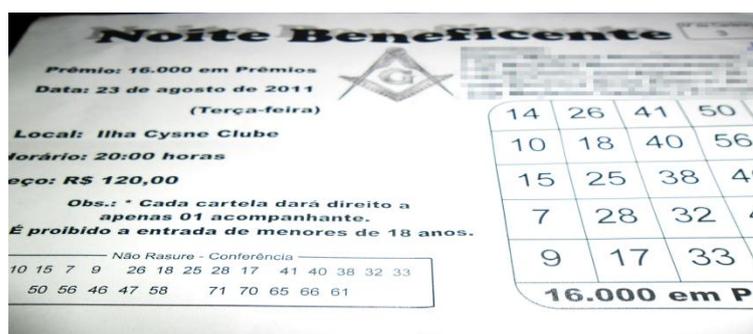


Fonte: Autoria própria

Os eventos são feitos nos clubes da cidade, pois destinam-se a um número muito grande de pessoas. Neste evento, todos os segmentos da hierarquia misturam-se para fazer com que os convidados sejam bem recepcionados. Todos os membros trabalham na organização do evento, desde manobristas ao serviço de servir as mesas são feitos pelos maçons e suas famílias. São servidos salgadinhos e bebidas, a todos os convidados.

O ingresso para entrar neste evento é ter uma das cartelas vendidas pelos maçons. Esses bilhetes são vendidos exclusivamente pelos maçons, a LM faz um rateio entre os membros e cada um fica responsável pela venda de uma determinada quota de cartelas. No evento, eram vendidas cartelas menores para as rodadas alternativas (chorinhos), todas vendidas pelos maçons. As mulheres do Departamento Feminino são responsáveis em fiscalizar se todas as mesas estão sendo devidamente servidas, trabalho o qual elas também desempenharam ao longo do evento.

Esses “bingões” são muito frequentados pela comunidade (maçônica e a comunidade em geral), pois além de possuírem um propósito filantrópico, também são uma oportunidade para ganhar algum prêmio.



Fonte: Autoria própria

Nesse evento, todos os níveis da sociabilidade maçônica estão reunidos e trabalhando. Dos aprendizes aos veneráveis, todos, inclusive seus familiares, estão desempenhando papéis para o sucesso do evento. Nesta ocasião, é possível perceber como as maçonarias exercem suas atividades filantrópicas e assistenciais. Por esse motivo, muitos dos indivíduos que compram as cartelas do bingo afirmam fazer isso para ajudar as instituições da cidade. Porém, também fica evidente que muitos não têm nenhuma noção de que esses eventos também servem para arrecadação para os caixas das Lojas Maçônicas envolvidas. Em contrapartida, esse evento também é uma forma de aproximar esta instituição da comunidade em geral, já que muitos desconhecem suas práticas e costumes.

Nos bingões, também é possível perceber o comportamento dos membros das Lojas. Em minhas observações, pude notar que os aprendizes são chamados e motivados a participarem em trabalhos mais ativos, como venda de cartelas e recepção do público. Eles transitam de forma mais ativa nestas atividades. Já os membros mais graduados na hierarquia maçônica desempenhavam papéis menos ativos, como conferir a autenticidade das cartelas e organização dos espaços entre mesas e cadeiras. Desta maneira, posso inferir que nestas ocasiões os aprendizes são postos à prova, e começam a dar os primeiros passos da direção do segundo grau na hierarquia da ordem maçônica, ou seja, tornar-se um companheiro.



Fonte: Autoria própria

Outro fator que fica nítido em eventos desse porte é a idéia do pertencimento. Todos os maçons estavam devidamente uniformizados, o que os distinguia dos demais que estavam presentes. Durante todo o tempo os maçons circulavam pelo ambiente cumprimentando uns aos outros e demonstrando que eles se sentiam realizados em estar trabalhando ali, ao lado de seus “irmãos”.



Fonte: Autoria própria

Também transitavam no público em geral cumprimentando os “profanos” que compartilhavam da mesma interação social. Tais práticas, reforçam os papéis sociais que estes indivíduos ocupam fora do mundo da maçonaria. O que de alguma maneira, confere aos maçons certo status social, conferido por sua conduta dentro e fora da organização, e que este tipo de evento torna possível demonstrar para os demais.

No capítulo seguinte, tratarei de demonstrar, mesmo que sucintamente, as origens históricas da maçonaria e os movimentos maçônicos, bem como seus reflexos nas maçonarias contemporâneas e locais.

Capítulo 2 - Maçonaria: Instalação e Desenvolvimento

2. As Origens e Tradições

Sempre envolta em uma atmosfera de mistério e repleta de lendas e mitos, procurarei ampliar o conhecimento sobre a maçonaria e sua consolidação enquanto instituição simbólica e iniciática. Apesar de sua história mesclar-se com a História Ocidental ao longo dos últimos 200 anos, ainda hoje se mantém desconhecida para a maioria das pessoas. Nesse sentido, concordo com a afirmação de Barata (2006), que diz que estudar a trajetória da maçonaria é se deparar com um duplo desafio: em primeiro lugar, a história da maçonaria continua praticamente desconhecida, tanto no Brasil quanto fora dele, e, em segundo lugar, enfrentar o problema da acessibilidade às fontes de pesquisa. Em virtude dessas dificuldades, a história da maçonaria ainda é pouco estudada, apesar de ter havido um aumento significativo de estudos envolvendo a temática no Brasil, ainda precisamos melhor compreendê-la.

Segundo Vidal (2006) a história da maçonaria é repleta de mitos de origem - pré-histórica, Egito Antigo, Templo de Salomão, Grécia Antiga, Ordem dos Templários e Idade Média. Porém, suas tradições não são somente lendas e mitos, existem fatos que corroboram suas origens históricas concretas. Mas torna-se cada vez mais difícil demarcar as fronteiras entre o mito e a realidade, pois ambas as narrativas, a lendária e a histórica, constituem a vivência e a tradição do cotidiano maçônico. São muitas as teorias e opiniões relacionadas ao ato fundador da ordem maçônica. Os historiadores maçons e não maçons estão longe de chegar a um acordo acerca da origem precisa da maçonaria. O presente trabalho não pretende investigar a história da maçonaria em sua totalidade, porém é importante apresentar um breve histórico acerca de suas possíveis origens.

Segundo Morel & Souza (2008), pode-se afirmar que a maçonaria, em sua moderna concepção tal como a conhecemos, surge historicamente apenas na Europa do século XVIII. Tendo como marco a fundação da *The Grand Lodge of England* (Grande Loja da Inglaterra)¹⁶, em 24 de junho de 1717, no dia de São João Batista, patrono da maçonaria. Segundo os autores, simbolicamente este evento torna a Grande Loja da

¹⁶ Oficialmente, a Grande Loja da Inglaterra foi fundada em Londres, no dia 24 de junho de 1717, devido à fusão de quatro Lojas maçônicas - *The Apple-Tree Taverm* (A Taverna da Macieira), *The Crown* (A Coroa), *The Rummer and Grapes Taverm* (A Taverna do Copo Grande e das Uvas) e *The Goose e Gridiron* (O Ganso e a Grelha) – todas já existiam previamente, porém, de forma não unificada.

Inglaterra a Loja-mãe da maçonaria universal. E que, com a formação da Grande Loja da Inglaterra, solicitou-se ao pastor e maçom James Anderson¹⁷ uma compilação dos antigos preceitos, costumes e regulamentos gerais da ordem. Que culminou com a publicação de uma obra que veio a receber o nome de *Constituições de Anderson* contendo a história lendária da instituição, suas obrigações e leis basilares, que foram publicadas em 1723, tornando-se, com pequenas alterações advindas da fusão de mais Lojas em 1813, o instrumento jurídico básico da maçonaria moderna ou especulativa. Antes desta data a maçonaria era conhecida como operativa.

Segundo o historiador maçom Marcos Santiago (1992), a maçonaria operativa está associada às guildas, uma forma de associação de trabalhadores manuais, agrupamento autônomo característico dos países germânicos e anglo-saxões. Essas parecem estar ligadas ao *convivium*, costume particular dos germânicos de tratar de assuntos sérios durante banquetes e libações. Essas associações e guildas posteriormente evoluíram até se organizarem em confrarias (de fundo religioso e social) e ofícios (organismos profissionais), que se confundem, de certa forma, e se consolidaram, agrupando os profissionais de diversas atividades. Nesta fase, a maçonaria dita operativa, praticada pelos construtores do ofício, estava fundamentada jurídica e eticamente nos manuscritos que continham as *Old Charges* (Antigas Obrigações), uma série de princípios que regiam a conduta moral dos profissionais que aderissem a esse tipo de confraria.

A teoria mais provável sobre a criação da maçonaria provavelmente está relacionada com as tradições medievais. Está relacionada aos pedreiros – *asons*, *maçons* – do final da Idade Média. Segundo Vidal (2006), esses pedreiros se agrupavam em grêmios que resguardavam zelosamente os saberes de seu ofício, ensinavam sua arte apenas às pessoas escolhidas que se reuniam para descansar em cabanas, que acabaram recebendo o nome de “Lojas Maçônicas”. No entanto, não podemos falar de maçonaria em sentido estrito nessa época, é certo que se encontram nesses grêmios de pedreiros alguns aspectos que, mais tarde, seriam aproveitados pelos maçons da fase especulativa

¹⁷ James Anderson (1680-1739) foi um pastor presbiteriano e maçom. Nasceu em Aberdeen (na Escócia), onde passou sua infância/adolescência e obteve seu diploma universitário. Em 1710, tornou-se ministro da igreja presbiteriana e mudou-se para Londres. Muito ligado a Jean Théophile Désaguliers, teólogo eleito grão-mestre da primeira Grande Loja da Inglaterra (1719). Anderson foi incumbido por Désaguliers, a 29 de setembro de 1721, do importante trabalho de compilação das antigas constituições/obrigações dos maçons, e torná-las mais adequadas às novas necessidades da ordem (Lepage, 1978, p.50).

ou moderna. Nessa teoria, talvez encontremos os elementos mais próximos de uma possível origem da tradição relacionada à maçonaria atual.

Essas teorias estão presentes nas doutrinas maçônicas e são tidas por muitos maçons como a essência de seus ensinamentos. Porém, meu foco analítico não pretende comprovar ou desmentir a veracidade dessas teorias. Considero essas teorias de fundação um elemento cuja função é dar significado às representações que fornecem as identidades dos membros pesquisados que, de alguma forma, perseguem com o sonho de uma fraternidade universal, feita através de um aprimoramento moral e intelectual de si e do mundo. Procuo demonstrar que a maçonaria possui uma lógica simbólica própria, que deve ser analisada em conjunto com a investigação de sua prática no contexto em que se faça presente.

Tamanho é a complexidade dos significados dessa organização que Hobsbawn & Ranger (2008), em *A Invenção das Tradições*, consideram a maçonaria uma "tradição inventada"¹⁸, e que isso se deve ao fato de que essa organização, valendo-se da continuidade histórica, usa elementos considerados antigos por seus integrantes na elaboração de novas tradições para fins bastante originais. Nesse sentido, afirmam que:

Às vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais – religião e pompa principesca, folclore e maçonaria (que, por sua vez, é uma tradição inventada mais antiga, de grande poder simbólico) (Hobsbawn & Ranger, 2008, p. 14).

Segundo o conceito dos autores, a maçonaria é o maior exemplo de instituição que desenvolve esse tipo de prática. Para eles, essas práticas se devem a alguns fatores, sendo que a maioria deles está ligada ao fato de que “é o contraste entre as mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os historiadores contemporâneos (Hobsbawn & Ranger, 2008, p.10).

Tendo em vista as considerações dos autores citados, concordo com eles que a maçonaria exemplifica o conceito de “tradição inventada”. Não quero aqui dizer que

¹⁸ Os autores definem “tradição inventada” como sendo “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”.

este conceito diminui ou exclui as bases históricas da maçonaria. Contudo, não posso concordar com as teorias que não possuem meios históricos para comprovar as origens desta complexa instituição.

2.1 A Maçonaria no Brasil

Assim como não há um consenso da origem da maçonaria, não há registro preciso sobre sua chegada ao Brasil. Segundo Colussi (2002), foi no início do século XIX que a maçonaria chegou ao Brasil e sua chegada pode ser entendida como um momento em que o Brasil buscava consolidar-se enquanto um país moderno. No entanto, cabe ressaltar que, para alguns pesquisadores, as idéias maçônicas já circulavam aqui antes desse período.

Nesse momento, o Brasil passava por grandes transformações políticas e sociais. O país buscava solidificar-se enquanto nação, apesar de seu conservadorismo político e das desigualdades sociais. O país estava passando por revoltas e crises internas. Eclodiram muitos movimentos anticolonialistas, que culminaram com a independência em 1822. Em meio a esse cenário político-cultural conturbado, surgiam sociedades políticas literárias, que, segundo Colussi (2002), foram principais responsáveis pela penetração do movimento maçônico em nosso país. Para ela, isso se deu pelo fato de que muitos brasileiros, filhos da elite, foram estudar na Europa e lá tiveram contato com os ideais liberais e maçônicos. Retornando para o Brasil, eles criaram organizações que difundiam os preceitos desses movimentos.

Segundo a autora, as sociedades secretas, políticas ou literárias, funcionaram no Brasil principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, à semelhança desse tipo de organização existente na Europa. Elas se constituíram num espaço importante na difusão do liberalismo¹⁹ no Brasil. E que entre as sociedades mais importantes do período destacam-se: a Academia dos Renascidos, fundada em 1759 na

¹⁹ Segundo Bobbio, Matteucci & Pasquino (1998), historicamente os pensadores liberais defenderam, contra o Estado, duas liberdades naturais. Na época do capitalismo nascente, lutaram a favor da liberdade econômica: o Estado não deveria se intrometer no livre jogo do mercado que, sob determinados aspectos, era visto como um Estado natural, ou melhor, como uma sociedade civil, fundamentada em contratos entre particulares. Contra todas as possíveis formas de Estado absoluto, o Liberalismo, ao nível da organização social e constitucional da convivência, sempre estimulou, como instrumentos de inovação e transformação social, as instituições representativas - isto é, a liberdade política, mediante a participação indireta dos cidadãos na vida política e a responsabilidade do Governo diante das assembleias e/ou dos eleitores e a autonomia da sociedade civil como autogoverno local e associativo ou como espaço econômico (mercado) e cultural (opinião pública) no interior do Estado não diretamente governado por ele.

Bahia; a Academia Científica, em 1772, no Rio de Janeiro; a Academia do Paraíso, em 1802, em Recife; a Academia Regeneração em 1809, em Olinda; a Academia Suassuna, em 1802, no Cabo; a Arcádia Ultramontana em 1786, no Rio de Janeiro e o Areópago de Itambé, em 1786, em Pernambuco.

Entre os frequentadores dessas reuniões literárias e políticas se encontram maçons iniciados na Europa, que traziam de lá os ideais do Liberalismo e as idéias maçônicas. Ainda segundo Colussi (2002), essas sociedades eram importantes em razão de terem, na sua maioria, assumido posições anticolonialistas sob influência das idéias iluministas. Para ela, é difícil determinar como de fato funcionavam essas sociedades e o que exatamente elas faziam. Mas é indiscutível que suas motivações eram políticas, e em defesa do pensamento liberal e que a Inconfidência Mineira, a Conjuração Baiana e a Revolução Pernambucana foram tramadas no interior dessas sociedades. Seja qual for a versão historicamente mais verificável, o que não podemos negar é que a maçonaria formou, a partir de sua chegada, uma rede de Lojas por todo o território nacional, e organizou um dos primeiros movimentos políticos organizados no Brasil do século XIX. Apesar da falta de consenso entre historiografia e maçonaria, a participação da maçonaria em momentos decisivos de nossa história é inegável. Porém, Ramalho (2008) nos chama a atenção para um fato a este respeito:

A participação da maçonaria em todos esses eventos não significa que a instituição tenha sido a grande responsável por eles, como querem acreditar alguns e como divulga a mitologia referente à Ordem, mas que sua atuação se deu, efetivamente, no campo da formação de uma cultura política calcada na defesa da laicização da sociedade brasileira, juntamente com outros segmentos da intelectualidade (Ramalho, 2008, p. 38).

A maçonaria presente no Brasil do século XIX, tendo como ideário os princípios liberalistas, individualistas, racionalistas, talvez tenha sido a organização que mais atuou em prol dos movimentos que difundiram valores como educação e cidadania, princípios esses que impediam o desenvolvimento de um país marcado pelo conservadorismo e pela desigualdade. As Lojas Maçônicas criadas aqui, assim como suas homólogas europeias, funcionavam como meio para que os indivíduos praticassem atividades intelectuais e políticas progressistas. Cabe lembrar que a maçonaria nunca foi um ambiente formado por pessoas que partilhassem dos mesmos ideais políticos, o que é um consenso entre todos os pesquisadores do tema, o que fez surgir movimentos diversificados e até mesmo competitivos entre si. Porém, o que talvez mantivesse a

união dos maçons provavelmente fosse o interesse em construir um país capaz de experimentar um processo de modernização dos padrões tradicionais e sociais.

2.2 A Fundação do Grande Oriente do Brasil

Certamente o ato mais expressivo da organização maçônica no Brasil foi à fundação do Grande Oriente do Brasil, em 17 de junho de 1822. Essa ação marcou definitivamente a presença da maçonaria em território brasileiro. O GOB foi fundado a partir do desmembramento da Loja Maçônica Comércio e Artes Número 1 em mais duas Lojas, sendo elas: a União e Tranquilidade e Esperança de Niterói. Esse ato foi decisivo no processo de consolidação e expansão dos ideais maçônicos e também facilitou a propagação das idéias liberais, funcionando como processo de pressão pró-independência, como afirma Colussi (2002).

Segundo Morel & Souza (2008), o GOB adotou o Rito Francês Moderno, criado em 1783. O maçom que presidiu a instalação dos trabalhos do GOB foi o capitão engenheiro João Mendes Viana, na condição de venerável da Loja Comércio e Artes. Segundo os autores, nas primeiras reuniões do GOB a clandestinidade (ou segredo, como então se dizia) era fundamental não só por uma questão de fidelidade ritualística, mas pela própria segurança de seus membros e por estarem tramando pela independência do Brasil. Nesse sentido os autores afirmam que:

Uma das tarefas marcantes do GOB foi enviar emissários às mais importantes províncias brasileiras para articularem politicamente a Independência na forma como estava sendo concebida: unidade territorial brasileira, monarquia constitucional e governada pelo príncipe da dinastia de Bragança. Note-se que, desse modo, os maçons contribuíram mais efetivamente para a criação de laços de tipo nacional e de um modelo de Estado centralizado, mas poucos colaboraram para a consolidação da própria maçonaria como instituição de nível nacional, naquele momento (Morel & Souza, 2008, p.96).

Em visita ao site do Grande Oriente do Brasil, em sua aba intitulada Histórico, encontrei algumas informações sobre o ato fundador do primeiro poder maçônico central. Lá consta um breve relato, que segundo a página, o GOB:

Teve, como seus primeiros mandatários José Bonifácio de Andrada e Silva, ministro do Reino e de Estrangeiros e Joaquim Gonçalves Ledo, Primeiro Vigilante. A 4 de outubro do mesmo ano, já após a declaração de independência de 7 de setembro, José Bonifácio foi substituído pelo então príncipe regente e, logo depois, Imperador D. Pedro I (Irmão Guatimozim). Este, diante da instabilidade dos primeiros dias de nação independente e

considerando a rivalidade política entre os grupos de José Bonifácio e de Gonçalves Ledo - que se destacava, ao lado de José Clemente Pereira e o cônego Januário da Cunha Barbosa, como o principal líder dos maçons - mandou suspender os trabalhos do Grande Oriente, a 25 de outubro de 1822. Somente em novembro de 1831, após a abdicação de D. Pedro I - ocorrida a 7 de abril daquele ano - é que os trabalhos maçônicos retomaram força e vigor, com a reinstalação da Obediência, sob o título de Grande Oriente do Brasil, que nunca mais suspendeu as suas atividades.²⁰

De qualquer forma, a partir dessa fase, o clima de competição e rivalidade tomou conta da maçonaria brasileira. O que facilitou a criação de inúmeros poderes maçônicos diferentes. Porém, Colussi (2002) diz que as rivalidades e divergências não impediram, entretanto, um gradual crescimento da maçonaria no Brasil.

Tomando um lugar cada vez mais ativo na vida político-cultural do país, na segunda metade do século XIX, a maçonaria consolidou-se enquanto associação. Foi nesse período também que ela se tornou contrária aos posicionamentos da Igreja Católica. Novas demandas começaram a fazer parte da agenda do mundo maçônico. Nesse período, os maçons intensificaram uma campanha de propaganda e divulgação da ordem maçônica. Segundo Colussi (2002):

A criação de uma imprensa própria permitiu intensa divulgação das atividades, das ideias e dos objetivos da maçonaria. Foram criadas revistas, almanaques, jornais e boletins dirigidos aos seus filiados. Também se iniciaram a tradução para o português e a publicação de obras e manuais maçônicos. A propaganda dirigia-se também às famílias e convidados profanos, ou seja, não iniciados, em festas, jantares e cerimônias de caráter aberto (Colussi, 2002, p. 25).

Para Barata (2006), a sociabilidade maçônica, apesar de seu caráter fechado/secreto, representou uma profunda mudança no contexto cultural da sociedade luso-brasileira neste período. A maçonaria mostrou-se permeável a um diálogo com o mundo exterior às Lojas maçônicas e que a partir desse diálogo, procurou interagir com um debate sobre a coisa pública. Nesse período, a maçonaria procurou interferir no contexto sociopolítico brasileiro, tendo o ideal da ilustração como ponto de contato. Ainda segundo o pensamento de Barata (2006), nesse contexto a sociabilidade maçônica funcionou como escola de formação de política. Nesse sentido afirma que:

É necessário não perder de vista que a vivência propiciada pela sociabilidade maçônica foi importante no aprendizado das práticas representativas e no

²⁰ Texto disponível em:

http://www.gob.org.br/gob/index.php?option=com_content&view=article&id=1297&Itemid=320.
Acessado em 18 de março de 2012.

forjar de uma cultura política, em que o exercício da soberania passava das mãos do rei para as da nação. Mais do que uma instituição monolítica, a maçonaria foi espaço do confronto entre os diferentes projetos políticos que mobilizavam aqueles homens. Mais do que um espaço de articulação política, a maçonaria foi uma escola de formação e prática políticas, na qual as regras do jogo político enquanto participação em organismos representativos e constitucionais foram aprendidas, divulgadas e, sobretudo, vivenciadas pelos seus membros no período que antecedeu a convocação da primeira Assembleia Constituinte brasileira (Barata, 2006, p.253).

Nesse contexto, os membros da maçonaria eram, em sua maioria, integrantes da camada média e abastada da sociedade brasileira. Eram integrantes da elite política, comerciantes, funcionários públicos, militares, proprietários rurais e outros setores que tivessem condições de arcar com as despesas de mensalidades, filantropia e custos com vestimentas. De maneira geral, os integrantes tinham anos de escolaridade, eram graduados, com ênfase para os cursos de Medicina, Direito e Engenharia.

Os maçons desse período eram atuantes no campo político. Contudo, suas atuações políticas não eram homogêneas, eles atuavam de diferentes formas, em diferentes partidos políticos. Independente das ações e ideais desses partidos, a maçonaria exerceu uma grande influência na cultura política do país. Dois pontos principais da atuação maçônica podem ser evidenciados nesse período: a secularização e a filantropia.

Durante o período do Segundo Reinado (1840 - 1889), aconteceram muitos conflitos entre o poder monárquico e a Igreja Católica no Brasil. Nesse período, a maçonaria ganhava força na sociedade brasileira. Vários foram os fatores que influenciaram esse processo, como já citei acima. Porém, o anticlericalismo e a secularização promovida pela maçonaria alimentou ainda mais esse embate. A Igreja proibiu seus membros de serem maçons desde a publicação da súmula papal *Eminentissimi Apostolatus* de 1738. Desde então, o Vaticano emitiu várias bulas papais que proibem a adesão dos católicos da Maçonaria sob a ameaça de excomunhão.

No Brasil o conflito entre maçonaria, Igreja e poder monárquico teve origem no que chamamos de Questão Religiosa (1872-1875). A partir de 1870, as maçonarias brasileiras assumiram sua política anticlerical e anticatólica, movimento que reagia contra as condenações regulamentadas pelas bulas papais *Quanta Cura* (1864) e *Syllabus Errorum* (1865), documentos da Igreja que condenavam o pluralismo religioso, e uma série de políticas envolvendo temas como socialismo, democracia e liberalismo.

Do ponto de vista dos maçons brasileiros, a Igreja tinha de ser combatida com as *Luzes* do saber, pela via da instrução, através da incorporação de idéias do processo

civilizatório desencadeado pelo movimento Iluminista. Na visão maçônica, a sociedade brasileira desse período deveria entrar definitivamente na modernidade, e para isso teria de se tornar mais letrada. Os maçons defendiam que o progresso econômico e social do Brasil dependia de um ensino de qualidade, laico e em condições de servir à maioria da população. Em defesa do ensino laico, Colussi (2002) afirma que:

Em termos nacionais, foi a partir do decênio de 1870 que se observaram as primeiras iniciativas mais concretas nesse campo, as quais deram base para a política maçônica de criação de escolas próprias, desenvolvida na virada do século. Em 1872 foi fundada, no Rio de Janeiro, uma Loja maçônica, a *Vésper*, cuja finalidade era difundir a instrução nas classes populares (Colussi, 2002, p.38).

Segundo Morel & Souza (2008), o principal motor associativo destas diferentes potências era a filantropia. Para os autores, nesse período as associações, maçônicas ou não, apresentavam uma natureza multifuncional, voltadas para as dimensões econômica, pedagógica, corporativa, política e filantrópica. Tudo isso poderia ser encontrado em uma mesma instituição, e as maçonarias não ficaram indiferentes a este processo. Afirmam ainda que a filantropia praticada por essas associações funcionava como beneficência e também como uma forma de expansão da civilização ocidental e ao mesmo tempo um meio eficaz de criar redes de poder e laços de clientela. A filantropia era muito praticada pelos maçons do Brasil Império. É sugestivo analisar que a filantropia continua a ser uma das características da identidade maçônica. Nas entrevistas feitas por mim, pude perceber que esse ponto continua sendo muito presente na comunidade pesquisada.

Outra causa defendida pelas maçonarias brasileiras foi o movimento abolicionista. Esse movimento ganhou força e expressão com a criação de agremiações antiescravistas, como, por exemplo, a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, criada por Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, ambos, maçons e abolicionistas assumidos. Segundo Colussi (2002), existia de fato um posicionamento abolicionista defendido pela maçonaria. Para ela, esse posicionamento poderia ser analisado de duas maneiras, de origem ideológica ou baseado em concepções ligadas à ideia de filantropia. Ela afirma que, na maior parte dos casos, os maçons acreditavam que libertar os escravos era um ato de caridade, o que estava de acordo com as finalidades da maçonaria. Finalidades que defendiam a ideia de que todos os homens devem ser livres e de bons costumes. E

que baseadas nessa concepção, de causa humanitária e beneficente, iniciativas maçônicas ocorreram então em todo o Brasil em defesa dos escravos.

Em síntese, mesmo que o grau de participação da maçonaria não tenha sido do tamanho e na proporção que seus membros difundem, é inegável o papel que a maçonaria ocupou na História do Brasil. A maçonaria propiciou um espaço onde se fomentava o debate político e cultural. Nesse aspecto, concordo com a visão de Colussi (2002) afirmando que talvez a influência mais importante da maçonaria no Brasil seja no âmbito cultural. Através de seus iniciados, a maçonaria brasileira abriu caminho para uma nova cultura política, com a intenção de combater os vícios e os retrocessos até então praticados pelo conservadorismo do antigo regime. A instituição maçônica, através de suas influências liberais e emancipacionistas, debateram questões importantes para o desenvolvimento de uma nação mais humana e secularizada.

Com a intenção de investigar um pouco mais sobre a origem da maçonaria, fui a campo perguntar aos maçons qual era origem da maçonaria e como esse passado havia sido incorporado às tradições do imaginário construído pelo mundo maçônico atual. Cabe lembrar que em todos os depoimentos usados neste trabalho, salientei os pontos mais importantes das falas de meus informantes que, de alguma forma, apontavam as questões investigadas. Eis alguns relatos:

Eu tenho notícias de livros, até mesmo de ritual da época de Salomão. Dos tempos de Salomão, tanto que o Templo de Salomão, quando ele foi construído, cada um tinha o seu cargo. Por que a maçonaria tem a pedra bruta, a pedra polida, o cinzel? Tudo tem a ver com pedreiro, maçom é pedreiro. O nível, porque tudo vem do Templo de Salomão. Quando ele construiu cada cargo, tinha um código, então... Salomão tinha os seus aprendizes, companheiros e mestres, cada um tinha a sua sequência. Aí o que acontece? Um companheiro quis passar à frente e descobrir a palavra de passe. O que é o passe? O passe lá no tempo de Salomão é a senha de hoje, a senha do cartão. A palavra de passe do companheiro é X, a do mestre é Y, então quando Salomão chegava perto dele, ele falava (...) tinha um monte de gente trabalhando... “então, você é companheiro, vem pra cá, você vai pra lá” (sic). Teve um que (...) tem sempre um Judas no negócio que quis furar um outro e forçou um outro mestre pra dar a palavra de passe, isso tá (sic) tudo no ritual. Ele não deu, e bateram com a cabeça dele com um marrete, não sei, e para o Salomão não descobrir (ele não deu de jeito nenhum) pegou e levou pra longe no deserto, e conforme o ritual ele diz que a gente faz lá dentro do templo tipo uma caminhada, três quatro, não lembro direito (tudo simbólico) o aprendiz são três, o companheiro são cinco e o mestre são sete. Tudo simbólico. Aí nesse ritual ele diz que atesta a força, veja aqui, é por aqui... aí leva ao corpo do cara (sic) do que foi morto pelo outro. Aí o outro vai e entrega.

Porque que... eu lembro que no ritual de aprendiz ele diz que se eu for perjúrio que seja cortada a língua e a cabeça ao meio. Eu disse: não. E no outro grau que é o companheiro que seja arrancado o coração e seja dado aos abutres. Que corte o corpo ao meio. Cada grau da maçonaria é um ato

simbólico daquilo que aconteceu lá atrás, no tempo de Salomão. (Homem, branco, economiário, católico, casado, Mestre, 49 anos).

Ah, a maçonaria é milenar, vem de Salomão. Vem de Salomão, do Templo de Salomão. O aprendiz, a pedra bruta, o tabuleiro da maçonaria, tem o G, a geometria, as colunas B, J. quando entrei, entrei na coluna do lado direito, na B, agora já sou companheiro já sou da J. Vai mudando dentro da Loja (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Pois é, a maçonaria atual, meu conhecimento é muito limitado, porque sou aprendiz ainda, a maçonaria atual, até onde eu sei, não sei se eu estou falando alguma besteira, ela surge no século XVII ou século XVIII. Mas, a maçonaria no sentido amplo, *lato sensu*, acredita que Jesus foi maçom. Não por nada não, não é porque Jesus tinha aquele jeito, aquelas idéias de amor, não é por nada disso. É por certas instituições, acredita-se que a maçonaria é uma instituição que exista antes de cristo, por causa de alguns sinais nas pirâmides por exemplo. A própria pirâmide é exemplo disso. Eu não sei te dizer a quanto tempo existe a instituição maçonaria. O que eu sei te dizer é que ela é antiga. Se ela é de três mil anos, quatro, cinco mil anos ou trezentos anos eu não sei te dizer (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29 anos).

A Maçonaria (...) é nós encontramos na Bíblia, em Reis de 1 a 7, dali foi formando. Salomão é que construiu o primeiro templo, Templo de Salomão. Esse tem uma lenda muito importante, tem até a inauguração do templo que ele levou sete anos para construir. Na rainha de Sabá, são lendas muito bonitas. É isso que eles passam para nós, tem livros e textos sobre isso. Ele ordenou, quem construiu foi um arquiteto, ele levou sete anos. Depois, eu li que houve uma invasão em Jerusalém e destruíram o templo construído por ele. Isso eu li em um livro que falava da invasão de Jerusalém. Tem até um caso que, quando eles destruíram o templo, eles acharam uma relíquia importantíssima que eles respeitaram. Em Jerusalém, no tempo de Salomão, partiu dali (Homem, branco, aposentado, católico, viúvo, Mestre, 93 anos).

Olha, é muito difícil. A maçonaria surgiu basicamente na França. As pessoas se reuniam para fazer o bem e foram taxadas de bruxos, de tudo que você possa imaginar, e por isso que eles passaram a se comunicar com sinais. Através dos sinais, das palavras, a maçonaria tem até um alfabeto próprio (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Cavaleiros templários, isso vem lá de trás. Remonta dos tempos bíblicos, bem antigo. Tempos milenares (Homem, branco, advogado, solteiro, Mestre, 34 anos).

As respostas a esta questão fornecem alguns indícios sobre o mito de criação e a estrutura do simbolismo da maçonaria, bem como apresenta dimensões específicas de sua presença histórica ao longo dos tempos. É preciso dizer, desde já, que esta questão não trata de especulação ou desmentir as versões oficiais sobre a criação da maçonaria, o eixo central da pergunta é, contudo, perceber como os maçons localizam a origem da instituição. Parece-me mais útil pensar como os maçons localizam a origem da

organização na qual exercem comportamentos e ações que estão fundamentados de maneira imediata e concreta, e que de alguma maneira os levam a praticar a continuidade de um complexo sistema simbólico, dotado de uma profunda significação interna.

Isto posto, estou me referindo basicamente a uma origem difusa, individualizada, normalmente avessa às definições precisas e a mediação dos livros e manuais. Ou seja, aquela localização em que o maçom constrói o sentido responsável pelas significações de sua moral e conduta dentro do mundo maçônico.

2.3 A Maçonaria em Itaperuna

Segundo Henriques (1956), a atuação da maçonaria no município deu-se por volta de 1870, no distrito de Laje do Muriaé, com a fundação da Loja Maçônica “Ao Oriente da Laje”, a qual estava subordinada a uma Loja Maçônica de Muriaé, município vizinho do Estado de Minas Gerais. Segundo o autor os trabalhos maçônicos tiveram início na cidade de Itaperuna em 1895, mais precisamente no mês de setembro, tendo este feito anunciado por um dos jornais locais (O Itaperunense) em suas manchetes a seguinte notícia: “Fundou-se nesta cidade uma Loja Maçônica. composta que é de distintos cavalheiros, reunindo-se a isto a excelente vontade no desenvolvimento dela, é de supôr-se que vá avante”.

A primeira Loja Maçônica de Itaperuna tinha o nome de “União Itaperunense”, e se instalou oficialmente em 29 de maio de 1896. Entre as pessoas que fundaram o movimento maçônico em Itaperuna figuravam pessoas da elite, proprietários rurais, advogados, jornalistas, comerciantes, militares e outros. Porém, os trabalhos dessa Loja foram interrompidos de forma definitiva, até a criação da Segunda Loja a “F. . N. . F. .” em 1933, que funciona até os dias atuais.

No tocante ao projeto de pesquisa, percebi que esta referida cidade fluminense também se apresenta como importante centro “maçônico” no Estado do Rio de Janeiro, segundo o discurso de seus membros. Procurei compreender por que e como os indivíduos estão inscritos em Lojas Maçônicas, identificando as abordagens em torno da maçonaria e, especificamente, a sua necessidade e seu modo de atuação na sociedade. Busco investigar por que motivo os indivíduos, em suas diversas formações religiosas e profissionais, iniciam-se na maçonaria. Pretendi investigar por que motivos esses indivíduos se iniciam nos “augustos mistérios” da maçonaria. Com isso, busco refletir

sobre as seguintes questões: O que almejam esses indivíduos? Por que motivos se iniciaram? Como o indivíduo se sente sendo maçom?

Acredito que analisar os maçons através de um espaço mais reduzido, ou seja, a cidade de Itaperuna me fornecerá detalhes do comportamento ou atitude individualista, no sentido de servir aos interesses do indivíduo, nos quais ele expressa uma visão de mundo em que o a gente empírico é o sujeito moral e unidade mínima significativa, na qual o prestígio do pertencimento implicaria na associação a uma situação mais tradicional, de certa estabilidade. As regras, valores e modelos estão relativamente claros e os indivíduos a gentes empíricos são avaliados e situados dentro de um modelo hierarquizante com categorias, em princípio, bem definidas. A ascensão, por sua vez, estaria associada à mudança e transformação, tanto em termos de trajetória individual como de contexto social (Velho, 2008, p.53). Através deste prisma analítico, investigarei seus interesses (conscientes ou inconscientes) na construção social diante da sociedade e de seu grupo.

Porém, o principal motivo da escolha deste local é a questão de que este município está em um ponto estratégico na configuração sócio/política da região noroeste fluminense. A localidade também contribui para uma crescente constituição dos valores maçônicos na região norte/noroeste do Estado do Rio de Janeiro. A cidade conta com um número expressivo de maçons e Lojas Maçônicas (LM), expressão esta que pode ser identificada por uma série de eventos, homenagens e intercâmbios que as LM de Itaperuna promovem com regularidade, recebendo maçons de várias regiões do país.

2.4 As Lojas Maçônicas de Itaperuna

A relevância de ressaltar o espaço, como proposto no capítulo 1 é porque, para os associados, a Loja Maçônica é um espaço “sagrado” para os iniciados. Nesse ambiente, os maçons praticam suas reuniões rituais mais significativas. Este é o principal elemento simbólico na prática maçônica, como podemos notar na citação feita por um autor maçom:

Os maçons simbólicos buscam a verdade, em suas diferentes facetas, mediante uma iniciação que se realiza através de um sistema de símbolos e em fraternidade. Suas reuniões são levadas a cabo em um espaço concreto, no qual simbolizam um âmbito situado fora das coordenadas espaço-temporais comuns ou habituais. Por isso, o recinto da oficina ou Loja em que trabalham

também é um *templo* ou lugar *separado*, que reflita mediante símbolos esse mundo de idéias transcendente (Hurtado, 2008, p.114).

As Lojas ou Templos maçônicos são ambientes restritos aos iniciados, ou seja, o círculo mais restrito da sociabilidade maçônica. A Loja Maçônica é o espaço magno no mundo maçônico. Nesse local, os iniciados e seus familiares praticam o segundo lema da maçonaria, a fraternidade. A experiência partilhada nesse ambiente é a premissa para o acesso ao conhecimento dos “augustos mistérios”²¹ e a realização do “dever”²² de aperfeiçoamento individual.

Assim sendo, as maçonarias não devem ser analisadas de forma homogênea (Morel & Souza: 2008). Muitas são as formações e dissidências no mundo maçônico. Suas origens e ritos conferem a cada Potência Maçônica²³ uma natureza simbólica e jurídica diferente, apesar de seguirem um mesmo ideal. Ou seja, todas se definem como sendo organizações formadoras de indivíduos esclarecidos e dotados de virtudes, segundo seus Regulamentos e Constituições²⁴. Os adeptos da maçonaria estão longe de constituir um grupo coeso e homogêneo.

A Loja Maçônica compreende um ambiente diversificado que envolve os dois diferentes níveis da sociabilidade maçônica, o amplo e o restrito. Elas reúnem o templo, que é o espaço onde só os iniciados podem entrar, enquanto reunião ritual e os ambientes periféricos que formam o ambiente total da Loja. Esses ambientes periféricos geralmente são salas e antessalas, e a salões de festa que circundam o salão do templo.

²¹ Segundo Aslan (1974) Diz-se daquele que, admitido na Maçonaria, ‘é Iniciado nos augustos mistérios’, ou seja, augustos segredos da Instituição, aquilo que ensinado em sua filosofia, seus sinais, toques e palavras. Chama-se iniciado aquele que passa pelas primeiras provas da iniciação e, em outro sentido, aquele que revela possuir um conhecimento que não é normalmente ministrado nas escolas profanas, que exige o percorrer de uma via mística, que conduz estado oculto do saber, que só está acessível ao iniciado.

²² Todo maçom tem de seguir uma série de preceitos postulados em seus regimentos e regulamentos. De forma geral, esses regulamentos seguem um mesmo padrão, tendo como base *A Constituição de Anderson*, em que consta: frequentar assiduamente os trabalhos da Loja a que pertencer; desempenhar funções e cargos maçônicos que lhe forem comeditos; satisfazer com pontualidade contribuições pecuniárias ordinárias e extraordinárias; reconhecer como irmão todo maçom e prestar-lhe a proteção e ajuda de que carecer, etc.

²³ De acordo com Silva (2009), Potência Maçônica é o órgão superior a que uma Loja Maçônica está diretamente subordinada. Temos no Brasil diversas potências maçônicas. A mais antiga (17/06/1822) e representativa é O Grande Oriente do Brasil - GOB - é de âmbito nacional e forma uma federação, que atinge a todos os Estados, através dos Grandes Orientes Estaduais – GOE. Existem também as Grandes Lojas – GL – uma para cada Estado. Existem ainda os ditos Grandes Orientes Independentes – GOI – ou autônomos, que surgiram em 1927, de uma cisão no Grande Oriente do Brasil, em 1973. O Grande Oriente do Brasil, como Potência maçônica nacional, tem um Grão-Mestre Geral, que, a partir da Capital Federal (maçonicamente, é o poder central), o dirige, com a colaboração dos Grão-Mestres estaduais. Já nos casos das Grandes Lojas e dos Orientes Independentes, não há um poder central, pois cada estado é independente de outro e possui um Grão-Mestre soberano, em sua jurisdição, sem qualquer subordinação.

²⁴ Regulamentos e Constituições são as leis básicas de uma Potência Maçônica.

Todos esses recintos conferem corpo a uma Loja Maçônica. Mais adiante terei a oportunidade de detalhar esses ambientes tendo como exemplo as Lojas Maçônicas que visitei.

O recinto do Templo ou Loja segue um padrão estabelecido seguindo algumas regras esotéricas e astrológicas. As Lojas/Templos refletem uma lógica ritual muito diversificada e alegórica. Para isso se valem de elementos que não são pura e simplesmente alegóricos. Cada símbolo empregado faz alusão ao templo universal ou Grande Obra, cuja apreensão constitui o principal objetivo da busca do maçom, que deve partir de sua conscientização pessoal. Os elementos simbólicos de uma Loja Maçônica remetem ao simbolismo usado na construção. Assim, o templo representa o espaço onde os indivíduos refletem sobre o micro (indivíduo) e macrocosmo (universo). Para o sistema simbólico da maçonaria, o homem é uma réplica do macrocosmo e deve zelar pela manutenção e ampliação de sua obra. Cabe relevo pensar na Loja como lugar “separado” do mundo, pois ela ocupa um lugar “sagrado” onde os indivíduos buscam os valores que darão sentido às suas vidas no mundo “profano”. E que a partir dessa experiência esotérica se torna um indivíduo mais preparado para discernir o que é errôneo e melhor desenvolver suas capacidades morais e intelectuais.

O modelo simbólico usado pela maçonaria remete ao Templo de Salomão. O ambiente do templo é reproduzido por todas as Lojas Maçônicas do mundo. Esse modelo segue as orientações da planta do Templo de Salomão, presentes no texto bíblico²⁵. As Lojas (Templos) devem ser construídas em formato retangular. O recinto do Templo é disposto em três partes: o Átrio – o espaço que antecede o centro da Loja - o Centro - local onde se encontra o pavimento mosaico (preto e branco), local dos “trabalhos maçônicos”²⁶, onde os Obreiros (maçons) ficam - E o Oriente – local onde se encontra o Venerável Mestre, ou seja, o membro que preside uma Loja Simbólica.

Essas partes constituem a estrutura básica de uma Loja Maçônica contemporânea. Todos esses ambientes são decorados com diversos símbolos que remetem ao simbolismo da construção. Esta exposição simbólica pode variar de rito para outro. Contudo, todos fazem pequenas mudanças quanto à disposição da Loja. O que geralmente muda são as cores e as posições dos símbolos maçônicos, bem como sua forma de apresentação para os iniciados.

²⁵ Vide Bíblia Sagrada, 1 Reis 6, 1-10.

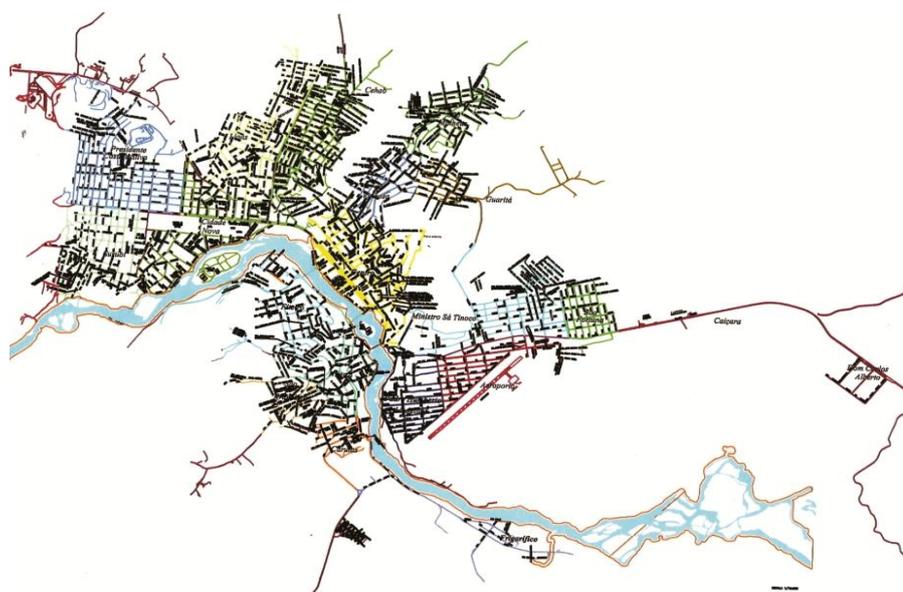
²⁶ Exercício de alguma atividade ou função na Maçonaria, de natureza manual, intelectual e espiritual. Cada Loja é uma *Oficina*, cada maçom um *Obreiro* do templo da humanidade, e a Ordem Maçônica, uma colmeia ativa em todo mundo, dia e noite (Figueiredo, 2008, p. 510).

Quando visitei o lugar pela primeira vez (oito de julho de 2011), pude visualizar os detalhes e localização das construções das Lojas. Um de meus informantes, Venerável de uma das Lojas, foi quem me convidou a conhecer as Lojas e participar de um jantar junto dos maçons.

Por volta das 20h 30min eu cheguei ao endereço fornecido, avistei duas construções, uma mais sofisticada e outra mais simples, que continham os símbolos e inscrições que sinalizavam que naquele local funcionavam Lojas Maçônicas. A construção mais elaborada ostenta três grandes colunas gregas em estilo dórico, pintadas de branco. A parede que cobre a fachada frontal é pintada de vermelho escuro. Na parte superior da fachada encontram-se o esquadro e o compasso, símbolos principais da maçonaria. A construção da direita é mais simples. Em suas paredes podemos ler um letreiro, pintado de preto, contendo o nome das duas Lojas Maçônicas que funcionam ali. Suas paredes estão recobertas com as cores azul e branca; assim como sua vizinha os revestimentos representam as cores dos ritos praticados naquelas Lojas.

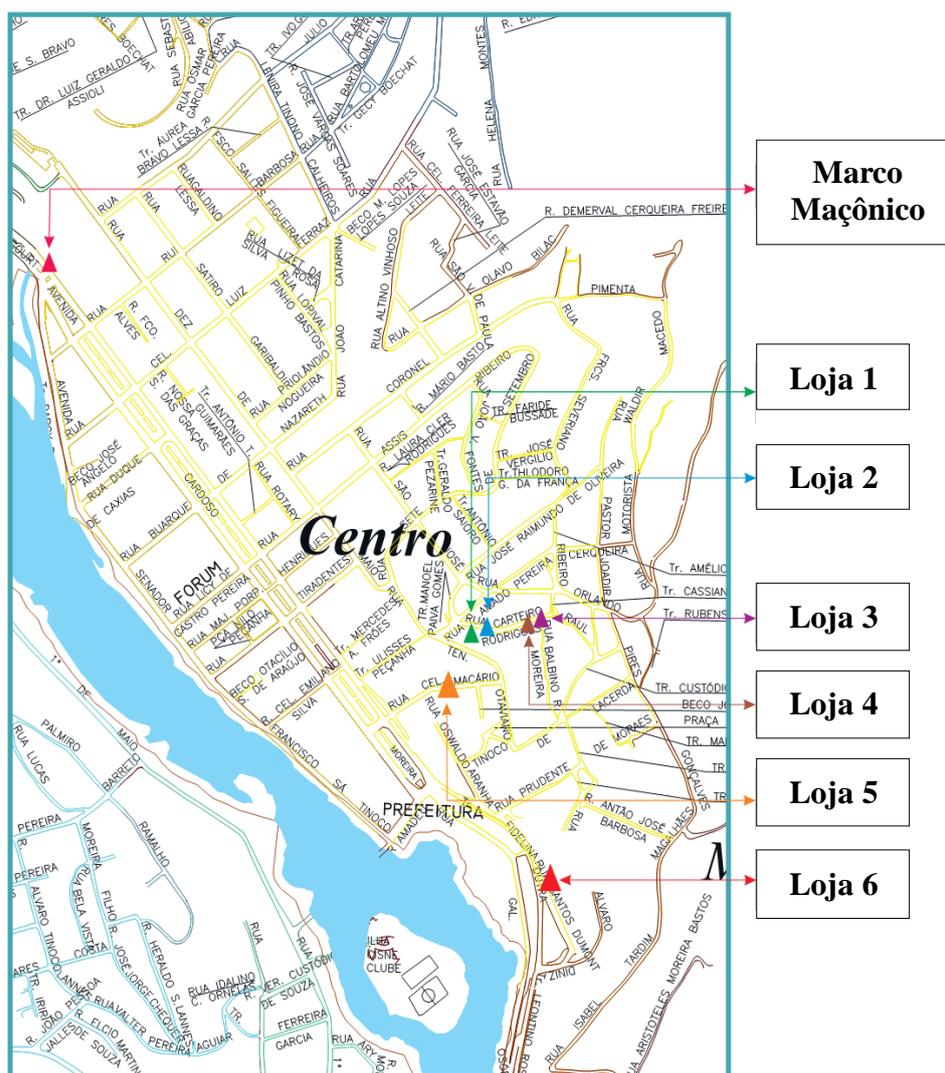
A primeira e fundamental necessidade é a de mapear e identificar esses espaços criados e desenvolvidos pelas Lojas Maçônicas e suas configurações na localidade estudada. Como já afirmei, existem seis Lojas Maçônicas instaladas e em funcionamento em Itaperuna. Abaixo seguem dois mapas da cidade – um em plano ampliado e outro mais reduzido, que dará maior visibilidade às localizações das referidas Lojas.

Quadro 2: Mapa da cidade de Itaperuna



Fonte: Mapa cedido pela Itagráfica.

Quadro 3: Localização das Lojas Maçônicas de Itaperuna



Fonte: Mapa cedido pela Itagráfica.

2.4.1 Loja Maçônica F. N. F.

Tratar-se da Loja Maçônica mais antiga em atividade na cidade de Itaperuna. Filiada ao Grande Oriente do Brasil (GOB.), através do Grande Oriente Estadual (GOBRJ), foi criada em 27 de janeiro de 1933 e regularizada no dia 23 de julho do mesmo ano junto aos órgãos de sua potência. Sua fundação deu-se por iniciativa de dois membros da Loja Maçônica “Vigilantes Fluminense”, do vizinho município de Natividade, até então um dos distritos de Itaperuna. Esta LM possui um “quadro de

obreiros”²⁷ significativo em comparação às demais Lojas. Segundo informações de seu *site* oficial, constam 67 membros ativos, dentre eles aposentados, empresários, médico, contador, advogado, vereador, dentista, bancário, etc.



Fonte: Autoria própria

De acordo com os membros a Loja Maçônica F.°. N.°. F.°. possui uma atuação filantrópica muito ativa na cidade. Apesar de não poder divulgar suas ações, conforme as diretrizes maçônicas, seus líderes relataram diversas atividades de filantropia. Ao longo das entrevistas, os depoentes destacaram uma série de “campanhas” que os maçons fazem em prol de instituições na cidade. Dentre essas instituições assistidas, constam uma associação de assistências aos pobres, uma instituição de permanência para idosos, um hospital para pacientes sob cuidados prolongados e um hospital para portadores do vírus HIV, onde atendem-se diversas pessoas carentes e desamparadas, dando-lhes tratamento médico, odontológico, fisioterápico, social e ocupacional. Os maçons afirmaram também que desenvolvem ações beneficentes em um internato, vinculado a um grupo espírita, para crianças e adolescentes do sexo feminino, entre os 3 e 18 anos de idade.

A Loja também faz um trabalho assistencial junto a uma instituição vinculada a Igreja Católica, e presta serviços como uma entidade que auxilia nos cuidados de jovens carentes provenientes de lares desfeitos ou em processo de adoção, além de oficinas de

²⁷ Número de membros ativos e inativos.

artes, educação física, atendimento pedagógico e fonoaudiológico e aulas de informática para seus internos.

Atualmente, além de prestar auxílio às instituições mencionadas, a Loja também oferece um serviço de inclusão digital e capacitação profissional em suas dependências para a comunidade do bairro onde está localizado seu templo. Além de servir como um núcleo de atividades esportivas em parceria com o Governo do Estado, através do projeto Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ), programa que visa oferecer atividades esportivas para atletas amadores em todo o Estado.

Esta Loja Maçônica, além do *site*, possui também um boletim interno chamado “Boletim da Fraternidade”, no qual mensalmente publica mensagens e orientações pertinentes aos ensinamentos maçônicos, aniversariantes do mês, jogos de busca de palavras e divulga os serviços de salão de festas, onde a Loja aluga seu espaço para festas, com capacidade para 800 pessoas.

Boletim da Loja Maçônica



ANIVERSARIANTES DE MAIO

Comemorando:

01 - Irmão Darbas Correia da Almeida Chaves e cunhada Rosa Bistot Chaves

03 - Irmão José Carlos Santos Couto e cunhada Miriam Pereira Couto

06 - Irmão Luiz Leite Araújo Junior e cunhada Valéria Ferreira Pessoa Araújo

13 - Irmão Soares de Souza e cunhada Gláucia Figueiredo de Souza

15 - Irmão Magno Boechat Filho e cunhada Dama Maria Boechat

18 - Irmão Nélio da Rocha Arantes e cunhada Martine Soquin Arantes

19 - Irmão Renato Amaral e cunhada Lia Esposti Rangei

20 - Irmão João Kennedy Silva e cunhada Alzair Gomes Barbo Silva

20 - Irmão Luiz André Lopes de Aguiar e cunhada Cinzia Pilo de Aguiar

21 - Irmão Ricardo de Araújo e cunhada Jacqueline Albieth Assis de Araújo

ANIVERSARIANTES DE MAIO

Comemorando:

01 - Irmão Darbas Correia da Almeida Chaves e cunhada Rosa Bistot Chaves

03 - Irmão José Carlos Santos Couto e cunhada Miriam Pereira Couto

06 - Irmão Luiz Leite Araújo Junior e cunhada Valéria Ferreira Pessoa Araújo

13 - Irmão Soares de Souza e cunhada Gláucia Figueiredo de Souza

15 - Irmão Magno Boechat Filho e cunhada Dama Maria Boechat

18 - Irmão Nélio da Rocha Arantes e cunhada Martine Soquin Arantes

19 - Irmão Renato Amaral e cunhada Lia Esposti Rangei

20 - Irmão João Kennedy Silva e cunhada Alzair Gomes Barbo Silva

20 - Irmão Luiz André Lopes de Aguiar e cunhada Cinzia Pilo de Aguiar

21 - Irmão Ricardo de Araújo e cunhada Jacqueline Albieth Assis de Araújo

A Fraternidade Norte Fluminense está colaborando com o Lar Bezerra de Menezes, venha participar conosco.

Elaboração: Irmão João Carlos Alves Ribeiro - E-mail: jcarlosar@hotmail.com



ALUGA-SE

SALÃO de FESTAS

CAPACIDADE P/ 800 PESSOAS, COM COZINHA, BANHEIROS MASC. E FEM.

Cell: (22) 9931-7065

9979-9240

8835-9961

3822-0093



Loja Maçônica Fraternidade Norte Fluminense

Federada ao Grande Oriente do Brasil - Vinculada ao GOERJ - Reg. 1106

Fundada em 27 de Janeiro de 1933 - Regularizada em 22 de Julho de 1933

Tel. (22) 3822-0093 - Templo na Avenida Santos Dumont, 01 - Bairro Padre Hurtado - Lidoareuf

Quilômetro da Quilômetro Páris de 20 metros - Caixa Postal 121.026 - Caixa de Correio 300000 - Inscricao RJ

www.fraternidn.com / E-mail: fraternidn@hotmail.com

BOLETIM DA FRATERNIDADE

Ano 1 - nº 06 / Maio de 2012

DIA DAS MÃES

As mães que apesar das cansaças, dores e trabalhos, sorriem e riem, felizes, com os filhos amados ao peito ou em seu redor; e às que choram, doídas e inconsoláveis, e sua perda física, ou os vícios "perder-se" nos perigos inúmeros da sociedade violenta e desumana em que vivemos;

As mães ainda meninas, e às menos jovens, que contra ventos e mares, ultrapassando dificuldades de toda a ordem, tem a valentia de assumir uma gravidez - talvez inoportuna e indesejada - por sabermos que a Vida é sempre um Bem Maior e um Dom que não se discute e, muito menos, quando se trata de um filho seu, pecuoso ser frágil e indefeso que lhe foi confiado; - às Mães que souberam sacrificar uma talvez brilhante carreira profissional, para darem prioridade à maternidade e à educação dos seus filhos e às que, quantas vezes preciosamente por amor aos filhos, souberam ser firmes e educadoras, dizendo um "não" oportuno e salvador a muitos dos caprichos dos seus filhos adolescentes;

- às Mães precocemente envelhecidas, gastas e doentes, tantas vezes esquecidas de si mesmas e que hoje se sentem mais tristes e magoadas, talvez por não terem um filho que se lembre delas, de as abraçar e beijar...; - às Mães solitárias, paradas no tempo, não visitadas, não desejadas, e hoje abandonadas num qualquer quarto, num qualquer lar, na cidade ou no campo, e que talvez não tenham hoje, nem uma pessoa amiga que lhes leia ao menos uma carta dum filho...

- também às Mães que não tendo dado à luz fisicamente, são Mães pelo coração e pelo espírito, pela generosidade e fé, para tantos que por mil razões não tiveram outra Mãe... E finalmente, também às Mães queridíssimas que já partiram deste mundo e que por certo repousam já num céu merecido e conquistado a pulso e sacrifício...

A todas as Mães, a todas sem exceção, um Abraço e um Beijo cheios de simpatia e de ternura! E Parabéns mesmo que ninguém mais vos agradeça! Obrigado, mesmo que ninguém mais vos agradeça!

PARABENS A TODAS AS MÃES PELO SEU DIA!!!

Foto: http://www.atelegrafico.com.br/2012/05/05/maes/



MAÇONARIA

CONTRA AS

DROGAS

A FAVOR

DA VIDA

Administração: Venerável - Laurindo Antonio da Cunha

Ricardo de Araújo - 1.º Vigilante
Clóvis Lucas da Silva - Orador
Nélio da Rocha Arantes - Tesoureiro

Silas Simeí C. Bastos - 2.º Vigilante
Carlos H. C. Gasparelli - Secretário
João Carlos A. Ribeiro - Chanceler

Fonte: Cedido por um informante

A Loja conta também com uma expressiva organização paramaçônica²⁸, trata-se do Departamento Feminino. Essa organização está a cargo das esposas dos maçons, ou

²⁸ Trata-se de uma organização criada e mantida pelas Lojas Maçônicas, destinada a pessoas que fazem parte da família maçônica (esposa, filhos, sobrinhos) e não iniciados.

“cunhadas” como são chamadas dentro da maçonaria. Este grupo é liderado pela esposa do venerável da Loja, e é chamada pelas companheiras de “Veneroa”. Em visita ao local, pude perceber que sua atuação é dar suporte para atividades rotineiras da Loja Maçônica (jantares, eventos, etc.) e cuidar dos trabalhos assistenciais feitos pela Loja.

O Departamento Feminino está organizado sob as diretrizes da Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul – FRAFEM, entidade esta patrocinada pelo Grande Oriente do Brasil. Segundo o *site* do GOB-RJ a Fraternidade Feminina do Cruzeiro do Sul é:

Uma associação paramaçônica, constituída como pessoa jurídica de direito privado, vinculada a uma ou mais Lojas Maçônicas da Federação patrocinada pelo Grande Oriente do Brasil. É formada por mulheres de maçons regulares, familiares de maçons (viúvas, mães, irmãs e filhas); podem participar também antigas integrantes da Associação Paramaçônica Juvenil que tenham desvinculado por exigência de idade.²⁹

Esta organização é conhecida por seus trabalhos assistenciais na cidade. Segundo o relato de uma das filiadas, o grupo realiza muitas atividades assistenciais. Dentre elas, destacaram-se a campanha de agasalhos, os bingos e chás beneficentes, as visitas aos enfermos, a confecção e doação de enxovais para famílias necessitadas, doação de cestas básicas e outras atividades que procurem auxiliar as pessoas que passam alguma necessidade. Em uma das entrevistas, quando perguntada como funcionava o Departamento Feminino da Loja Maçônica que ela frequentava, uma das mulheres relatou-me o seguinte:

Toda quarta-feira, acontece esse encontro, só que hoje tem pouca gente. Não entendi isso hoje, toda quarta tem bastante gente. Mas, a se encontra toda quarta-feira tem os trabalhos de conversa, faz esse jantar, e combina de fazermos alguma coisa.

Fazemos enxoval de bebê, visita à creche, visita ao patronato, visita ao asilo, esse ano está um pouco devagar porque mudou a “Veneroa” (esposa do venerável), a diretoria mudou, aí até pegar um pique demora um pouquinho. Mas daqui a pouco estaremos fazendo de novo, no início é tudo mais complicado, mas no último ano parece que trabalha mais, a diretoria está mais unida. Esse ano eu nem estou fazendo parte da diretoria porque eu estou viajando muito.

Eu fiz um histórico de tudo que a gente planejava. Uma festa no asilo, uma campanha de cobertores, encontro de família, entrega de cestas básicas, perto do natal nós íamos entregar, brinquedos. Além de mandar uma cesta básica, nós mandávamos uma sacola de brinquedos para cada criança daquela casa. Um trabalho muito bom que a gente fez nesses dois anos. Geralmente é a esposa do venerável que lidera o departamento feminino. (Mulher, branca, empresária, 56 anos, ex-veneroa).

²⁹ O trecho citado pode ser conferido no site www.gob-rj.org.br/fraternidadefeminina.

O relato demonstra que o Departamento Feminino atua de forma a empreender ações que reforcem o caráter filantrópico difundido pelos regimentos internos da maçonaria. Suas ações assistenciais, mesmo que de forma paliativa, trabalha no sentido de prover necessidades emergenciais e necessárias para com as entidades e pessoas que procuram a instituição. Segundo seus regimentos e estatutos, a Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul tem por princípios os seguintes aspectos:

- I – A defesa dos deveres básicos de amor à família, fidelidade e devotamento à Pátria, cumprimento da lei e dedicação à comunidade.
- II – O trabalho nobre e dignificante, como direito inalienável.
- III – A livre manifestação do pensamento e a prática da tolerância, princípios basilares das relações humanas, respeitadas as ideologias e a dignidade de cada uma.
- IV – A promoção do reconhecimento e das prerrogativas relativas aos direitos universais da mulher.³⁰

Contudo, essa organização não está fundamenta somente no trabalho assistencial. Segundo o relato da entrevistada, o “clube” também busca promover encontros familiares e festivos entre a família maçônica. Nesse sentido afirma:

Isso aqui é uma união tão grande que fiquei impressionada com a amizade que se faz aqui dentro, que a gente faz, é uma outra família que a gente arruma, às vezes, até muito mais do que a própria família. Porque hoje a gente tem uma amizade tão grande aqui dentro que você fica impressionado de ver. Por que aqui a gente não fala assim, com fulano eu posso contar, todos, aqui quase em 100%, você pode contar com todos. É para tudo. Faz um tempo, há dezesseis anos, isso eu lembro direitinho, há dezesseis anos atrás a gente teve um problema com um sobrinho meu que deu leucemia. Então, a gente precisava de remédio, precisava de até apoio moral né, e a maçonaria pegou junto com a gente do início ao fim. Toda quarta-feira acontece esse encontro, só que hoje tem pouca gente. Não entendi isso hoje, toda quarta tem bastante gente. Mas, a gente se encontra toda quarta-feira a tem os trabalhos de conversar, faz esse jantar, e combina de comprar alguma coisa, fazer algum passeio, às vezes nós fazemos turismo. Ah vamos para o Caparaó! Vamos para outro lugar, entendeu? Aí nós nos reunimos e vamos a família toda, levamos os filhos, e já fomos em vários lugares desta maneira (Mulher, branca, empresária, 56 anos).

2.4.2 Loja Maçônica N.º E.º N° 17

A L.º M.º N.º E.º foi criada em 4 de maio de 1968 e regularizada em 23 de março de 1969. Está localizada no centro de Itaperuna, portanto, uma das Lojas mais visíveis para quem caminha pela cidade. Está localizada no palácio maçônico que leva seu nome. Esta Loja está federada junto ao Grande Oriente Independente do Rio de

³⁰ Retirado do site oficial do GOB-RJ, acessível em www.gob-rj.org.br/fraternidadefeminina.

Janeiro (GOIRJ). Possui aproximadamente 50 obreiros atualmente, conforme relato de seus membros. Reúnem-se toda segunda-feira, às 20h, para tratar de sua ritualística e trabalhos maçônicos.



Fonte: Autoria própria

Diferentemente da F.º N.º F.º, esta Loja possui um Departamento Feminino menos ativo, em se tratando de ações filantrópicas e assistenciais. Nesta, as mulheres ficam somente com a responsabilidade de cuidar dos jantares e decoração de eventos festivos, bem como receber os convidados e visitantes. Não tive conhecimento de nenhuma ação que envolvesse somente a iniciativa do Departamento Feminino.

Contudo, assim como as demais Lojas, atua ativamente no trabalho filantrópico junto às instituições assistenciais existentes no município.

2.4.3 Loja Maçônica J.º S.º C.º

A Loja Maçônica J.º S.º C.º, está filiada à Grande Loja Maçônica do Estado do Rio de Janeiro (GLMRJ). Esta, assim como a anterior, é uma Loja fundada como uma das dissidências do Grande Oriente Brasileiro. Funciona no antigo prédio da Loja Nova Esperança, situado também no centro da cidade. Estão alocados neste prédio enquanto cuidam da construção de seu Templo permanente. A Loja não é muito antiga, porém,

não consegui descobrir sua data de fundação, bem como seu número de membros com exatidão.



Fonte: Autoria própria

No entanto, esta Loja segue o padrão de suas Lojas irmãs e deve ter em seu quadro de obreiros o mesmo perfil e número de sócios.

2.4.4 Loja Maçônica N.º. A.º.

A Loja Maçônica N.º. A.º. foi criada na cidade do Rio de Janeiro por volta de 1990, no entanto não funcionou naquela localidade por muito tempo. Por levar o nome de um importante maçom, teve suas colunas reerguidas nessa cidade por iniciativa de alguns líderes da maçonaria local, tendo em vista a preservação de tal Loja. Foi reerguida em Itaperuna no ano de 2006 e está filiada junto ao Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro (GOIRJ). Em seu quadro de obreiros consta um número de 30 membros, ativos e inativos, e está sediada no mesmo prédio em que funciona a Loja Tradição e Evolução.

Essa Loja Maçônica não possui qualquer organização paramaçônica oficialmente. Contudo, as mulheres dos membros sempre estão presentes nos jantares regulares e festivos, cuidando de todos os preparativos para eles.



Fonte: Autoria própria

2.4.5 Loja Maçônica T. E. N° 12

A L. M. T. E. N° 12 foi criada em 20 de agosto de 1991 e reerguida em 17 de abril de 2010. Jurisdicionada ao Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro (GOIRJ). Suas reuniões são feitas às 20h, nas 5ª feiras, nas 1ª e 3ª semanas do mês, no P. M. N. E. . Em seus quadros consta um número de aproximadamente 15 membros, entre eles profissionais de diferentes segmentos, veterinário, médico, militar, engenheiro, advogado, empresário, terapeuta, etc.

Esta Loja Maçônica é predominante formada por homens com menos de 35 anos, diferentemente de suas homólogas que, em sua maioria, os membros passam dos 60 anos e admite o ingresso de homens solteiros. Porém, difere das demais porque não tem por hábito a realização de jantares e encontros no fim das reuniões regulares. Por esse motivo, não consegui ter acesso a nenhum tipo de atividade que envolvesse as famílias dos membros. A partir daí posso inferir que não existe nenhuma organização paramaçônica nesta Loja. Esta Loja também funciona no prédio da fotografia apresentada acima.

2.4.6 Loja Maçônica J. R. N° 32

Esta Loja Maçônica leva esse nome com a intenção de homenagear um maçom considerado importante para a maçonaria itaperunense. A L.°. M.°. J.°. R.°. tem suas atividades no P.°. M.°. N.°. E.°. Assim como as duas Lojas anteriores, está jurisdicionada ao Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro (GOIRJ).



Fonte: Autoria própria

Seguindo as mesmas características das Lojas filiadas ao GOIRJ, esta não possui organização paramaçônicas e segue um modelo alternativo na prática dos trabalhos maçônicos. Cabe destacar que todas as Lojas maçônicas desta potência tratam umas as outras com respeito e amizade. Em minhas visitas a essas Lojas, nunca percebi qualquer clima de desrespeito ou competição por parte dos membros.

Todos esses espaços integram as maçonarias itaperunenses. As descrições e lugares representam uma descrição que procura demarcar um conjunto de regras das interações dos diferentes níveis das interações sociais as quais fazem parte das experiências dos iniciados e suas famílias. Não busco aqui fazer uma descrição redutora ou totalizante das observações, isto é, tive a intenção de relatar as diferentes linguagens simbólicas que estão relacionadas com esses espaços e pessoas, o que melhor apresentarei no capítulo seguinte.

Capítulo 3: O Mundo Maçônico

3. A Iniciação Maçônica

O pertencimento maçônico começa muito antes da cerimônia de iniciação. Contudo, essa é a celebração maior pela qual um candidato passa a pertencer ao mundo maçônico. Para tratar a idéia de mundo ou mundos, baseio-me na definição tendo em vista a proposta de Howard Becker (1977). De acordo com a lógica beckeriana:

Define-se um mundo como a totalidade de pessoas e organizações cuja ação é necessária à produção do tipo de acontecimento e objetos caracteristicamente produzidos por aquele mundo (Becker, 1977, p. 10).

Para Becker (1977), é possível analisar estes mundos de forma a entender como as pessoas que participam desses mundos, com maior ou menor grau de participação, cooperam para que o trabalho seja realizado da forma que os membros devem realizá-lo. Desta forma, tentarei dar sentido a uma rede complexa de significados presentes no mundo da maçonaria, na tentativa de compreender suas particularidades, dialogando com este mundo, respeitando suas identidades e fronteiras.

Para entrar nesse mundo, o candidato deve passar por uma série de ritos. Dentre os diversos ritos que compõem esse mundo, destaca-se um: o rito de aceitação (iniciação). O rito de aceitação é o ritual pelo qual o indivíduo passa a conhecer os símbolos e sinais pelos quais experimentará e submeterá para ser titulado maçom. No entanto, a transmissão não é feita de maneira imediata e sim através de uma progressão gradual.

Neste ritual, o candidato começa com a comunicação da luz, que é considerada o mais importantes dos símbolos em toda a simbologia maçônica. Segundo o autor maçom Mackey (2008), a luz torna-se sinônimo de verdade e conhecimento, e a escuridão de falsidade e ignorância. O autor afirma que a escuridão é o símbolo da iniciação. Ele pretende lembrar ao candidato de sua ignorância, que a maçonaria deve purificar; do mundo, que tem estado mergulhado na obscuridade e da qual a maçonaria irá resgatá-lo.

A luz, por outro lado, afirma Mackey (2008), é o símbolo da autópsia, o sinal dos mistérios, a aceitação, a fruição total da verdade e do conhecimento maçônicos. Nesse sentido, a luz é o principal símbolo da maçonaria. O primeiro símbolo que é

revelado ao neófito em suas instruções e pretende dar acesso ao mundo de verdade intelectual o qual a maçonaria promete aprimorar.³¹

Como já citei anteriormente, o processo de aceitação e adesão a maçonaria é feito pelos próprios maçons. Essa captação de novos membros é feita através de convite formal e um rigoroso processo investigativo da vida pessoal e social dos candidatos. Neste processo os maçons indicam e votam, em Loja, secretamente o nome do possível candidato. Caso seja aprovado pelo colegiado que estiver presente na reunião de escolha, o candidato será visitado por uma comissão que irá entrevistá-lo e saber se o mesmo deseja fazer parte do grupo. Caso o candidato aceite o convite, dão continuidade ao processo de iniciação.

Em determinada fase do processo de sondagem a comissão investiga o caráter e a probidade do candidato. Caso o indivíduo apresente um resultado satisfatório às regras da ordem maçônica, formaliza-se o convite e marca-se a cerimônia de iniciação. Trata-se de um evento ritualístico que visa formalizar a apresentação e aceitação dos neófitos e suas famílias no mundo maçônico.

Já relatei que fui investigado como possível candidato à iniciação, e em determinado momento fui informado de que tive meu nome indicado e aprovado para iniciar-me em uma das Lojas Maçônicas da cidade pesquisada. Fui entrevistado por um membro graduado da hierarquia maçônica, o qual me informou do fato e me esclareceu qual era o procedimento para minha iniciação caso eu aceitasse o convite.

Na ocasião perguntou-me se eu tinha um terno preto e uma camisa branca, que seria usado por mim em todas as reuniões. Disse-me ainda que as despesas financeiras que eu teria de assumir caso aceitasse e todos os trâmites legais para que eu aderisse à ordem maçônica. Contudo, não era de meu interesse aderir ao mundo investigado e agradei o convite. No entanto, fui informado de que o convite estaria de pé caso eu resolvesse entrar em outra ocasião, e me entregou um formulário que serviria como formalização deste convite.

Nas entrevistas em profundidade, o ritual de iniciação sempre foi relatado como algo muito interessante e diferente. Os entrevistados afirmaram que essa havia sido uma das coisas mais prazerosas e diferentes que haviam experimentado em suas vidas. A maioria das respostas à pergunta - como foi a experiência da iniciação para você? – foi respondida com emoção e passionalidade. Observe os depoimentos:

³¹ Mackey, 2008, p. 118 e 119.

[...] Dizem que quando você vai para uma reunião para ser mestre maçom, que é o cargo máximo da maçonaria, que não seja filosófico, dizem que é uma das reuniões mais belas que eu não tive oportunidade de presenciar porque eu ainda não tive a oportunidade de ser venerável. Mas com certeza, nada se compara até o presente momento, na minha cabeça, no meu coração, o momento que a gente recebe a luz. A gente fala que quem não é maçom, quem não está maçom, vive aqui no mundo profano, numa escuridão. Quando você tem a oportunidade de entrar na maçonaria, que você conhece a filosofia da maçonaria você recebe a luz. O próprio nome já diz. E é realmente muito emocionante, mas infelizmente pelas condições atuais do planeta, com essa globalização, a gente tem que tomar muito cuidado pra não perder essa essência. Está virando uma coisa mecânica, política, estamos esquecendo de fazer o nosso principal objetivo, que é a caridade (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Foi diferente de tudo que eu imaginei na minha vida. A maçonaria é a coisa mais bonita que você possa imaginar na sua vida. Maçonaria é diferente de tudo. Eu não tenho o que falar para descrever o que é a maçonaria. A iniciação é como se você tivesse nascendo um filho. A alegria, o que é, o que a gente faz, eu digo a você que hoje eu não consigo viver sem a maçonaria, prestando os serviços que eu presto sem a maçonaria. Vai ver que amanhã eu tenho que me ausentar, tenho que sair, contra minha vontade (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Uma das coisas mais bonitas que meus olhos alcançou. A cerimônia em si é muito bonita, eu não posso dizer o que. A ritualística é muito bonita, o recebimento é muito bonito. Ela por si só faz você mudar, porque, veja bem, hoje se eu fizer alguma coisa contra a sociedade ou de mal pra sociedade, eu assumo a responsabilidade (Homem, branco, advogado, solteiro, Mestre, 34 anos).

Nos relatos apresentados, nota-se como a iniciação maçônica altera as vidas cotidianas dos indivíduos que passaram pelos primeiros rituais (agregação e de celebração) do mundo maçônico. Nesse primeiro estágio da hierarquia maçônica, consiste em dar uma nova vida religiosa, filosófica, social ou ética aos noviciados. Nesse estágio, um conjunto de símbolos e ritos são apresentados aos candidatos que almejam fazer parte da fraternidade maçônica. Cada um dos símbolos empregados nesses rituais servem para uma série de reflexões e ordenamentos que irão compor toda a trajetória do iniciado ao longo de sua jornada ritual dentro da organização. Esses rituais seguem um ordenamento determinado e simbólico. No primeiro estágio - Aprendiz, os quais todos os maçons passam - o iniciado passa por um ritual denominado de “rito de descalçamento”, que consiste em um ritual de tirar os sapatos dos pés do candidato. Segundo o autor maçom Mackey (2008), este “rito de descalçamento” é, portanto, um símbolo de reverência. Isto significa, na linguagem do simbolismo, que o

local que está para ser adentrado (a Loja Maçônica) é, de forma humilde e reverencial, consagrado para algum propósito divino.

Pode-se extrair desse aspecto a seguinte teoria: o noviço tem de tirar seus calçados para adentrar um mundo sagrado, puro e perfeito. Seus calçados profanos estão recobertos por sujeiras do chão que não é consagrado, por esse motivo precisa ser retirado. Esse ato simbólico é, portanto, a primeira prova que o aspirante precisa fazer para começar a purificar-se para entrar em um mundo novo e sagrado. Nesse aspecto afirma Eliade:

Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que envolve e o torna qualitativamente diferente (Eliade, 2011, p.30).

Desta forma, o sistema adotado pela maçonaria para o desenvolvimento e a transmissão de seus ensinamentos filosóficos é, portanto, o caráter simbólico. Todo o simbolismo maçônico está ligado à arquitetura e na construção edifícios para uso público e privado. Para isso, em seu caráter simbólico, vale-se de uma série de ferramentas e materiais que são inerentes a este ofício. Portanto, o iniciado passa a integrar a arte da maçonaria especulativa ou simbólica, que evoluiu da arte da maçonaria operativa de tempos anteriores à formação atual. Tendo o Templo de Salomão como modelo, os novos membros (aprendizes) praticam a arte especulativa de construir um templo espiritual em seus corações, adequado ao local onde ele mora, onde cada pensamento maligno e cada vício incontrolável deverá ser combatido.

3.1 O Sistema Ritual

Considerando discussões sócio-antropológicas do conceito de ritual, passo a investigar o sistema ritual do mundo maçônico. Segundo Peirano (2003), o ritual pode ser visto como um fenômeno especial da sociedade, o qual nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade (Peirano, 2003, p.10). Partindo desse princípio, a autora me fez refletir como são transmitidos os valores e conhecimentos do mundo maçônico através de seus diferentes ritos. Adoto aqui uma definição formulada por Stanley Tambiah, e citada por Peirano (2003) onde define ritual como sendo:

Um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos

por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizado por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (Peirano, 2003, p.11).

Um dos primeiros autores a estudar o ritual e suas classificações foi Arnold Van Gennep. Este autor dedicou-se a procurar os detalhes constitutivos do ritual. Este autor ficou conhecido pelo estudo dos chamados “ritos de passagem”, que são definidos como aqueles momentos relativos à mudança e à transição de um estágio a outro. Nestes estudos sobre os “ritos de passagem”, explorou a natureza ritual de diversos povos e culturas, tendo como objeto cerimônias como funerais, casamento, iniciação, gravidez, etc.

Van Gennep (2011), em seus estudos sobre as cerimônias rituais, elaborou um esquema para agrupar diferentes tipos e categorias de ritos. Para ele, existem duas classes de ritos: os ritos simpáticos e os ritos de contágio. O autor afirma que esses rituais exibiam uma ordem comum: primeiro, havia uma separação das condições sociais prévias; depois, um estágio limiar de transição; e, finalmente, um período de incorporação a uma nova condição ou reagregação à antiga.

Percebo aqui que o ritual maçônico envolve basicamente todas essas fases supracitadas e que, de alguma maneira, a fase da liminaridade é evidente na iniciação dos indivíduos que passam a integrar a sociabilidade maçônica. Nesta etapa, a da iniciação, os indivíduos experimentam novos estados mentais, sentimentais e afetivos, que são capazes de reconfigurar seus valores e práticas culturais anteriores.

O simbolismo ritualístico empregado nos ritos maçônicos visa ensinar lições de toda ordem, que são representadas em suas alegorias e vestes. Os rituais mais praticados na maçonaria são: os de descalçamento, de investidura, de circunambulação e de aceitação.

Segundo Mackey (2008), o rito de descalçamento é um símbolo de reverência, e deriva da palavra latina *disalceare*, que significa retirar o sapato de uma pessoa. Isto significa, na linguagem do simbolismo, que o local que está para ser adentrado é de forma humilde e reverencial consagrado para algum propósito divino. Seu uso cerimonial é feito principalmente no terceiro grau da maçonaria (mestre maçom), a lição que ele ensina é a seguinte:

Na Loja do Mestre Maçom – o santo dos templos maçônicos, onde as verdades solenes da morte e imortalidade são transmitidas- o aspirante, ao entrar, deve purificar seu coração de toda contaminação, e lembrar, com o

devido senso de sua aplicação simbólica, daquelas palavras que certa vez irromperam nos ouvidos atônitos do velho patriarca: “Retire seus sapatos dos pés, pois o local em que está é solo sagrado” (Mackey, 2008, p. 97).

Outro simbolismo ritualístico muito praticado na maçonaria é o rito de investidura. Para Mackey (2008), este ritual faz alusão a um símbolo muito conhecido no mundo maçônico, o Avental. Nesse rito, o aspirante é convidado a refletir sobre a vestimenta que ele irá trajar em todas as cerimônias dentro do templo maçônico. Esse momento ritual é muito importante para o candidato que deseja participar da “Arte Real”³².

Conforme o membro sobe na hierarquia, recebe novos paramentos que confirmam e enaltecem seu título de maçom, dado a ele na noite de sua iniciação. Esse simbolismo também constitui, portanto, um dos rituais dotados de uma complexa significação simbólica, que remonta às antigas iniciações praticadas no passado por outras sociedades. No ato da investidura, junto do avental, outro símbolo é usado no ritual, as luvas brancas. O uso das luvas brancas, assim como o avental de pele de cordeiro (branco), tem seu simbolismo ligado à pureza e à inocência. Quanto a isso, Mackey (2008), sustenta que as luvas dadas ao candidato por ele mesmo pretendem ensinar-lhe que os atos de um maçom devem ser tão puros e imaculados como as luvas que recebe (Mackey, 2008, p. 103).

O rito de circumambulação é aquele caracterizado por uma procissão formada ao redor do altar ou de outro objeto ritual divino e consagrado. Esse rito, assim como os de descalçamento e investidura, fornecerá outro símbolo ritualístico usado na maçonaria e seus membros. Segundo Mackey (2008), esse rito maçônico segue os ensinamentos de antigas iniciações pagãs, que faziam uma procissão com a intenção de reproduzir o curso do sol – uma movimentação do leste para o oeste pelo caminho do sul. Nesse sentido afirma:

Hoje, o rito maçônico de circumambulação concorda estritamente com a unidade antiga. Com a circumambulação é feita ao redor da Loja, assim como o sol supostamente se movia ao redor da Terra, somos trazidos de volta ao simbolismo original com o qual iniciei este trabalho – a Loja é um símbolo do mundo (Idem).

No rito de aceitação, ao qual está relacionado com o simbolismo da luz, o candidato experimenta o “conhecimento” ou “verdade”, o grande propósito de uma

³² Termo muito comum na linguagem maçônica, para se referir aos mistérios e aos ensinamentos da maçonaria.

iniciação aos mistérios de uma sociedade iniciática. Na maçonaria esse é o principal ato ritual no qual o aspirante vê pela primeira vez a luz maçônica, que seguirá iluminando em sua peregrinação de vida. Nesse momento do simbolismo maçônico o neófito passa a apoderar-se de conhecimentos da ciência maçônica do autoaprimoramento, o que permite ao mesmo, libertar-se das trevas da ignorância, da escuridão fundamental. Veja o que diz o relato de Mackey (2008) sobre isso:

A escuridão é o símbolo de iniciação. Ele pretende lembrar o candidato de sua ignorância, que a maçonaria deve iluminar; de sua natureza mal, que a maçonaria deve purificar; do mundo, que tem estado mergulhado na obscuridade, e de qual a maçonaria irá resgatá-lo (Idem, p. 117).

Todos esses atos e símbolos rituais são parte do momento da iniciação. A iniciação maçônica, entre outras coisas, simboliza uma lição de morte. O neófito morre na escuridão e renasce na luz. A luz é, portanto, um símbolo fundamental no mundo maçônico. Ele traz em si um conjunto de instruções capazes de modificar as vidas de seus iniciados. Por ora, será suficiente dizer que essa é a parte mais bela do ritual maçônico, porém deve ser aprofundada em outros estudos.

Nas entrevistas, quando perguntava aos maçons como havia sido a experiência da iniciação para eles, com a intenção refletir sobre esse aspecto do ritual maçônico e saber como os iniciados perceberam o ato de investidura, foram aparecendo relatos repletos de emoção e orgulho. Apresento abaixo dois depoimentos que ilustram bem esse momento:

[...] Realmente a iniciação é um momento muito importante. Muito embora eu tenha a dificuldade de te explicar muita coisa da iniciação por que, primeiro por que eu tenho essa regra de não poder dizer para fora da Loja o que acontece ali dentro. Segundo porque muita parte da iniciação eu não vi, aconteceu sem eu ter visto.

[...] Da preparação para a iniciação eu não participei, eu não participei dessa preparação. Entendeu? Toda a preparação da iniciação, toda a preparação que foi feita, da Loja, de tudo, eu não sabia como era... Eu ainda não era maçom então eu ainda não podia participar da preparação, hoje eu posso. Ainda não tive a oportunidade de participar de outra preparação. [...] E muita coisa na minha iniciação eu só vou é tomar a par, inclusive da dificuldade que é a iniciação, no momento em que eu puder participar de uma outra iniciação que eu puder ver tudo, aí a iniciação pra mim vai ter uma outra cara. Mas, a iniciação eu acho que se você levar para um contexto de... Como é que eu vou te dizer. Sabe aqueles rituais tribais de passagem, rito de passagem? Acho que a iniciação é uma alguma coisa nesse sentido. Ela tem essa característica. Mas não de transformar, mas de te mostrar que você está passando por uma fase, por uma mudança. Entendeu? É, que você tá (sic) deixando de ser, ou melhor, não é que você está deixando de ser, mas que você está abrindo a sua vida para uma nova fase de conhecimento, para uma

nova forma de vida. No sentido de sempre buscar melhorar. A gente fala muito é, na maçonaria, maçonaria ela visa sempre o bem, o melhor e numa busca incessante, e até utópica né, pela perfeição. Não sei definir de outra forma. Mas não é a utopia que desanima a gente de buscar, tanto que é comum nos dizermos o seguinte, somos eternos aprendizes. Por que você nunca vai conseguir chegar à perfeição. [...] A iniciação tem essa característica. Acho que ela tem essa... Eu não tenho um conhecimento mais profundo para te dizer, mas eu acho que ela tem essa essência de rito de passagem. Entendeu? De mostrar que você está abrindo mão de um sistema anterior, de uma equidade anterior, de uma vida anterior, buscando agora uma nova e melhor. E não buscando agora, de agora para frente sempre (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29 anos).

A iniciação é igual você iniciar na faculdade, iniciar no colégio, você iniciar no trabalho novo, é a mesma coisa. É um laço de amizade como você cria em qualquer outra ocasião onde você está sendo iniciado. Entendeu? É normal (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

O princípio do sistema simbólico da maçonaria é feito das inter-relações entre as pessoas e o processo ritual praticado por elas, através dos quais procuram perceber-se e transformar-se no mundo. Desse modo, cada ritual praticado pelos maçons, de alguma forma, celebra uma nova personalidade social, e a distingue de todas as outras, no momento em que se iniciam. Em cada tipo de ritual maçônico, um grupo ou indivíduo transforma-se em um novo ser, que enxerga a verdade em meio à escuridão. Estou convencido de que os meus informantes, mesmo que de forma não homogênea, acreditam que a maçonaria seja capaz de transformar o sentimento humano através de suas idéias e valores.

Contudo, descobri que não conseguiria analisar os símbolos rituais sem estudá-los numa série temporal em relação aos quais são produzidos e postos em prática nos “eventos” que eu pude observar, pois eles estão essencialmente envolvidos com o tipo de rito no qual o maçom foi iniciado.

A maçonaria é formada por uma série de diferentes ritos que representam ou lembram algo da simbologia maçônica. Esses ritos são um conjunto de “doutrinas” que regem as cerimônias do mundo maçônico. Cada rito segue uma lógica e estrutura ritual específica na maneira de instruir seus membros no ofício maçônico. Contudo, todos os símbolos básicos da maçonaria universal são incorporados nas propriedades específicas de cada uma das tipologias criadas.

No mundo maçônico, atualmente pode-se contar diversos ritos. São eles que servem de ponte entre os indivíduos e a instituição, constituem pontos de junção entre esses dois polos da estrutura maçônica. Podem ser encarados como representativos dos valores e práticas dos rituais iniciáticos adotados pela maçonaria. Penso ser importante

conceituar esse termo, nesse sentido siga as proposições do autor maçônico Figueiredo (2008), que os considera como:

O conjunto de regras segundo as quais se praticam as cerimônias e se comunicam os graus, sinais, toques, palavras e todas as demais instruções secretas daí decorrentes. Igual nome toma o conjunto de cerimônias e instruções primitivas de cada sistema, como também o governo maçônico dos altos corpos dirigentes da Maçonaria em cada país. Os Ritos, independentes e autônomos entre si, são dirigidos cada qual por um Corpo Superior, comumente constituído por certo número de Deputados eleitos por todas as Lojas que o adotam (Figueiredo, 2008, p. 391).

Dentre os ritos adotados pelas Potências Maçônicas no mundo, cinco são os mais praticados: O Rito Simbólico ou Azul, que forma a base de todos os demais; o Rito de Iorque ou Moderno Inglês; o Rito Moderno ou Francês; o Rito de Schröder ou Alemão e o Rito Escocês Antigo e Aceito. Este último figura entre os mais praticados em todo o mundo.³³

A maçonaria, de maneira geral, exige de seus membros respeito às leis do país em que cada maçom vive e trabalha. Os princípios morais e legais da maçonaria não podem entrar em conflito com as leis constitucionais do seu país, conforme consta no artigo 1º da Constituição do Grande Oriente do Brasil, em seu VII parágrafo:

VII- sustenta que os Maçons, têm os seguintes deveres essenciais: amor à família, fidelidade e devotamento à Pátria e a obediência à lei.³⁴

Na verdade, estes princípios tendem a reforçar o cumprimento de suas responsabilidades enquanto cidadão e indivíduo. A instituição propõe a seus membros uma profunda e sincera reforma de si mesmos. Seus ensinamentos focam a mudança interna dos indivíduos, e não segue ideologias que pretendem transformar a sociedade como um todo. Os ensinamentos da maçonaria apregoam o progresso individual, o que contribuirá para a posterior melhora e progresso da humanidade. Por esse motivo, os maçons jamais devem participar de conspirações contra o poder legítimo, escolhido pelos povos. Contudo, a maçonaria brasileira encarou essa regra de forma pouco

³³ Atualmente os principais Ritos Maçônicos adotados e criados no Brasil são: Rito Adonhiramita (33 graus); Rito Brasileiro (33 graus); Rito de Emulação/York Inglês (Ordens Paralelas); Rito de York/York Americano (13 graus); Rito Escocês Antigo e Aceito (33 graus); Rito Moderno (7 graus); Rito Schröder (3 graus).

³⁴ Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2009, p. 8.

satisfatória, pois seus membros participavam ou apoiavam movimentos insurgentes contra o poder da Coroa Portuguesa (Colussi, 2002, p.20).

Já afirmei que a maçonaria simbólica universal possui os três graus simbólicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre) em comum. Esses graus iniciais fazem menção aos simbolismos dos construtores medievais (maçonaria operativa). O desenvolvimento desses graus segue uma mesma estrutura em sua temática geral, usam os mesmos símbolos e ilustrações para transmitir os ensinamentos aos seus iniciados. O método maçônico de ascensão é gradual e ritualizado. Durante os três últimos séculos, adotaram diferentes sistemas rituais condensados em diferentes Ritos, com um número distinto de graus complementares aos três primeiros. Com a premissa de elevar o aprimoramento moral e espiritual dos membros surgiram os Ritos de Emulação³⁵. Os Ritos de Emulação ou graus superiores estão baseados nos ensinamentos da maçonaria simbólica inglesa, de modo especial a Grande Loja Unida da Inglaterra, consolidada em 1813, com a união dos antigos (operativos) e modernos (especulativos) ensinamentos dos maçons. Esses ritos regulamentados por uma publicação da Grande Loja Unida da Inglaterra, na qual inclui um seu sistema a lenda do “Arco Real”, como contribuição específica dos antigos maçons (operativos), destacando que se tratava de um complemento do terceiro grau, para melhorar o estilo ou modo de trabalho especializado dos mestres simbólicos (especulativos).

Segundo Hurtado (2008), no que se referem aos ritos praticados no Brasil, eles aqui chegaram nesta ordem: o Rito Adonhiramita, ou Rito “dos doze Graus”, trabalhado na Loja União (ou Reunião), de Niterói, a primeira Loja Regular do Brasil, de 1800 ou 1801; o Rito Francês ou Moderno, adotado pelo Grande Oriente Brasílico em 1822, primeiro Rito do Brasil Independente e, por legítima razão histórica, o Rito oficial do Grande Oriente do Brasil ainda hoje; o Rito Escocês Antigo e Aceito, chegado ao Brasil ainda antes do reerguimento do GOB, em 1829, com a Loja Educação e Moral, de Gonçalves Ledo e João Paulo dos Santos Barreto; o Rito Inglês Moderno, resultante da união, em 1813, das duas Grandes Lojas rivais inglesas (a de 1717, dos Modernos, e a de 1751, dos Antigos), que deu origem a um novo Rito para acomodar as diferenças. Chegou ao Brasil com a *Orphan Lodge nº 616*, jurisdicionada à nova *United Grand Lodge of England* em 1837; o Rito Schoeder, chegado ao Brasil em 1855, com a

³⁵ Em 1823 criou-se uma Loja de investigação, chamada “*The Emulation Lodge Of Improvement*”, cujo trabalho veio a fixar os elementos essenciais do método simbólico praticado pela maçonaria inglesa (moderna ou especulativa), resultante da fusão de suas Grandes Lojas, método ou rito que por causa disso recebe o nome de Emulação.

fundação da Loja “*Deutsche Freundschaft*” (Amizade Alemã) e praticado nas regiões do sul, onde houve colonização alemã e suíça; e o Rito Brasileiro, criado na segunda metade do século XIX e regulamentado no GOB em 1914.³⁶

3.2 O Simbolismo Maçônico

A prerrogativa simbólica da maçonaria está intrinsecamente relacionada à construção e à edificação. Seus símbolos principais são as ferramentas usadas por artífices que edificam construções (trolhas, esquadro, compasso, prumo etc.). A origem desta simbologia é controversa. Para alguns pesquisadores, sua origem remonta os tempos bíblicos, tendo como ponto inicial a construção do Templo de Salomão³⁷. Para outros, este simbolismo surgiu com as guildas de pedreiros-livres, responsáveis pela construção das grandes catedrais medievais. Porém, não tenho intenção de buscar suas origens históricas precisas, visto somente apreciar seu propósito e simbolismo.

Antes de levar adiante minha análise, seria bom reafirmar as principais propriedades empíricas dos símbolos dominantes do mundo maçônico. Por símbolo dominante, seguindo o pensamento de Turner (2005), entendo como sendo o conjunto de símbolos usados não meramente como meios para o cumprimento dos fins confessos de um dado ritual, mas também e com maior importância, simbolizam normas e valores importantes para os participantes.

De todos os símbolos³⁸ e signos³⁹ presentes no sistema do simbolismo maçônico, nenhum é mais conhecido do que o emblema⁴⁰ da Ordem. Neste estão dispostos um

³⁶ Seguindo os dados fornecidos por Castellani & Carvalho (2009), fica assim distribuído o percentual dos Ritos praticados pela Maçonaria Brasileira, no âmbito do Grande Oriente do Brasil: o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) predomina, pois, 79% das Lojas Maçônicas brasileiras praticam tal Rito. Seguidos pelo Brasileiro (8%), Adonhiramita (7%), Moderno (4%), York (2%) e Schoeder (0,004%). Outros dados ou percentuais são apresentados por esses autores maçons. Segundo eles, São Paulo é o maior Estado em número de maçons 30%, seguidos por Minas Gerais 13%, Rio de Janeiro 10%, Goiás 7%, Santa Catarina 4%, Bahia 4%, Espírito Santo 4%, Paraná 3%, Distrito Federal 3% e demais Estados 22%.

³⁷ Segundo o autor maçom Albert G Mackey, em seu livro *O Simbolismo da Maçonaria* (2008), os primeiros maçons (operativos) tiveram por missão a construção de um templo terreno e material que seria dedicado ao serviço e à adoração de Deus – trata-se do Templo de Salomão e que a partir desse episódio os maçons especulativos (atuais) simbolizam os trabalhos de seus predecessores na ocupação da construção de um templo espiritual individual, dentro de seus próprios corações, onde eles devem elevar seus pensamentos a Deus (GADU).

³⁸ O símbolo é, portanto, muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado sensorial e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição.

³⁹ O signo é a menor unidade de um símbolo, figura, sinal, imagem.

⁴⁰ Figura visível, adotada convencionalmente para representar uma idéia, um ser físico ou moral.

compasso levemente aberto, um esquadro em ângulo de 90°, e uma letra G no centro dessas figuras. Esse conjunto de signos forma o emblema da maçonaria universal.

O compasso é o símbolo do espírito, do pensamento nas diversas formas de raciocínio, e também do relativo (círculo) dependente do ponto inicial (absoluto). Os círculos traçados com o compasso representam as Lojas simbólicas, girando sobre a sua própria ponta a fim de voltar ao ponto de partida, o compasso simboliza também o ciclo de uma existência. Nesse aspecto:

A primeira figura geométrica que se pode traçar com a ajuda do compasso, é o círculo centrado pelo ponto. Tomando por excelência como símbolo solar, ali se combina o círculo (o infinito) como o ponto (início de toda manifestação ou evolução). O relativo e o absoluto se acham, pois, representados pela ação do Compasso, o qual, por sua vez, figura a dualidade (hastes) e a União (sua junção) (Figueiredo, 2008, p.110).

O esquadro resulta da união da linha vertical com a linha horizontal, é o símbolo da retidão e também da ação do Homem sobre a matéria e da ação do homem sobre si mesmo. Significa que os maçons devem regular suas condutas e ações pela linha e pela régua maçônica. Emite a idéia inflexível da imparcialidade e precisão de caráter, simboliza a moralidade. Nesse símbolo, está contida a noção de regra e régua, de retidão e direitura, valores que devem ser praticados e defendidos por todos os maçons. No trecho abaixo, nota-se a importância dada a esse símbolo no mundo maçônico:

Nos três graus simbólicos é o símbolo da retidão e disciplina maçônica: o Aprendiz e o Companheiro usam como sinal e marcham com o pés formando esquadro, e o Mestre o adota igualmente em sua marcha, além de o conhecer na lenda como o instrumento usado pelo segundo companheiro para abater o venerável Hiram Abiff (Idem, p. 144).

O simbolismo da letra G não é menos interessante de ser verificado. Ela é a sétima letra de nosso alfabeto e é dotada de grande significação para o simbolismo maçônico. Dentre seus diversos significados, cabe destacar os seguintes: força criadora que se acha no centro de todo ser e de todas as coisas (GADU – Grande Arquiteto do Universo); Glória a Deus; Gênio - É a inteligência humana a brilhar com seu mais vivo fulgor. Na maçonaria, ocupa o centro da estrela flamejante, e simboliza um centro diretor e iluminador.

Outro importante símbolo maçônico perpassa o ponto trino ou três pontos. Em forma de triângulo é um símbolo com várias interpretações dentro da maçonaria, aliás, conciliáveis: luz, trevas e tempo; passado, presente e futuro; sabedoria, força e beleza;

nascimento, vida e morte; liberdade, igualdade e fraternidade. Ele é usado como abreviação maçônica, usado para abreviar termos técnicos maçônicos, e funciona também como sinal de reconhecimento pelos maçons em suas assinaturas.

O avental é o símbolo do trabalho maçônico. Na maioria das vezes ele é branco. O avental é usado em todas as reuniões maçônicas. Suas cores e ornamentos variam conforme o rito e o grau daquele que o veste, como já citei.

O delta ou olho que tudo vê é um triângulo luminoso, símbolo da força expandindo-se, que também pode ser entendido como a onipresença de Deus. Este símbolo distingue o Rito Escocês Antigo e Aceito. Na maçonaria é o símbolo da tripla força indivisível e divina que se manifesta como Vontade, Amor e Inteligência cósmicos. É o emblema da trindade.

O ramo de Acácia é a planta símbolo por excelência da Maçonaria, representa a imortalidade nos emblemas maçônicos. A acácia é inicialmente um símbolo da verdadeira iniciação para uma nova vida, a ressurreição para uma vida futura. Este símbolo também está contido na lenda de Hiram Abiff, e é dotado de múltiplas significações. Unida a idéia de iniciação a acácia torna-se símbolo do conhecimento das coisas secretas.

A pedra bruta é símbolo das imperfeições do espírito que o maçom deve procurar corrigir, e também, da liberdade total do aprendiz e do maçom em geral. Este símbolo é dotado de uma simbologia muito usada nos rituais maçônicos, com a intenção de retratar as imperfeições a serem "polidas" pelo iniciado. Assim, esse símbolo:

Simboliza a personalidade rude do Aprendiz, cujas arestas ele aplaina, e que lhe cabe disciplinar, educar e subordinar à sua vontade. É a imagem alegórica do profano antes de ser instruído nos mistérios maçônicos, e como tal, figura em terceiro lugar entre os objetos emblemáticos que devem estar sempre representados no quadro do primeiro grau (Idem, p.330).

Um dos símbolos essenciais do simbolismo maçônico são as colunas. As colunas são elementos muito importantes na arquitetura, elas são os suportes ou eixo de uma construção. Seu simbolismo é também usado como símbolo dos limites do mundo criado, da vida e da morte, do elemento masculino e do elemento feminino, do ativo e do passivo e de outras dualidades presentes no universo. Contudo, perseguirei aqui neste trabalho, o simbolismo do suporte ou eixo, visto ser mais adequado ao sistema simbólico pesquisado.

Segundo a definição de Chevalier & Cheerbrant (2006), simbolizam a solidez de um edifício, quer seja arquitetural quer seja social ou pessoal. Sigo essa definição tendo em vista sua amplitude conceitual que muito me influenciou ao longo da pesquisa.

Na simbologia maçônica, consta que suas Lojas são sustentadas por três “colunas simbólicas”, sendo elas: A *Sabedoria* (estilo Jônico) que tem por objetivo simbólico representar a sabedoria, e ilustra o valor que um maçom tem de dar ao estudo e aos ensinamentos professados dentro e fora da maçonaria. A *Força* (estilo Dórico) que simboliza a força que é necessária para construir bases fortes e duradouras, para que um maçom tenha uma base onde sustentar suas ações pessoais e sociais. A *Beleza* (estilo Coríntio) que é representada por uma coluna mais adornada, simbolizando a beleza que todos os maçons devem demonstrar em seu caráter e conduta. Diz o ritual maçônico:

Nossas Lojas estão sustentadas por três grandes colunas: a Sabedoria (personificada no Venerável), para idear; a Força (representa no 1.º Vigilante), para sustentar; e a Beleza (figura no 2.º Vigilante), para adornar. A sabedoria nos guia em todas as nossas iniciativas, a Força nos sustém em todas as nossas dificuldades, e a Beleza adorna o homem interno. O universo é o templo da Divindade a Quem servimos; a Sabedoria, a Força e a Beleza rodeiam seu trono como colunas de Suas obras, porque sua sabedoria é infinita, Sua Força é onipotente, e Sua Beleza resplandece na simetria e ordem de toda a criação (Figueiredo, 2008, p. 106).

Porém, em uma de minhas observações no campo, percebi que existem quatro “colunas” que dão sustentação à obra maçônica. Onde, a quarta coluna é o maçom, como importante e indispensável sustentáculo da estrutura que ergue o mundo maçônico, sendo o universo o templo da divindade, onde todos os maçons servem ao Grande Arquiteto do Universo (GADU). A sabedoria, a força e a beleza estão em volta de seu trono, como pilares de sua obra e sua sabedoria é infinita, sua força onipotente e sua beleza manifestam-se em toda a natureza pela simetria e pela ordem, através dos trabalhos executados pelos maçons (pedreiros). Cabe ao maçom a tarefa de construir a obra divina, o templo divino. Para isso, torna-se necessária a construção de si mesmo, de sua personalidade, moralidade, bem como o controle de seus vícios e imperfeições, com o intuito de ser um construtor digno e preparado para edificar-se enquanto uma obra divina, que precisa ser constantemente trabalhada em busca da simetria e da “perfeição”. Nesse sentido, cada maçom é considerado uma coluna de sua Loja e esta, um símbolo do universo.

3.3 Os Graus Hierárquicos

A hierarquia está muito presente na essência das sociedades iniciáticas, e não é diferente na maçonaria. Para Ramalho (2008), a estrutura da maçonaria se expressa de várias formas e constitui um dos pilares da instituição. Ele afirma que o espaço maçônico é carregado de significado e autoridade hierárquica, o que não exclui, de todo, os momentos de relacionamento fraternos, que podem ser percebidos por qualquer observador. Importante ressaltar que o processo de hierarquização maçônico apresenta uma natureza duplamente interna. Além dos graus os quais os membros são investidos (Simbólicos - Aprendiz, Companheiro e Mestre; Filosóficos ou de Emulação), os membros ocupam os cargos políticos que organizam e administram os diferentes níveis do poder dentro do mundo maçônico.⁴¹

Contudo, a ascensão hierárquica praticada pela maçonaria segue um critério baseado na meritocracia. Subir os degraus da estrutura hierárquica da maçonaria envolve uma série de critérios e esforços por parte dos iniciados. Atingir os graus simbólicos é uma necessidade de todos os maçons, mas alcançar os graus superiores

⁴¹ Estrutura hierárquica de uma Loja Maçônica e suas funções básicas: Venerável Mestre - Preside e orienta as sessões; Mestre Instalado – Assessorar o Venerável Mestre e, em último caso desempenhar e ocupar uma função ou cargo na Loja; 1º Vigilante - Auxilia nos trabalhos, trata da organização em geral e instrui os aprendizes. 2º Vigilante - Auxilia nos trabalhos e instrui os companheiros. Orador - Sumariza os trabalhos e apresenta conclusões antes das votações e garante o fiel cumprimento da legislação maçônica. Equivale a um representante do Ministério Público, dentro da Loja; Secretário - Redige as atas e trata da sua conservação e é responsável pelas relações administrativas entre a loja e a obediência e junto com o 'Venerável Mestre; Tesoureiro - Recebe as quotizações e outros fundos da loja e vela pela sua organização financeira; Chanceler - Tem por objetivo o controle de presença dos irmãos do quadro e dos visitantes da Loja; Mestre de Cerimônias - Responsável por toda a condução das cerimônias maçônicas introduz os irmãos na loja, conduz aos seus lugares os visitantes, e ajuda o Experto nas cerimônias de iniciação; Hospitaleiro - tem a tarefa de detectar as situações de necessidade e de prover o alívio dessas situações, quer agindo pessoalmente, quer convocando o auxílio de outros maçons; 1º Diácono – Função de mensageiros e principalmente a de conduzir os candidatos durante as cerimônias rituais; 2º Diácono – Auxilia e ocupa a função do 1º Diácono; Porta-Espada - Este cargo geralmente deve ser preenchido por um militar preferencialmente. O Porta Espada tem o uso e a guarda conforme prescreve os cerimoniais ritualísticos; Porta-Estandarte - Compete-lhe guardar e conduzir, devidamente paramentado e com luvas, nas sessões designadas, o estandarte da Loja, que deverá ficar guardado em um escrínio, colocando-o, em lugar bem visível, quando a Loja é declarada fechada, ele recolhe o Estandarte e guarda-o em um escrínio; 1º Experto - Responsável pelas cerimônias de iniciação, em alguns ritos e obediências este é responsável por toda a condução das cerimônias maçônicas e é ajudado pelo Mestre de Cerimônias; 2º Experto - Compete-lhe substituir os Vigilantes e o 1º Experto, nas faltas e ou impedimentos destes; desempenhar, durante as iniciações, as funções contidas nos Rituais; responsável pelo “telhamento” de visitantes. Por extensão também é o guardião das tradições maçônicas; Guarda do Templo - Zela pela entrada do Templo. São oficiais igualmente importantes no âmbito da Loja (em alguns Ritos e lojas este cargo é só externo, noutros é externo e interno, e ambos são ocupados por irmãos diferentes); Cobridor - Zela pela segurança externa da Loja, certificando-se da regularidade maçônica de todos os que se apresentem à porta do templo.

torna-se uma prerrogativa destinada aos membros que dedicam maiores esforços na prática e no estudo da atividade maçônica.

Aqui tenho por interesse simplesmente observar que a iniciação na maçonaria evoca a necessidade de que seus iniciados percebam certas regras hierárquicas que são transmitidas através de símbolos, gestos, senhas, posturas, emblemas, que de alguma forma servem como meio para que eles possam transformar suas vidas, procurando modificar sua atuação no seio de sua família e comunidade, assumindo assim novos papéis sociais e posições políticas.

Um maçom deve ter suas obrigações como cidadão e pai de uma família em primeiro lugar. Portanto, não deve dar nenhuma proteção a quem agir desonestamente ou contra os princípios morais e legais da maçonaria e da sociedade. Em função disso, os objetivos perseguidos pela doutrina maçônica são: Ajudar os homens a reforçarem o seu caráter, melhorar sua bagagem moral e espiritual e aumentar seus horizontes culturais. Segundo as leis da Constituição do GOB, são postulados universais da Instituição Maçônica:

- I – a existência de um princípio criador: O Grande Arquiteto do Universo;
- II- O sigilo;
- III- o simbolismo da Maçonaria Universal;
- IV- a divisão da Maçonaria Simbólica em três graus;
- V- a lenda do Terceiro Grau e sua incorporação aos Rituais;
- VI- a exclusiva iniciação de homens;
- VII- a proibição de discussão ou controvérsia sobre matéria político-partidária, religiosa e racial, dentro dos templos ou fora deles, em seu nome;
- VIII- a manutenção das Três Grandes Luzes da Maçonaria: o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso, sempre à vista, em todas as sessões das Loas;
- IX- o uso do avental nas sessões.⁴²

O primeiro parágrafo da referida da lei maçônica deixa claro que para ser iniciado o indivíduo tem de acreditar em um princípio criador. O GADU, abreviação de Grande Arquiteto do Universo, é o nome geral dado à divindade suprema em todos os ritos e sistemas maçônicos, pois a maçonaria não recrimina nenhuma religião que reconheça a autoridade de um ser superior. O que importa para a maçonaria é que o candidato e futuro maçom ateste acreditar em um Deus. Para não causar nenhum tipo de constrangimento ou favorecimento a qualquer uma das religiões, adotou-se essa nomenclatura, que é mais um recurso simbólico usado na instrução do maçom. Nesse

⁴² Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2009, p.9.

sentido, o GADU é tido como o arquiteto supremo que é o responsável pela obra sagrada, ou seja, a criação de tudo e todos.

No IV e V postulados, a divisão da Maçonaria Simbólica em três graus e sua incorporação aos rituais, percebe-se ainda a natureza simbólica do mundo maçônico. Neste ponto, as leis maçônicas convergem no sentido de organizarem todas as potências e obediências mundo a fora. Para legitimar esse aspecto da doutrina maçônica, afirma a necessidade da existência da hierarquia tradicional das associações dos pedreiros livres medievais. Os argumentos empregados nestes pontos da legislação maçônica, introduzem tipicamente um elemento mítico na configuração do grupo e seus usos rituais. Desde a fundação da Grande Loja de Londres, em 24 de junho de 1717, as Lojas Maçônicas têm-se organizado em Obediências, sejam elas Grandes Lojas ou Grandes Orientes, os maçons seguem a configuração dos três graus simbólicos. O simbolismo desses graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre) remontam personagens bíblicos, que teriam construído o Templo de Salomão.

De acordo com a visão de Eliade (2011), o mito proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, o mito sempre é a narração de uma “criação”. Nessa conjuntura, conta-se como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser. O mito é pois a história do que se passou *in illo tempore*, a narração daquilo que os deuses os seres divinos fizeram no começo do Tempo. E que uma vez “dito”, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta (Eliade, 2011, p.84).

Para Lévi-Strauss (2010), o mito deve ser encarado de forma plural. Para ele, nada é melhor do que a mitologia para ilustrar e demonstrar empiricamente a realidade de um entendimento do universal, através de uma observação rigorosa de entendimentos coletivos, cujas propriedades, de certo modo solidificadas, lhe são reveladas por inumeráveis sistemas concretos de representações. Lévi-Strauss afirma que o mito opera a partir de um duplo contínuo. Um externo, cuja matéria é constituída, num caso, por acontecimentos históricos ou tido como tais, formando uma série teoricamente ilimitada de onde cada sociedade extrai material para elaborar seus mitos, um número limitado de eventos pertinentes. O segundo contínuo é de ordem interna. Situa-se no tempo psicofisiológico do ouvinte, cujos fatores são muito complexos: periodicidade das ondas cerebrais e dos ritmos orgânicos, capacidade da memória e intensidade de atenção. São

esses os principais aspectos que a mitologia põe em jogo, pela duração da narração, a recorrência dos temas, e outras formas de retorno e paralelismo que, para serem corretamente localizadas, exigem que o espírito do ouvinte varra o campo do relato em todos os sentidos à medida que este se desdobra diante dele (Lévi-Strauss, 2010, p.35).

O mais importante do mito lendário da maçonaria é, sem dúvidas, aquele que relata o destino de Hiram Abiff⁴³, presente na lenda do Terceiro Grau. O primeiro registro da lenda de Hiram Abiff⁴⁴ está na introdução da segunda edição das Constituições de Anderson, publica em 1738. Nesta consta toda trajetória do “mito original” do mundo maçônico.

Segundo o autor maçom Mackey (2008), a lenda é considerada de tamanha importância que seu simbolismo tem sido preservado em todos os ritos maçônicos. Não importando quais modificações ou alterações o sistema geral possa ter sofrido a lenda do construtor do Templo sempre permaneceu intocável, para se apresentar em toda a integridade de sua antiga forma mítica.

A idéia a ser comunicada pela lenda de Hiram Abiff é, no sistema maçônico, símbolo da natureza humana, o símbolo mítico do homem, que é retratado nessa história como operário e habitante de um mundo ao mesmo tempo sagrado e profano. Sagrado no sentido de o Templo ter sido construído através de designações divinas, tido como um ambiente que serviu como abrigo para guardar as relíquias sagradas dos Judeus. Profano no sentido de simbolizar as condutas imperfeitas dos homens corrompidos pela inveja e pela violência, práticas exercidas pelos assassinos de um homem “justo” e “inocente”. Este mito maçônico está repleto de alegorias simbólicas que podem remeter à vida e à morte, à virtude e aos vícios, à nobreza e à mesquinhez, o corpo e à alma, à terra e o céu, o dia e à noite, à construção e à demolição, e tantas outras dicotomias as quais podem sugerir diferentes perspectivas e ensinamentos aos seus receptores.

Quanto ao VI postulado, a exclusiva iniciação de homens, Ramalho (2008) afirma existir nele uma clara manifestação de um valor tradicional: a interdição das mulheres, decidida por homens, que não aceitam com iguais possibilidades hierárquicas. Segundo esse autor, diz ainda que esse talvez seja o valor que mais revela a

⁴³ Também é chamado de Hirão Abiff o filho de uma viúva da tribo de Neftali, do arraial de Dan. Hábil decorador e metalúrgico, o rei de Tiro, seu homônimo, o enviou ao sábio rei Salomão para trabalhar os querubins, colunas e adornos do suntuoso templo que o rei mandou edificar em Jerusalém, a fim de perpetuar o culto judaico iniciado por Moisés. Sua história consta na bíblia sagrada, no livro I de Reis, capítulo VII.

⁴⁴ Texto integral acessível em <http://bibliotecadigital.blogspot.com.br/2010/11/historia-de-hiram-abiff.html>, acessado em maio de 2012.

ambivalência maçônica, que em sua forma regular, *a priori*, exclui a participação da metade da humanidade. Contudo, esse também é um assunto no qual não aprofundaremos neste trabalho.

Outro ponto bem controverso da referida legislação perpassa o VII postulado, a proibição de discussão ou controvérsia sobre matéria político partidária, religiosa ou racial, dentro dos templos ou fora deles, ou em seu nome. Este aspecto reforça a idéia de separação dos mundos: o sagrado (templo) e o profano (fora do templo), de alguma forma esses ambientes são separados para manter a *Ordo Ab Chao* (*ordem no caos*), frase que foi escolhida para simbolizar o mais alto grau do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA). Além disso, posso inferir que essas “proibições” procuram evitar cismas no consenso das reuniões e deliberações realizadas nas Lojas.

No entanto, é de conhecimento da maioria que, no Brasil, a maçonaria sempre expressou-se publicamente quanto às questões de ordem política e social, haja vista os dados históricos enumerados no primeiro capítulo. Porém, não tenho como dizer como essas “questões políticas” não envolvem questões partidárias, até porque separar essas duas questões atualmente é uma tarefa complicada e traiçoeira. Nesse sentido, essa dificuldade de separação torna-se ainda mais difícil quando analisamos as implicações do Art. 29 desta mesma Constituição, onde consta o seguinte:

Dos deveres dos maçons
 VII – não revelar de forma alguma assunto que implique quebra do sigilo maçônico;
 IX- sustentar, quando no exercício de mandato de representação popular, os princípios maçônicos ante os problemas sociais, econômicos ou políticos, tendo sempre presente o bem-estar do homem e da sociedade;
 Dos direitos dos maçons
 XIII- solicitar apoio dos Maçons quando candidato a cargo eletivo no âmbito externo da Federação.⁴⁵

Nesta seção dos postulados, pode-se notar o caráter ambivalente da legislação maçônica. Não estou afirmando que esses valores estejam sendo esquecidos ou sendo praticados por todos, todavia, fica difícil acreditar que os maçons não estejam discutindo questões político-partidárias no ambiente maçônico, mesmo que sutilmente, haja vista a participação de maçons em diferentes áreas da esfera política. Quanto aos outros aspectos contemplados neste postulado, cabem algumas considerações que demandariam maiores esforços em minha investigação, o que não será possível devido a

⁴⁵ Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2009, p. 29-30.

meu recorte e hipóteses. Em Itaperuna, por exemplo, os maçons possuem representação em diversos cargos públicos, como: vereador, chefe de gabinete, secretário municipal, presidente de conselho, etc.

Os postulados VIII e IX - manutenção do Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso, sempre à vista, em todas as sessões das Lojas e Corpos e o uso do avental – também correspondem à preservação do sistema simbólico da maçonaria operativa (tradicional), em função da evidência das ferramentas nos trabalhos da ordem.

Segundo Ramalho (2008), a presença do Livro da Lei (Bíblia), obra da Grande Loja de Londres evidencia traços de continuidade da maçonaria com as antigas tradições religiosas, sobretudo as chamadas religiões de livro. Para o autor maçom Hurtado (2008), esses símbolos são:

O Livro ou Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso constituem uma entidade simbólica especial: são as Três Grandes Luzes da Maçonaria, que presidem todos os trabalhos das Lojas fiéis à Tradição da Ordem. Os valores simbólicos do esquadro e do compasso dos construtores e a fundamental referência à Lei Universal ou Lei Sagrada que faz o maçom-simbólico ao utilizar-se espiritualmente de ambos os instrumentos (Hurtado, 2008, p.107).

Ainda que para os maçons que professam diferentes religiões, o único valor que a Bíblia detém para a maçonaria universal andersoniana é simbólico e não dogmático, pois existem diversos livros sagrados no altar da Loja, representando a orientação religiosa de cada membro da Loja. No entanto, o Livro da Lei é representado pela Bíblia cristã. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2006), o livro também pode ser considerado um símbolo do universo. E que um livro fechado significa a matéria virgem. Se está aberto, a matéria está fecunda. Fechado, o livro conserva seu segredo. Aberto, o conteúdo é tomado por quem o investiga (Chevalier & Gheerbrant, 2006, p.555).

O simbolismo do Livro aberto na maçonaria é muito significativo. A expressão evoca à luz da sabedoria que conduzirá o maçom nas trevas da ignorância. O Livro é tomado como fonte sagrada cheia de conteúdo esotéricos e sabedoria suprema para quem busca atingir a “perfeição”.

No simbolismo do esquadro percebe-se essa ferramenta como um objeto capaz de simbolizar a correta sucessão das idéias humanas, tendo sempre sua concordância com a Lei universal. Está ligado ao plano terrestre ou imanente. Nesse sentido, podemos afirmar ainda que:

Por indicar dimensões várias, a horizontal e a vertical, o esquadro simboliza o espaço. Todavia, como serve somente para desenhar figuras quadradas ou de ângulos retos, ele serve também para simboliza a retidão e o respeito às leis e regulamentos (*Ibidem*, p. 401).

Já o compasso é um utensílio atrelado à busca da espiritualidade ou transcendência. Seu simbolismo evoca a possibilidade de medir e transportar a medida das coisas de um plano a outro, traçando curvas e circunferências, relacionando imanente com transcendente (Hurtado, 2008, p.106).

O rito de investidura ou iniciação traz um dos principais símbolos da maçonaria, o Avental. Este objeto é chamado de o “distintivo do maçom” por ser o primeiro presente que o aspirante recebe e o primeiro símbolo sobre o qual ele é instruído. Explica-se esse objeto da seguinte forma:

O avental de couro é um dos ornamentos essenciais da maçonaria. O aprendiz o veste com a parte superior levantada; os graus superiores, com a parte superior para baixo. Herdado das tradições artesanais, o avental evoca claramente *o trabalho*, para o qual é necessário. No simbolismo maçônico, o avental – que caracteriza a roupa do iniciado – é, de fato, *o emblema do trabalho; lembra que o maçom deve ter uma vida ativa e laboriosa*. Para outros, ele lembraria a túnica de pele com que Adão e Eva cobriram sua nudez após o pecado original: o avental tem de ser *branco, imaculado e puro. Conservando-o assim, cada um pode, no seu plano, realizar essa perfeição aspirada por todo iniciado* (Chevalier & Gheerbrant, 2006, p.103).

Porém, como é da natureza dos símbolos, a interpretação deles é subjetiva e plural. Não existem critérios estabelecidos que condicionem os usos dogmáticos de tais objetos. Cada indivíduo iniciado apreende aquilo que é possível e altera de forma pessoal suas estruturas em direção de alcançar os ensinamentos do conhecimento maçônico.

Ao considerar o objetivo desta dissertação, procurei, neste capítulo, apreender dos relatos algumas questões que vislumbrassem como e se a entrada na maçonaria alterou as vidas dos indivíduos. Alguns entrevistados disseram que haviam mudado radicalmente, outros disseram que não havia mudado muita coisa. Porém, o que mais me chamou à atenção foi o fato de que a maioria fez questão de dizer que a partir de suas iniciações mudaram a maneira de ver alguns aspectos acerca de suas famílias e a caridade. Como podemos observar a seguir:

É, (breve pausa) mais do que isso, outra visão sobre família. Inclusive, que me possibilitou querer constituir família. Eu sempre achei que eu ia ser um “bon vivant”. Eu sempre achei que eu ia ser um “bon vivant”, eu sempre fui

meio desprendido. Eu nunca tive..., Sempre fui um cara (sic) desprendido, aventureiro e isso sempre me fez pensar que eu ia ser um “bon vivant”. Eu ia trabalhar só para eu poder fazer o que eu gosto. Mas depois que eu entrei na maçonaria eu comecei a ter uma compreensão diferente sobre família. Sobre a necessidade do ser humano em constituir família. [...] Eu acho que muita coisa da maçonaria, muita coisa de nossa personalidade absorve do meio. Então a maçonaria ela dá uma importância muito grande para essa questão família. Tanto que a maçonaria nos fala o seguinte, o primeiro lugar na sua vida é seu trabalho e sua família. Depois você deixa um espaço para a maçonaria. Se você não puder ir a uma reunião por causa do trabalho ou por causa de sua família, não vá. Cuide primeiro de sua família e de seu trabalho, depois você vai na maçonaria. Então, eu comecei a dar muita importância para isso a ponto de deixar de ser um “bon vivant”, passar a namorar uma pessoa com quem eu noivei e vou me casar. Mas, eu tenho certeza absoluta que por causa da maçonaria eu comecei a dar outro sentido para minha vida. No sentido de constituir família e buscar a pessoa certa para isso (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29anos).

O valor que ela dá à família é que a família é seu alicerce (sinal da simbologia da construção). Isso é igualzinho. Todo lugar tem pessoas de bem e não isso, e que a família é seu alicerce. E lá não é diferente, lá você tem uns amigos lá, mas quem é seu alicerce é sua família. Por isso que não mudou muito em mim, por que eu já tinha isso antes de entrar lá (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

Tudo. Tudo. Você começa a ver o mundo de outro jeito. Você começa a ver o mundo de outro jeito (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

A parte boa: eu ter tido a oportunidade de conhecer novas pessoas, de em alguns momentos poder realmente realizar a caridade, ajudar ao próximo, sem olhar a quem. Mas eu tenho tido infelizmente mais decepções do que coisas positivas no momento. E é por isso que eu não deixo a maçonaria, que eu ainda tenho a utopia talvez de tentar com meus esforços agregar outros valores através de convite, pra que a gente coloque a maçonaria no seu devido lugar como já foi um dia. É uma tarefa difícil (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Mudou. o compromisso de ir na Loja é muito rigoroso, eu nunca falto às minhas reuniões; e eu às vezes vou a outras Lojas. Em alguns casos eu não pude acompanhar enquanto companheiro, saí depois eu voltei. Eu vou a Eugenópolis, então achei muitos companheiros da época de farra que hoje são irmãos. A Loja muito boa, muito coesa. Só de estar presente me sinto bem. Até agora estou gostando, vamos ver pra frente (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Ela por si só faz você mudar, porque, veja bem, hoje se eu fizer alguma coisa contra a sociedade ou de mal pra sociedade, eu assumo a responsabilidade. Eu, pessoa, advogado. Agora, imagina acontecer alguma coisa a algum maçom. Representando uma Loja Maçônica. Olha o peso. Então você tem que ter responsabilidade. Pra (sic) você não degradar a instituição, esta é a minha filosofia, é o meu entendimento de filosofia de vida também. Então, vida particular é uma coisa, (fulano) advogado é outra, (fulano) maçom é outra. Mas quando você gira o contexto, coloca que você está representando uma Loja acho que você tem que mudar sua postura, porque vão apontar a Loja, vão apontar o maçom. A mesma coisa se você for ministro da Igreja

Católica ou faz parte do coral da Igreja, você vai ter certas posturas perante a sociedade (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Mestre, 34 anos).

Eu não notei mudança não. Eu já ajudava aos outros. Quando me convidaram falaram que eu era um cara honesto, que gostava de ajudar aos outros, aí comecei a participar. Mas eu via isso: a índole das pessoas que estavam lá dentro. Isso me cativou muito. [...] Hoje em dia tem muita competitividade e o “desconfiômetro” (sic) – todo mundo desconfia de todo mundo. Então você vê uma coisa que funciona é muito bom participar disso... igual à questão da luva, né, quando você inicia você recebe um par de luvas, você fica com uma e dá uma pra pessoa que você mais gosta, ou mais venere, no meu caso a minha esposa. Só que ela nunca precisou e nunca vi ninguém que fizesse, se em qualquer lugar que você estiver, se a mulher botar a luva por cima da mão e ficar parada quem passar e for maçom, vai parar e socorrer na hora. Sabe que aquilo ali é um código de socorro. Uma vez precisei de um advogado pra resolver um problema lá em Campos. Eu estava aqui, entrei em contato com a maçonaria, eles entraram em contato com Campos e botaram um advogado maçom à minha disposição. Isso aí é bom demais (Homem, branco, casado, economista, católico, casado, Mestre, 49 anos).

3.4 O Segredo na Maçonaria

O segundo postulado universal da maçonaria trata do sigilo. O sigilo dentro da maçonaria é algo recorrente e muito explorado pelo mundo profano. Em uma pesquisa superficial, feita através de um *site* de busca, podemos encontrar algumas dezenas de publicações que dizem estar “revelando” os segredos/sigilos da maçonaria. Este é um dos fatores que mais fomenta o debate em se tratando de maçonaria no imaginário coletivo. Segundo relato de meus entrevistados, o segredo maçônico está restrito às senhas e contrassenhas usadas como reconhecimento mútuo, bem como, no conteúdo das reuniões executadas dentro do templo.

Para muitos, a maçonaria é tida como uma sociedade secreta. Esta denominação não agrada aos maçons contemporâneos. Eles afirmam, com certo grau de racionalidade, que chamar a maçonaria de secreta não é correto, pois seus objetivos e constituições não são segredos. Desta forma, a maçonaria pode ser vista como uma sociedade privada discreta, que pratica rituais esotéricos relacionados direta ou indiretamente com o simbolismo da construção ou Arte Real⁴⁶.

Sendo este um dos conceitos fundamentais à pesquisa e o entendimento da filosofia maçônica, faz-se necessário certo esclarecimento do que represente o segredo para os indivíduos iniciados na maçonaria. Para isso, volto a visitar a obra de Georg Simmel, *A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas*, traduzida por Simone

⁴⁶ Uma das antigas definições da Franco-maçonaria, por se exercer ali a arte superior: a de conhecer e realizar o Eu.

Maldonado (2011). Nesta obra, Simmel explora o sentido do segredo e de sua relevância sociológica para o estudo das culturas. Para Simmel, o segredo, no sentido da ocultação de realidades por meios positivos ou negativos, é uma das maiores realizações humanas, pois toda relação humana é caracterizada, entre outras coisas, pela quantidade de segredo que nela se encontra e que se envolve. Sua teoria afirma que o segredo oferece uma possibilidade em que os indivíduos desfrutem de um segundo mundo junto com o mundo manifesto, sendo este decisivamente influenciado por aquele (Maldonado, 2011, p.99).

Todos esses elementos podem ser observados na obra do autor maçom Hurtado (2008), que afirma:

Há outros mundos, mas estão neste. Expressou-se assim meu admirado Eluard. E antes dele muitos outros. A maçonaria está centrada na vida terrestre, no Homem que nasce, vive e morre aqui, no planeta Terra. E não é assim porque os maçons sejam ateus ou agnósticos, ou porque não consideram nenhuma forma de sobrevivência do Homem depois de sua morte etc., mas sim porque o método de trabalho maçônico corresponde á estrutura física e mental do Homem, tal como o conhecemos, e ao desenvolvimento das condições de convivência com outros homens, tal como a psicologia, a história e a sociologia vão nos mostrando. A iniciação busca melhorar o homem por dentro para que possa evoluir até seu destino harmônico, sem descuidar dos fatores negativos que se opõem a isso.

A maçonaria pretende apenas ativar nos homens aquelas capacidades pessoais que se abram para o mundo espiritual. A partir daí, o maçom se constrói a si mesmo (Hurtado, 2008, p.77).

No sentido positivo o segredo seria a medida dos níveis de ocultação e de revelação necessários e viáveis nas relações interpessoais. Nesse sentido, afirma Simmel: sem o segredo, pressupondo-se a possibilidade da transparência absoluta nas relações interpessoais tanto ao nível individual quanto ao nível societário, estas seriam inviáveis (Apud Maldonado, 2011, p.98).

Segundo Maldonado (2011), o sentido negativo do conceito de segredo para Simmel pode ser visto de maneira menos valorativa, já que é visto como um espaço para a sedição e de ilegitimidade, que, de alguma forma, pode ser equacionado como mentira ou alteração da verdade dos fatos.

Nos estudos feitos por Simmel, o segredo assume um papel de ampliar os estudos sobre a forma e os ritmos como a informação e a ocultação funcionam no âmbito da dinâmica comunicativa das relações humanas. Tais atitudes são produtos e objeto de processos educativos nos quais a sociedade se reproduz, estando imbricadas na ética e na moralidade sociais.

Em relação às suas funções, são unânimes no sentido de reconhecer que o sigilo maçônico apresenta um duplo efeito que o tornará típico: por um lado, produz um efeito isolador e individualizador no iniciado; por outro, a partilha desse segredo com os outros membros do grupo provocará o efeito inverso, o “sentimento de pertença” e a “fraternidade igualitária”, ambas as estruturas que minimizam as individualidades e, ao mesmo tempo, promovem a sociabilidade maçônica, que será abordada no capítulo seguinte.

Para Simmel (2011), mediante a forma do segredo, as mais variadas espécies de propriedade interior adquirem um valor característico; o conteúdo do que é silenciado cede importância ao simples fato de permanecer oculto aos demais, mesmo que tudo seja inventado e que não haja segredo algum. Assim sendo, afirma ainda que do mistério que rodeia tudo o que é profundo e importante, surge a falácia de que tudo o que é secreto deva ser também profundo e importante.

Um dos fenômenos mais evidentes da sociabilidade maçônica é que toda a aura de segredo que envolve a maçonaria confere ao maçom um patrimônio e um valor que enaltece sua personalidade. Desta maneira, o maçom torna-se um indivíduo contraditório; aquilo que se reserva e “esconde” dos demais adquire na consciência deles uma importância particular; o maçom se destaca justamente por aquilo que oculta. O segredo funciona como uma técnica de proteção. A confiança recíproca entre os membros torna possível uma forma interna de ajuda mútua e instrumento de aspirações e forças sociais.

As questões de segredo e a individualização foram amplamente exploradas pelos estudos de Simmel, ele procurou interpretar os laços estreitos que unem os membros de uma sociedade secreta, que suas bases afetivas estivessem baseadas na “confiança” e a comunicação de conteúdos espirituais e morais. Quanto a isso, argumenta que:

O segredo e a individualização estão tão estreitamente associados, que a sociação pode desempenhar dois papéis totalmente diferentes quanto ao segredo. Ela pode torna-se um objetivo de modo a compensar o efeito isolante do segredo – de modo a satisfazer dentro da sociedade secreta o impulso de sociabilidade que o segredo destrói com relação aos de fora. Por outro lado, o segredo perde em significação sempre que, em razão do conteúdo, a individualização fica fundamentalmente excluída. A Maçonaria pretende ser a sociedade mais geral, a “associação das associações”, o único grupo que rejeita todos os elementos particularistas e quer utilizar como conteúdo exclusivo só o que seja comum a todos os homens de bem. *Pari passu* com essa tendência, desenvolveu-se no meio deles uma crescente indiferença para com o caráter secreto das Lojas que se reduziram a exterioridades meramente formais. Assim, não é contraditório que o segredo seja algumas vezes favorecido, algumas vezes menoscabado pela sociação –

trata-se apenas de formas diferentes em que se expressa a relação entre segredo e a individualidade.⁴⁷

Contudo, não sabemos ao certo como funcionam os mecanismos do segredo envolvidos nas relações maçônicas. Seguindo a teoria simmeliana, posso inferir que toda relação humana é caracterizada, entre outras coisas, pela quantidade de segredo que nela se encontra e que envolve. Todos esses elementos evidentemente são traços específicos do grupo analisado. Quanto aos fatores internos de funcionamento e a manutenção do segredo, bem como os efeitos de atração que o mesmo causa nos indivíduos, terá de ser estudado em pesquisas futuras. Contudo, segue um relato que evidencia este aspecto:

A cerimônia é um segredo, até hoje não vi ninguém falar sobre a iniciação, eles nem contam. É uma coisa que eu não tinha visto nada até então. Primeiro que você entra vendado, não vê nada, tem um ritual normal do ritual mesmo, do manual, mas tem a sacanagem (sic) que o cara faz também, então... você vê de tudo tem gente que exagera, que não pode mas faz - deixa o cara dentro de um quarto vendado com bode, ele sente o cheiro do bode passa a mão no bode. Aquilo ali é tudo figurado, aí cara (sic), quando está pra entrar falam assim: você tem que subir no bode, só que ele acha que vai subir mesmo, só que isso aí (sic) não tem nada a ver, isso aí é... Manda segurar uma coisa: “segura isso aqui” igual no meu caso, você tem o primeiro vigilante e eu, um deles está incumbido de levar o pré-iniciado até o templo, aí (sic) da a mão, fica com um capuz tipo Ku Klux Klan. Eu lembro que ele pediu pra eu segurar alguma coisa na mão, eu segurei... “aperta”, era tipo um trote, quando eu vi, minha mão estava suja de carvão, me deram um carvão pra segurar. É trote, agora, a experiência é interessante, porque se compara a maçonaria com a morte, você vê tudo coisa de morte, chama... você fica o tempo todo naquele ambiente escuro, fechado depois te levam, você vai vendado, desnudo, tudo parte do ritual, tira uma parte da manga da camisa, aí tira sapato, alguma coisa assim. Aí você entra no templo vendado, aí você não tem noção (Homem, branco, economiário, católico, casado, Mestre, 49anos).

O senso comum conhece a maçonaria como uma sociedade secreta, termo o qual os maçons não aprovam. Para eles, a Ordem maçônica é uma organização discreta e não secreta. No *site* do Grande Oriente do Brasil, em sua aba de perguntas frequentes, consta:

A Maçonaria é uma sociedade secreta?- Não, pela simples razão de que sua existência é amplamente conhecida. As autoridades de vários países lhe concedem personalidade jurídica. Seus fins são amplamente difundidos em dicionários, enciclopédias, livros de história etc. O único segredo que existe e não se conhece senão por meio do ingresso na instituição, são os meios para se reconhecer os maçons entre si, em qualquer parte do mundo e o modo de interpretar seus símbolos e os ensinamentos neles contidos.⁴⁸

⁴⁷ Simmel (2011), apud Maldonado, 2011, p.161.

⁴⁸ Disponível em: GOB

<http://www.gob.org.br/gob/index.php?option=com_content&view=article&id=51&Itemid=65>. Acesso

A partir desse posicionamento, percebi que deveria perguntar aos meus informantes o que eles entendiam por segredo e secreto dentro da maçonaria. Esta questão procurava compreender como a palavra segredo era entendida pelos maçons entrevistados. Como eles percebiam o “segredo” ou “secreto” em seu *ethos* e visão de mundo.

George Simmel argumenta que o segredo, enquanto dissimulação de certas realidades, conseguido por meios negativos ou positivos, constitui uma das maiores conquistas da humanidade. Nesse sentido afirma:

O segredo oferece, por assim dizer, a possibilidade de que surja um segundo mundo junto ao mundo patente e de que este sofra a influência do outro. Uma das características de toda relação entre duas pessoas ou dois grupos é haver segredo ou não e a medida em que o mesmo exista; pois o mesmo no caso de uma parte não notar a existência do segredo, este modifica a atitude daquele que o guarda, e, por conseguinte, modifica toda a relação (Simmel, 2011, p.132).⁴⁹

Para Simmel, o segredo é uma forma sociológica geral que se mantém neutra e acima do valor dos seus conteúdos. Segundo ele, em todas as relações, das mais estreitas às mais amplas, acabam aparecendo o ciúme e o movimento de conhecer um fato oculto aos demais. O segredo confere ao seu detentor uma posição excepcional em relação aos demais, exerce uma atração social, independente de seu conteúdo intrínseco. No caso analisado, ou seja, a maçonaria, pude notar como os maçons percebem/incorporam esse princípio, e como são particularmente valiosos para a construção de suas realidades. Vejamos a seguir alguns relatos a este respeito:

O segredo maçônico, aquela história que a maçonaria tem um segredo que ninguém sabe, eu acho que o maior segredo da maçonaria que todo mundo sabe mas ninguém acredita, ou pelo menos ninguém dá atenção, que é a capacidade que os irmãos serem amigos de verdade. Entendeu? Principalmente hoje com a internet. Não existe segredo da maçonaria. Essa história que você tem que dar o seu filho, baboseira (sic) (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29 anos).

É, na verdade, algumas pessoas querem se tornar maçons para conhecer o segredo da maçonaria, e o segredo da maçonaria é algo tão louco tão complexo, que você acaba não sabendo o que é que é. Você sabe por saber, mas maçonaria é algo... a maçonaria não quer o corpo. Chega a ser

em 05 de abril de 2012.

⁴⁹ Este texto está presente no livro *Georg Simmel: sentidos e segredos*, de autoria de Simone Carneiro Maldonado, também responsável por sua tradução e comentários, publicado pela editora Appris, 2011.

irrelevante o segredo da maçonaria depois que você pertence a ela (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Isso daí vem do pretérito. Maçonaria começou com as maiores atrocidades do mundo, foi a Igreja Católica, tanto que o Papa chegou a pedir perdão. Então, quando houve a Reforma Protestante, todas aquelas pessoas que se voltavam contra a Igreja Católica era considerado ocultista (sic). Pela maçonaria se reunir fechada, era considerada oculta. Uma entidade secreta. Isso desde lá de trás, por ter batido de frente com a Igreja Católica. Isso veio ao longo do tempo de alastrando, isso regional, tá? (sic) Existem lugares em que a maçonaria se afunila com a Igreja Católica e existem lugares que não. Isso é regional, isso já vem de longe essa questão de secreta, e eu não considero secreta, ela tem personalidade jurídica, tem sede própria, agora nos reunimos fechado. A escolha do papa também foi fechada. É ocultismo? (Homem, branco, advogado, solteiro, Mestre, 34 anos).

O ser humano é movido pela busca incessante do novo. Eu acho que de forma auspiciosa os fundadores nos séculos passados tiveram um “eureka”: o grande segredo é você não ter segredo algum. Porque o que desperta curiosidade, quando a gente vai fazer uma sindicância, a gente percebe o curioso, é impressionante quando é feita a sindicância em situações completamente divergentes, depois você checa essas informações. E é aí que você pega o curioso. Tem gente que se puder ir lá, um iniciado, entrar numa reunião um dia e não voltar... a gente tem esse tipo de gente. Mas o segredo é o que chama a atenção. É o que mexe com a criatividade das pessoas (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Eu acho que essa questão do segredo é o coração, é o mais importante pra a maçonaria. O segredo para o profano vai continuar sendo segredo, por isso que ela perdura, vem sobrevivendo, outras vieram e caíram e ela continua, porque é o X da questão. O dia que isso vier aberto ao público acabou, acabou a magia, a coisa do diferente. Você tem o *Rotary*, o *Lions*, que são iguais à maçonaria, mas são completamente abertos. Não tem segredo de nada. Os mesmos, as mesmas coisas, os membros, os irmãos (Homem, branco, economista, católico, casado, Mestre, 49 anos).

O postulado III, o simbolismo, remete a um dos valores mais significativos do mundo maçônico. Lévi-Strauss, na introdução de uma das edições de Sociologia e Antropologia de Marcel Mauss (2008) afirma que é da natureza da sociedade que ela se exprima simbolicamente em seus costumes e em suas instituições; ao contrário, as condutas individuais normais jamais são simbólicas por elas mesmas: elas são os elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, constrói-se. Mauss (2008) via a vida social como um “mundo de relações simbólicas”. Para ele, toda cultura pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. E que todos esses sistemas exprimem certos aspectos da realidade

física e social e as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros.⁵⁰

Para Turner (2005), símbolo é uma coisa que tipifica, representa ou lembra algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos. Os símbolos, para ele, podem ser vistos em várias situações, empiricamente, objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais em uma situação ritual, definição que considero importante para pensar a maçonaria e seus membros.

É importante afirmar que o simbolismo maçônico é essencialmente ligado à arte de construir. O aspirante à “luz maçônica”, o neófito, em sua iniciação é convidado a preparar-se para o trabalho consagrado de erigir dentro do peito uma morada adequada para o Espírito Divino (GADU). A partir daí, começa a nobre obra ao se tornar ele próprio a “pedra angular”⁵¹ sobre a qual o edifício espiritual e moral deve ser construído.

Na riqueza de figuras do simbolismo maçônico, a pedra angular constitui um importante significado no preparo de seus iniciados. Vejamos como a maçonaria define esse símbolo nas palavras de Mackey (2008), que afirma:

Às várias propriedades que são necessárias para construir uma verdadeira pedra angular – sua firmeza e durabilidade, sua forma perfeita, e a peculiar posição que assume como o laço de ligação entre as paredes – nós devemos atribuir o fundamental caráter que ela atingiu na linguagem do simbolismo. Apenas a Maçonaria, de todas as instituições existentes, preservou sua antiga e universal conotação, e não poderia – como se pode supor – ter negligenciado a adoção da pedra angular entre seus mais estimados e admiráveis símbolos; utilizando-a como referência de muitas de suas significativas lições de moralidade e verdade (Mackey, 2008, p.8).

No trecho citado, observa-se o forte apelo simbólico que este símbolo confere aos iniciados e quais as expectativas depositadas neles. Os maçons especulativos, através de seus “trabalhos”, ocupariam a tarefa da construção, da decoração e do acabamento do templo espiritual de seu corpo. Neste momento, enquanto neófito, é apresentado aos primeiros instrumentos de um maçom (pedreiro), sendo elas: a Régua, o Maço e o Cinzel - são essenciais para que o aprendiz consiga desbastar a sua “pedra bruta”, que significa o próprio iniciado nas condições em que se encontrava no mundo

⁵⁰ Ver Mauss, 2008, p.19.

⁵¹ Símbolo que está relacionado com a pedra fundamental dos edifícios, tomada como denominação dos princípios em que repousa a maçonaria.

profano, com seus defeitos (arestas), e sobre o qual deverá proceder a sua autolapidação, sua autoescultura, seu autodesenvolvimento, transformando-se na “pedra polida” em busca da construção de seu “Templo Moral” consagrado ao Grande Arquiteto do Universo, onde o mesmo figura como uma das colunas que irão dar sustentabilidade à obra universal feita pelo “Grande Arquiteto do Universo”.

3.5 O Levantamento das Colunas: o maçom como projeto

Na teoria proposta por Geertz (2001), fundindo os conceitos de *ethos* e *visão de mundo*, origina-se o conjunto de valores sociais de determinado povo ou cultura. Para ele, nos rituais sagrados e nos mitos, esses valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular (Geertz, 2001, p.149). Assim, a integração desses dois conceitos, para determinado ritual e/ou cultura, simbolizam tudo que ele conhece sobre o viver.

Utilizando as idéias propostas por Geertz (2001) podemos perceber que a maçonaria, através de seus rituais iniciáticos, formula seu simbolismo e o relaciona com a vida de seus membros. Desta forma, cabe aos membros conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo (iniciado) interpreta sua experiência e organiza sua conduta (Geertz, *op.cit.*, p.144).

Desta forma, todo sistema simbólico existente na maçonaria consiste em uma sucessão de etapas, tendo por começo a iniciação e estende-se de acordo com a dedicação e aprimoramento do membro, tendo como inspiração a “construção” e a busca pelo ideal de “perfeição”. A todo tempo os membros são convidados a refletirem sobre sua autoconstrução, destruição e transformação. Através dos rituais de revelação os maçons recebem ensinamentos de objetos simbólicos que visam auxiliá-los no permanente processo de aprimoramento e constituição de si mesmo e do mundo.

E por essa razão todo maçom também encarna uma figura simbólica, pois, dentro do mundo maçônico todo membro é considerado uma coluna que irá dar sustentação à obra sagrada (o mundo). Todo maçom torna-se um pedreiro e ao mesmo tempo um projeto, que tem por dever zelar pelo ordenamento e manutenção deste mundo e quem está nele. A cada um dos estágios de sua iniciação acha-se relacionada uma série de cerimônias que tem por objetivo fazer com que este indivíduo (iniciado) passe de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada, na incessante busca dos “segredos ocultos” velados ao seu grau.

Segundo Velho (2003), a idéia de *projeto* é algo que pode ser comunicado. Porém, chama atenção para o fato de que temos de perceber o indivíduo de duas formas básicas. Primeiro temos de enxergar o indivíduo como unidade real, dado da natureza (ser biológico). Em segundo, perceber o indivíduo como uma dimensão fabricada culturalmente. Portanto, para ele, temos de relativizar esses pontos de vista (*projeto* e *metamorfose*), para que assim possamos analisar os indivíduos e a sociedade.

Assim, para Velho (2003) *projeto* pode ser entendido como:

Uma dimensão mais racional e consciente, com as circunstâncias expressas no *campo de possibilidades*, inarrável dimensão sociocultural, constitutiva de modelos, paradigmas e mapas. Nessa dialética, os *indivíduos* se fazem, são constituídos, feitos e refeitos, através de suas trajetórias existenciais (Velho, 2003, p.8).

Para o autor, na sociedade complexa, a coexistência de diferentes mundos constitui a sua própria dinâmica e que a partir da mobilidade do indivíduo dentro de um determinado mundo (*campo de possibilidades*) depende do seu relacionamento e a leitura que ele faz dos códigos sociais que este mundo possibilita. Segundo o autor, nesse processo os indivíduos transitam em diferentes esferas da sociedade, buscando uma identidade capaz de dar significação a suas interações sociais .

A preocupação teórica do autor perpassa as idéias de visão de mundo e estilo de vida em camadas médias urbanas. Não obstante, seus estudos me fornecem um arcabouço teórico/prático muito inspirador. Seus apontamentos sobre a noção de *metamorfose* auxiliam-me na interpretação do sistema simbólico existente na prática dos maçons, em que eles mesmos passam a experimentar novos ensinamentos que prometem modificar seu eu. Nesse sentido, Velho (2003) destaca:

O potencial de *metamorfose* permite, em geral, aos indivíduos transitarem entre diferentes domínios e situações, sem maiores danos ou custos psicológico-sociais, ao contrário do que se poderia esperar, a partir de uma visão mais estática de identidade. Dentro desse repertório, portanto, desenvolvem-se papéis e desempenhos mais especializados, sem que isso signifique uma exclusão dos outros indivíduos. Pelo contrário, trata-se de uma característica mais generalizada da sociabilidade contemporânea, que faz com que todos, potencialmente, possam participar de n códigos e mundos. As diferenças, claramente existentes, se devem a especificidades de trajetórias, origem, poder, prestígio, associadas à natureza da estrutura social (Velho, 2003, p.82).

No meu entender, suas proposições teóricas auxiliam na compreensão, não só das camadas médias urbanas, mas evidenciam a própria natureza da sociedade brasileira

em seus processos e mudanças. Assim sendo, uso sua reflexão com a intenção de discutir um pequeno fragmento de uma organização presente nas camadas médias urbanas brasileiras. É dentro desse conceito que contemplo as práticas dos maçons, bem como seus discursos que valorizam a mudança e o aprimoramento individual, para que possam atuar de forma mais “moralizada” no âmbito pessoal e social, o que pode ser evidenciando nos seguintes depoimentos:

Meu pai já estava maçom da N. E. e eu fui convidado e indicado pelo meu próprio pai e pelo H. G. T., que era o venerável da N. E. na época. Então eu entrei na maçonaria em 2003 (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Eu senti que tem uma ritualística muito grande, o irmão que conduz a gente tem muita segurança, você pode confiar, tem um degrau, se não tiver degrau ele fala que não tem... senti muita firmeza no irmão. As viagens que a gente faz... na festa foi uma confraternização nossa e de todos que foram (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Março de 1995. No rito Escocês Antigo e Aceito. [...] Eu não notei mudança não. Eu já ajudava aos outros. Quando me convidaram, falaram que eu era um cara honesto, que gostava de ajudar aos outros, aí comecei a participar. Mas eu via isso: a índole das pessoas que estavam lá dentro. Isso me cativou muito. [...] Já conhecia, não que a maçonaria mudasse eles, mas é o que a gente chama de pedra dura e pedra polida, a maçonaria vai polindo aos poucos a personalidade das pessoas. E daí as coisas foram acontecendo, por exemplo, em Guarapari minha menina tinha uns 3 anos e ela teve uma crise forte de tosse, eu não conhecia quase ninguém, aí (sic) eu perguntei se tinha maçonaria na cidade. Me falaram que o rapaz da loteria era maçom, eu cheguei lá, me identifiquei e ele disse: o que você está precisando? Na hora! Me ajudou, pegou nebulizador purificador de ar e me disse que poderia ficar o tempo que eu precisasse, depois devolvia. Eu pensava: gente, como pode? Um cara que você nunca viu na vida. É bem diferente (Homem, branco, economiário, católico, casado, Mestre, 49 anos).

Cada um desses pontos de vista descrevem experiências que reforçam o sentimento de coesão que alimenta o espírito agregador da ordem maçônica. Cada uma das etapas da adesão possibilita aos iniciados um meio de reforçar os vínculos que a fraternização maçônica oferece aos seus adeptos, o que direta ou indiretamente reforça a ideia de pertencimento a uma sociedade restrita, que ao mesmo tempo, prega valores humanísticos e universais. Esta questão buscou esclarecer como a iniciação marcou a passagem de um estado a outro, como o membro passou a se sentir após sua adesão ao mundo maçônico.

Capítulo 4 - Aspectos do Individualismo e das Sociabilidades na Maçonaria

4. Maçonarias, Política e o movimento da Ilustração

A maçonaria é uma organização definida como uma instituição iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, cujos fins supremos são: liberdade, igualdade e fraternidade. Lema que essencialmente deriva da filosofia Iluminista.

O Iluminismo foi um movimento intelectual que surgiu durante o século XVIII na Europa, que defendia o uso da razão (luz) contra o antigo regime (trevas) e pregava maior liberdade econômica e política. Este movimento promoveu mudanças políticas, econômicas e sociais, baseadas nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. As idéias liberais do Iluminismo se disseminaram rapidamente pela população. O Iluminismo tinha o apoio da burguesia, pois os pensadores e os burgueses tinham interesses comuns. Alguns reis absolutistas, com medo de perder o governo, passaram a aceitar algumas dessas idéias. Estes reis eram denominados Déspotas Esclarecidos, pois tentavam conciliar o jeito de governar absolutista com as idéias de progresso iluministas.

Segundo Koselleck (1999), em sua obra *Crítica e crise*, duas formações sociais marcaram de maneira decisiva a época do Iluminismo: a república das letras e as Lojas maçônicas. Afirma ainda que a semelhança estrutural entre ambas indica que, a despeito das diferenças, trata-se de uma resposta específica – elaborada, construída – ao sistema absolutista. Nesse contexto, os homens estavam sendo excluídos da política, o que facilitou a criação de locais “apolíticos”, como nas bolsas de valores, nos cafés, nos salões, nas sociedades literárias – onde se dedicavam aos estudos da arte e das novas ciências, sem sucumbir à autoridade eclesiástico-estatal. A este respeito afirma Koselleck:

Mediante a institucionalização da sociedade numa academia privada, a crítica política que se cultivava nela desenvolveu uma força voltada para o exterior, que agia indiretamente, contornando as forças do Estado (Koselleck, 1999, p.62).

Nesse contexto, surgiam novos grupos heterogêneos – socialmente reconhecidos, mas sem influência política, como a nobreza; economicamente poderosos, como os

financistas; ou socialmente sem lugar determinado nesta nova configuração política, como o caso dos filósofos. Todos esses grupos funcionaram como ponto de pressão junto às instituições do Estado Absolutista, e as Lojas maçônicas servem como principal meio aglutinador desses movimentos. Tais mudanças transformaram a sociedade e o indivíduo, a partir daí remodelou o desenvolvimento do Estado Moderno e sua forma de gerir a esfera pública e a privada. Nesse contexto, a coisa pública não poderia ser confundida com os bens ou os interesses privados, como vinha sendo feito no período anterior. Desta forma, vemos surgir os primeiros passos do movimento maçônico em direção à emancipação dos indivíduos e à liberdade política e religiosa.

Sobre esse momento, Maurice Aymard (2009) em *História da vida privada*, em seu texto intitulado *Amizade e Convivialidade*, trabalha, entre outras coisas, as relações entre as esferas do ambiente público e privado. Segundo o autor, na Europa moderna, nenhuma instituição estável e “visível” baseada numa adesão individual foi capaz de constituir um melhor modelo de “sociedade”, baseado na total ou parcial coesão repousada na amizade, do que a franco-maçonaria. Para ele, a amizade deveria ser vista ao mesmo tempo como um sentimento banal e necessário, era também excepcional e singular. Pois, em sua segunda caracterização, diferentemente da forma tradicional, envolvia pessoas que se escolheram livremente e sem outra finalidade a não ser elas mesmas e isolando-as do resto dos homens (Aymard, 2009, p.445).

Diante do contexto onde a Igreja perdia forças para o poder do Estado, os laços entre famílias e os indivíduos esforçavam-se para estruturar um espaço social mais amplo. Nessas novas associações, o sentimento de amizade define um círculo mais amplo e complementar, com o qual se pode contar num sistema baseado no intercâmbio. E que este capital será administrado e transmitido como tal aos sucessores. Nesse sentido, a maçonaria cumpria esse papel como um espaço capaz de absorver as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade ocidental naquele momento.

Nesse sentido Aymard (2009) afirma que:

Seja qual for sua originalidade e sua relação com o Iluminismo, a franco-maçonaria insere-se num movimento mais duradouro, que assinala uma progressiva mutação da sociabilidade. O fato novo é a multiplicação, a manifestação visível e, pelo menos em alguns casos, a institucionalização de assembleias regulares de amigos, reunidos em torno de um interesse comum, científico ou intelectual, religioso ou laico, às vezes políticos, ou mais simplesmente pelo prazer de um “honesto comércio” ou da mera conversação (Aymard, 2009, p.464).

Para Aymard (2009), com o enfraquecimento das instituições tradicionais (Igreja, Família, Estado, etc.) presentes no antigo regime, essas agremiações serviam de base para um novo modelo de sociedade. Nesse contexto, as Lojas Maçônicas surgiam e se multiplicavam na Europa como uma nova forma de associação que visava estruturar a sociedade civil na base da livre adesão dos indivíduos e fora do controle do Estado. Seja como for, a linguagem dessas associações, assim como outras, que fazem referências à fraternidade, à confraria, à *Brotherhood*, perpetuou-se até na linguagem e nos programas dos sindicatos e dos partidos do século XX, como sonho de uma fraternidade universal que serviria de base para a reconstrução do mundo.

Contudo, é precipitado apontar a maçonaria como embrião de um partido político, pois suas características se diferenciavam bastante da máquina partidária típica do século XX e XXI. Entretanto, não se deve desprezar a maçonaria como uma forma de agrupamento e organização. Quando se falava já naquela época em "partidos", era mais do que tomar um partido ou formar facções descartáveis: havia modos de agrupamento em torno de um líder, através de palavras de ordem e da imprensa, em determinados espaços associativos e a partir de interesses ou motivações específicas, além de se delimitarem por lealdades ou afinidades (intelectuais, econômicas, culturais etc.) entre seus participantes. Tais agrupamentos eram identificados por rótulos, símbolos ou nomeações, pejorativos ou não. As maçonarias eram uma dentre as várias formas existentes de sociabilidade.

4.1 Maçonaria e Modernidade

Sabedor de que os conceitos de modernidade e pós-modernidade suscitam muitas opiniões e pontos de vista, é relevante o conceito de modernidade, tratado por Georg Simmel (2006) e basilar para a obra de Anthony Giddens (1991). Para Simmel (2006), a modernidade pode ser entendida através de seus dois principais símbolos, que representam o especificamente moderno e possuem características que só puderam emergir com o advento da modernidade. São eles o dinheiro e a metrópole. Tomarei como modernidade o conceito definido por Anthony Giddens (1991) na introdução de sua obra *As consequências da Modernidade*. Giddens afirma que modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.

Seguindo uma perspectiva simmeliana do conceito de modernidade, firmado na perspectiva de Giddens (1991), busquei verificar o modo de atuação dos maçons em seus desempenhos de papéis e seus conjuntos de símbolos. A construção desta pesquisa buscou ir ao encontro do pensamento de que nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas, é importante sabermos mais a respeito do ser humano e suas formas de associação.

Para Giddens (1991), as instituições sociais modernas são, sob alguns aspectos, únicas – diferentes em forma de todos os tipos de ordem tradicional. As transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Para tentar entender a natureza descontínua da modernidade, Giddens afirma que temos de dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais.

Imbuído desta tese, acredito que seja possível perceber algumas das continuidades e descontinuidades existentes no âmbito da instituição maçônica. Para enfrentar essa situação, acredito ser necessário contemplar uma série de leituras que discutem outras temáticas envolvendo modernidade. Contudo, privilegiarei as discussões que tratam de aspectos que ofereçam meios para que eu possa pensar a natureza das instituições existentes na modernidade, incluindo a maçonaria.

4.2 Maçonaria Contemporânea

Como já tive a oportunidade de citar, a maçonaria atua como uma rede associativista com forte carga individualista e universalista. Com uma constante ampliação do número de Lojas e adesões ao longo do tempo, posso inferir que o impacto dessa “rede” causou algum tipo de mudança no pensamento social brasileiro ao longo de seus 190 anos, levando em conta a fundação da primeira potência maçônica nacional, ou seja, o Grande Oriente do Brasil.

Estima-se que existam hoje em todo mundo aproximadamente três milhões e duzentos mil maçons, de diferentes ritos e obediências. Atualmente, não é possível precisar com exatidão quantos são os maçons em todo o mundo, nem tampouco no Brasil. Se somarmos a esse número de iniciados seus familiares, teremos um número ainda maior, pois a partir do momento da iniciação de um membro, todos passam a integrar o mundo maçônico, mesmo que indiretamente. A evolução do movimento

maçônico no Brasil e no mundo é outro tema que precisa ser mais bem estudado pelas Ciências Sociais e Humanas, meu objetivo aqui é demonstrar como é significativa a presença desta organização na sociedade contemporânea.

Apesar de não existirem estatísticas confiáveis sobre o número de maçons no Brasil e no mundo, podemos observar algum tipo de registro em *sites* estrangeiros que fornecem algumas informações sobre seu quadro de sócios em diversos países do mundo. Segundo um dos *sites* consultados⁵², o Brasil congrega 105.743 maçons, somente no Grande Oriente do Brasil (GOB), sem levar em conta as demais potências. Contudo, vale lembrar que não existe nenhuma forma de confrontação e verificação oficial sobre esses dados.

Segundo Ramalho (2008), ao longo do século XX, sobretudo a partir da década de 1980, a maçonaria brasileira tem ampliado sensivelmente seu número de Lojas e, conseqüentemente, seu número de adeptos. Atualmente a organização está presente em todos os Estados da Federação, em todas as capitais e nos principais municípios do país. Segundo o pesquisador, estima-se que somente na potência do GOB existam em torno de 100 mil maçons regulares e ativos, isso sem levar em conta o número de iniciantes e por algum motivo não estão nos “quadros de obreiros”⁵³, ou seja, estão afastados das Lojas. Porém, tenho de reforçar que não existem dados oficiais publicados pelas potências maçônicas, o que dificulta precisarmos o número correto de maçons no Brasil atualmente. Observem-se os dados do quadro:

Quadro 4: Número de membros do Grande Oriente do Brasil de 1993 a 2008

Ano	Número de Lojas	Maçons Efetivos
1993	1.476	51.829
1994	1.512	54.454
1995	1.594	55.552
1996	1.692	61.152
1997	1.777	59.794
1998	1.858	60.565
1999	1.937	61.466
2000	1.995	61.810
2001	2.021	53.079
2002	2.027	54.797
2003	2.090	54.857
2004	2.150	54.857
2005	2.245	58.466
2006	2.318	60.979

⁵² Ver em www.Bessel.org, *site* maçônico americano, que reúne alguns dados sobre maçonaria nos Estados Unidos e no mundo.

⁵³ Mesmo que quadro de membros.

2007	2.395	63.603
2008	2.464	66.651

Fonte: Boletins Especiais do GOB – Relatório Anual dos Respektivos Exercícios, GOB, Brasília.⁵⁴

Embora não exista um perfil socioeconômico e político-cultural dos membros, podemos especular quanto às regras que normatizam a admissão de novos membros. Desde as primeiras Lojas instaladas aqui no Brasil, a maçonaria conta com membros da classe média urbana como empresários, funcionários públicos, militares, profissionais autônomos, proprietários de terras etc. Tal configuração político-social acabou por constituir uma sociabilidade repleta de riscos, possibilidades, permanências e descontinuidades, embora os valores liberais presentes na modernidade sempre influenciasses as ações praticadas por esses indivíduos.

4.3 Aspectos do Individualismo na Maçonaria

Em discussões sobre o individualismo e universalismo (holismo), presentes em sua obra *Homo Hierarchicus* (1992), Louis Dumont afirma que a idéia de indivíduo constitui-se em um problema para a sociologia. No entanto, para ele, nas sociedades modernas, o ser humano é o homem “elementar”, indivisível, sob sua forma de ser biológico e ao mesmo tempo de sujeito pensante. Cada homem particular encarna, num certo sentido, a humanidade inteira. Assim sendo, o indivíduo do tipo moderno não se opõe à sociedade do tipo hierárquico como a parte ao todo, mas como seu igual, um e outro correspondendo à essência do homem.

Em diálogo com a teoria de Dumont (1992), analisarei como os maçons transitam entre os ideais maçônicos de igualdade, liberdade e fraternidade, em meio às concepções de homem particular, que tem suas “vontades” e sua relação com uma organização hierarquizada à qual está submetido. Objetivo com esse trabalho, de algum modo, contribuir para uma reflexão que discute os papéis do indivíduo e da sociedade, sobre os rituais e as sociabilidades nas quais eles praticam em ambiente urbano, a partir do ponto de vista dos maçons. Seguindo os estudos de Dumont (1992), Simmel (2006) e autores que trabalham com Antropologia Urbana (Gilberto Velho, 2008 e Frúgoli Jr., 2007) viso compreender os motivos que levam os indivíduos a tornarem-se maçons.

⁵⁴ Castellani & Carvalho, 2009, p.517.

Trata-se de entender a visão de mundo e dos valores associados à construção de um projeto de vida voltado para o prestígio e a ascensão social⁵⁵.

Esta pesquisa considera ainda a sociabilidade maçônica um exemplo deste tipo de instituição. Porém, vale lembrar que ela traz em seu interior elementos que remetem aos elementos e valores tradicionais. Para isso, penso ser necessário entender tanto seu passado quanto seu presente, para que assim, possamos refletir sobre os tipos de individualismo e a natureza das interações dos maçons na sociedade moderno-contemporânea. Daí a importância essencial de compreender seus modos de atuação na sociedade brasileira. Neste ponto, utilizo os trabalhos de Azevedo (1997), Barata (2006), Morel (2008), e Ramalho (2008), que se preocuparam em analisar a maçonaria e os maçons em momentos específicos de nossa história.

A dissertação tem por objetivo a investigação daquilo que leva um indivíduo a buscar os ensinamentos de uma organização que se define como uma *instituição educativa e filosófica cujo objetivo é o aperfeiçoamento moral, social e intelectual do homem, por meio do culto inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da livre e constante investigação da verdade* (Silva, 2009, p. 25). Por sua vez, este capítulo visa compreender como seus membros interagem entre si, bem como refletir como a maçonaria se torna uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço; num sentido abstrato, denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede, como salienta Frúgoli Jr (2007). Considero aqui a relação “completa” do tipo de pessoa cuja ação contribui para a formação e a manutenção deste mundo. Nesse momento, os indivíduos interagem uns com os outros em permanente processo de mudança. Diante disso, traço algumas considerações do pensamento de Simmel (2006) sobre a sociabilidade, considerando as Lojas Maçônicas e os encontros realizados.

Devido à atividade de pesquisa, pude notar que o mundo maçônico, como outros mundos, não pode ser entendido de forma homogênea, pois diferem os ritos, as práticas e as nomenclaturas. No entanto, algo permanece comum, sobretudo quando se considera o iniciado. O interior das maçonarias é formado por vidas que passam por transformações em função de suas participações diferenciadas na estrutura maçônica.

⁵⁵ Ver Velho (2008).

Nesse sentido, cabe relevo à obra de Louis Dumont (1985) sobre o individualismo e a ideologia moderna⁵⁶.

Consciente de que tal empreitada carece de um modelo teórico consistente, farei uso da perspectiva de Clifford Geertz (2001). Segundo Geertz, os elementos valorativos de uma dada cultura podem ser entendidos sob dois aspectos básicos: *ethos* e *visão de mundo*. No *ethos* estão presentes os aspectos morais (e estéticos), direcionados para a formação dos valores morais. Já na *visão de mundo* prevalecem os aspectos cognitivos e existenciais, mais voltados para dar sentido às coisas que formam a ordem da sociedade.

Analisando um conjunto de sociedades e seus símbolos sagrados, tentando compreender as relações entre religião e valores, Geertz (2001) afirma que a fusão entre *visão de mundo* e *ethos* deve ser percebida de forma circular. O estudo desses valores (estéticos e cognitivos) em diferentes povos e culturas é a expressão autêntica a partir de onde o indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta (Geertz, 2001, p.144). Desta forma, busco discutir o *ethos* e a *visão de mundo* dos membros desta referida sociabilidade iniciática.

Segundo o pensamento de Velho (2008) cabe destacar que a existência da multiplicidade de instituições da sociedade complexa contemporânea coloca o problema da comunicação entre os grupos e segmentos delas portadoras como algo delicado, em que convivem entre os grupos, a unidade e as descontinuidades. Tomando-se como referência qualquer sociedade, poder-se-ia dizer que ela vive permanentemente a contradição entre as particularizações de experiências restritas a certos segmentos, categorias, grupos e até indivíduos e a universalização de outras experiências que se expressam culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores – paradigmas, temas, etc. Diante deste quadro, surge um problema: os indivíduos participam diferencialmente de códigos mais restritos ou mais universalizantes. Portanto, toda sociedade desenvolve mecanismos para definir um lugar para o indivíduo, que tem de assumir papéis, responsabilidades e deveres de acordo com seu sexo, idade e posição na hierarquia (Velho, 2008, p.52).

Em vista desta realidade, a interação humana repousa normalmente na condição de que o modo de pensamento entre as pessoas associadas a determinado grupo tenham certas características comuns; em outras palavras, os conteúdos objetivos constituam o

⁵⁶ Louis Dumont (1992) define ideologia como sendo um sistema de idéias e valores que tem curso num dado meio social. Chama ideologia moderna ao sistema de idéias e valores característicos das sociedades modernas.

material capaz de desenvolver as individualidades no decorrer dos contatos sociais. É nessa perspectiva mais ampla que se justifica a minha interpretação da maçonaria a partir dos fundamentos que modelam a imagem que seus membros passam a contemplar e alterar-se no mundo.

Diante deste quadro, surge um problema: os indivíduos participam diferencialmente de códigos mais restritos ou mais universalizantes. Portanto, toda sociedade desenvolve mecanismos para definir um lugar para o indivíduo, que tem de assumir papéis, responsabilidades e deveres de acordo com seu sexo, idade e posição na hierarquia (*Op.cit*). Em vista desta realidade, a interação humana repousa normalmente na condição de que o modo de pensamento entre as pessoas associadas a determinado grupo tenha certas características comuns; em outras palavras, os conteúdos objetivos constituam o material capaz de desenvolver as individualidades no decorrer dos contatos sociais. É nessa perspectiva mais ampla que se justifica a minha interpretação da maçonaria a partir dos fundamentos que modelam a imagem que seus membros passam a contemplar e alterar no mundo.

Em seus estudos sobre o individualismo e a sociedade de castas, Dumont (1985) afirma que a hierarquia é uma necessidade universal e que ela se manifestará de algum modo, sob formas ocultas, vergonhosas, patológicas com relação aos ideais opostos em vigor (Dumont, 1985, p. 299). Tal observação permite notar que a hierarquia do ambiente maçônico torna-se um lugar interessante para se perceber as relações entre tradição e modernidade, indivíduo e sociedade, individualismo e universalismo.

Neste momento, interessa-me analisar quais são os critérios para admissão de novos membros. Nas Constituições do Grande Oriente do Brasil (2009), consta o seguinte:

Art. 27 – A admissão de candidato na Ordem maçônica, disciplinada no Regulamento Geral da Federação, será decidida por deliberação de uma Loja regular, mediante votação.

§ 1º - Para ser admitido, o candidato deverá satisfazer os seguintes requisitos:

I – ser do sexo masculino e maior de dezoito anos, ser hígido e ter aptidão para a prática dos atos de ritualística maçônica;

II – possuir instrução que lhe possibilite compreender e aplicar os princípios da Instituição;

III – ser de bons costumes, reputação ilibada, estar em pleno gozo dos direitos civis e não professar ideologia contrária aos princípios da Ordem;

IV – ter condição econômico-financeira que lhe assegure subsistência própria e de sua família, sem prejuízo dos encargos maçônicos.

Art. 28 – Não poderá ser admitido na Ordem maçônica nenhum candidato que não se comprometa formalmente e por escrito, a observar os princípios da Ordem.⁵⁷

No que se refere à natureza mesma das regras para admissão, ficam evidentes algumas questões que perpassam o gênero e a participação de deficientes físicos. Segundo Ramalho (2008), a participação feminina na maçonaria sempre foi objeto de grandes preocupações e polêmicas na instituição. A proibição de participação iniciática de mulheres criou algumas dissidências que acabaram fundando Lojas femininas e as Lojas mistas (consideradas irregulares pela Grande Loja Unida da Inglaterra). Contudo, não é meu objetivo tratar deste tema.

Oficialmente, e para a maçonaria regular mundial (tendo a Grande Loja Unida da Inglaterra como principal potência), a participação de mulheres como filiadas da instituição é proibida. Prática esta defendida pelos maçons regulares como mero cumprimento das leis regimentares presentes nas *Constituições de Anderson*, e sem nenhuma conotação pejorativa ou discriminatória em relação ao sexo feminino. Para os maçons regulares, as mulheres, especialmente as esposas e filhas de maçons, são aceitas apenas nas cerimônias abertas ou brancas, em que toda a família do iniciado participa das atividades maçônicas.

Quanto à questão da capacidade de realização da ritualística torna-se necessário observar que a prática maçônica não pode ser exercida por pessoas portadoras de determinada deficiência que inviabilize a realização de certo cerimonial interno. Esse é outro ponto que suscita controvérsias e polêmicas no meio maçônico. Por se tratar de uma organização que difunde a igualdade como valor, talvez as pessoas portadoras de deficiências não devessem ser excluídas dos quadros de membros. Contudo, não cabe aqui fazer comentários favoráveis ou desfavoráveis em torno desse aspecto. Como se trata de uma das questões marcantes tanto na vida interna da maçonaria quanto na sua imagem pública, faço aqui um esforço de apontar o lugar que as minorias ocupam nesta instituição.

No entanto, apesar da proibição da iniciação das mulheres no âmbito pesquisado (Itaperuna), pude perceber a presença significativa das mulheres nas Lojas e locais em que a sociabilidade maçônica esteve reunida. Em minhas incursões no campo, pude notar que as mulheres sempre estavam presentes nos jantares, festividades, churrascos,

⁵⁷ Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2009, p.25.

bingos, e demais eventos realizados pelas Lojas maçônicas que observei. O que pode ser explicado pelas seguintes considerações de Ramalho (2008) citando Colussi :

A maçonaria passou a constituir, processualmente, um novo lugar para as mulheres na instituição, estimulando, entre outros procedimentos, a participação feminina na filantropia desenvolvida pela Ordem. As primeiras iniciativas envolviam as esposas e filhas de maçons e, posteriormente, todas as mulheres interessadas. Portanto, de figuras totalmente excluídas do espaço maçônico, as mulheres passaram a ter uma grande importância em parte das atividades exotéricas da instituição, inclusive ocupando espaços nos templos maçônicos e alcançando o reconhecimento como beneméritas.⁵⁸

Assim como não existem estatísticas seguras acerca dos maçons, tampouco pouco existe o mesmo em se tratando da participação das mulheres direta ou indiretamente da maçonaria. Mas pude observar de forma muito evidente a participação das mulheres nas atividades no campo investigado.

Nesse sentido, podemos notar que os maçons também são indivíduos que, em parte significativa de seu cotidiano, desempenham papéis em instituições onde a responsabilidade é enfatizada em noções de dever e cumprimento de obrigações. Contudo, em alguns momentos, marcados dramaticamente ao nível do ritual e do simbólico, os maçons de certa forma deixam de ser eles mesmos, para serem indivíduos que buscam se aprimorar enquanto ser humano universal, seguindo uma ideologia que enfatiza o indivíduo enquanto valor e sujeito moral. Em sua linguagem, as maçonarias almejam trabalhar a pedra bruta (indivíduo) e torná-la polida (maçom), através de rituais, como visto no capítulo 3, trabalhos filantrópicos e sociais.

Para isso, acredito ser necessário conhecer minimamente as formações e trajetórias de vida dos iniciados, o que foi relatado direta ou indiretamente nos depoimentos registrados aqui. A partir da análise desses papéis, busco refletir sobre seus projetos individuais na sociedade brasileira atual, tendo como recorte a sociabilidade maçônica da cidade de Itaperuna.

A seguir apresentarei alguns relatos provenientes das entrevistas em profundidade. Perguntas elaboradas a partir de um questionário básico, que pretendia absorver dos discursos as questões por eles suscitadas, bem como analisar as experiências e visões de mundo que se expressam através desta forma de construção identitária, do que é ser maçom ou pertencer à família maçônica. A pergunta central desta pesquisa orbitou em torno da seguinte pergunta: Por que se tornou maçom?

⁵⁸ Segundo Colussi, citado por RAMALHO, 2008, p. 89.

Buscava alguma coisa? Lembrando que minha principal intenção neste trabalho é refletir sobre o pertencimento maçônico e suas especificidades. A partir desses relatos, pude perceber que a maioria dos entrevistados demonstraram ter se interessado a partir de um contato mais próximo com um membro da maçonaria, seja no círculo familiar ou de amizade. Contudo, no fator da busca pessoal, acredito terem sido muito específicos em suas motivações. Veja a seguir alguns depoimentos que demonstram essa idéia:

A minha curiosidade e os meus amigos, que já eram maçons. Eu sempre ouvi falar da maçonaria, meu pai sempre falava e depois eu passei a estudar pela internet, ler alguma coisa (sobre maçonaria), entendeu? E tem uns amigos que na época não eram maçons, perguntavam algumas coisas e eu falava eu não posso te responder, mas é uma coisa muito bonita (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

No relato acima, percebi que a principal motivação dele na maçonaria deve-se ao fato de que o indivíduo sentiu-se atraído pelos mesmos motivos que muitos escolhem fazer parte de uma sociedade iniciática, ou seja, a curiosidade. Além da possibilidade de integrar um círculo “misterioso” de pessoas que exercem um determinado poder sobre outras. Por tratar-se de um relato conciso, não posso extrair maiores detalhes sobre esse discurso. Cabe, no entanto, destacar que não estou criticando e nem mesmo defendendo a postura do entrevistado. Destaco essa fala com o propósito de demarcar seu discurso e suas implicações aos seus motivos pessoais do pertencimento a esta organização.

Conhecimento. Meu avô sempre falou que maçonaria é conhecimento. Maçonaria estuda tudo, todos os dias (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Faz parte da história da minha família. Eu quis ser maçom, porque a minha família é assim. É... pela tradição, pelo que o meu irmão fala dos meus antepassados, pelo que eu leio deles. Eles aconteceram dentro da maçonaria (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

[...] na realidade eu não busquei a instituição, fui convidado na época, através do H..., do W..., me fizeram o convite, eu muito novo, na época com 24 anos mais ou menos, antes de formar, se não me engano antes de formar. 24, 25 anos. Fizeram o convite e eu aceitei. Já via com bons olhos, entendeu? Aceitei o convite e fui participar da ordem maçônica (Homem, branco, advogado, solteiro, Mestre, 34 anos).

[...] eu tinha uma influência muito forte dentro da minha própria família. Meu tio foi venerável uma vez, inúmeras vezes. Lógico, em um espaço de tempo de uns 30 anos, não era um atrás do outro assim. A gente é até contra esse tipo de continuísmo em maçonaria, e na verdade o que me motivou pra ser

bem sincero foi a filosofia do De Molay, porque a da maçonaria você desconhece. A gente tem que ter cuidado pra falar isso, porque senão você acaba falando algo incoerente. “não, eu escolhi a maçonaria porque eu conheci a filosofia da maçonaria”. Então, você tem que estar dentro. Quem falar que conhece aqui fora ou alguém contou, (o que a gente chama de goteira), são maçons completamente perturbados... mas o que me levou a ingressar na maçonaria foi por influência familiar e meu conhecimento com o De Molay. Praticamente são por esses dois motivos (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

As falas acima servem para demonstrar o quanto o fator família exerce poder dentro do círculo maçônico. As respostas a esta pergunta evidenciaram, ao longo das entrevistas, que este é o principal fator que levou os entrevistados a aderirem as práticas do mundo maçônico. Fato este que pode ser explicado devido a frequente participação dos familiares dos maçons nos eventos promovidos pelas Lojas Maçônicas, que tem por objetivo difundir os ideias da igualdade e da fraternidade dentro do âmbito da convivência dos maçons e seus entes mais próximos.

Tendo em vista os valores acima mencionados e, ao considerar a reflexão sobre os valores do individualismo proposto por Dumont (1992), bem como, as duas formas de individualismo propostas por Simmel (2006), no tocante ao foco da pesquisa (os maçons), analisarei os maçons e estabelecerei um diálogo com a matriz teórica proposta por Georg Simmel (2006).

Simmel foi um dos primeiros a inserir um debate mais profundo sobre o indivíduo nas Ciências Sociais e Humanas. Na perspectiva simmeliana procura-se analisar a sociedade (s) em sua forma e conteúdo. Segundo ele, por mais que sejam variados os interesses dos quais resultam a sociação, as formas nas quais eles se realizam podem ser as mesmas. Por outro lado, o interesse por um mesmo conteúdo pode se apresentar em sociação formadas de maneiras distintas.

Para Simmel, como consta em seu texto *Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas*⁵⁹, todas as relações repousam sobre a pré-condição de que as pessoas saibam alguma coisa sobre as outras. E que dentro de cada extrato social, o indivíduo sabe aproximadamente que medida de cultura esperar do outro indivíduo. Perceba no relato abaixo sinais que reforçam essa afirmação:

Eu via muita gente, muitos amigos meus que... um fato que me tocou muito foi um colega de muitos anos, não sei se você conhece, o Chico, ele sempre foi complicado. [...] O pai dele fez promessa de que se ele voltasse a ser uma

⁵⁹ Texto integral In: MALDONADO, Simone Carneiro. Georg Simmel: sentidos, segredos. Curitiba: Appris, 2011.

peessoa correta que ele iria... teve barba muito tempo. O pai dele teve que vender terra pra pagar a dívida dele, prejudicou o irmão e era uma pessoa que não esquentava com nada. Quando eu cheguei ele tava lá (sic) dentro aí eu perguntei: o Chico tá lá (sic) dentro? Aí eu pensei: se o cara (sic) que é complicado pra caramba de repente, está participando (e ele participou bastante tempo) e eu vi outras coisas da fraternidade, eu conheci um que já tinha bastante tempo na maçonaria, eu cheguei em Natividade e ele me ofereceu a casa dele pra alugar, a mulher dele, vizinha cuidou dela desde que ela nasceu, e ela era espírita e ele maçom. Então eu via aquilo tudo, a atenção, o desprendimento que o maçom tem com o próximo é muito grande, isso foi me cativando, me deixou assim, tenho que ver realmente o que é isso. Aí eu entrei, comecei a frequentar a Loja, os lugares, levar mais a sério, porque eu vi uma vez em Itaperuna, a pessoa iniciou, teve festa e tudo e a pessoa me procurava, aí (sic) eu me desdobrava pra ajudar porque era irmão, se eu precisasse também tenho certeza que me ajudaria também (Homem, branco, economiário, católico, casado, Mestre, 49 anos).

No tocante ao projeto, esta relação não estará restrita ao maçom, especificamente ao iniciando enquanto indivíduo, mas a sua família como um todo. Em minhas observações, pude perceber que a partir do momento que um indivíduo adere aos ensinamentos maçônicos, seus familiares passam a desenvolver uma relação mais estreita com o funcionamento das Lojas Maçônicas e suas atividades ritualísticas não centrais (jantares, reuniões sociais, eventos filantrópicos e assistenciais), que compõem às práticas do mundo maçônico. Como podemos observar em depoimentos como o que segue:

Na verdade o meu avô era mestre maçônico instalado, meu avô era grau 33. Então no dia do enterro do meu avô, da morte do meu avô, ele foi velado em uma Loja maçônica em Vitória, e eu, muito triste, lógico, chorando muito, conversei com o... acho que era o venerável da Loja, acho. Também não vou te falar por que tem... isso foi em 1987, né? Tem bastante tempo, e eu nem estava prestando atenção na Loja, eu estava prestando atenção no meu avô, e foi um ritual muito bonito, no cemitério que eles fizeram, hoje é um templo. Eu vi o ritual, hoje eu já sei o como é que é, o que que é, o que que foi feito, o que pertence à Ordem. E disse pra mim mesmo que um dia eu seria maçom. Ele queria que um de seus netos fossem maçons (sic), na época tínhamos eu, meu irmão e meu primo André, que mora na Bahia, e passado esse tempo todo, o Hipólito me fez o convite, pra entrar na Loja N. E. Só que eu tava recém separado, ainda tava bebendo, ainda tava fazendo muita bagunça e falei: fulano, ainda não é a hora, mas na hora eu te aviso (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Nestas ocasiões que antecedem e precedem à performance ritualística dos iniciados, seus familiares estão no entorno cuidando dos “bastidores” destes eventos, promovendo um estado de liminaridade/transição entre o indivíduo (iniciado) e sua adesão ao mundo maçônico (comunidade). Assim, pude observar que o movimento desencadeado entre domínios e modos de ser nestes episódios é explicitado, podendo

integrar o escopo desta pesquisa. Para tanto, escolhi a literatura sobre ritual e simbolismo, pois adquire lugar no interior deste projeto, como já apresentei no capítulo anterior.

As narrativas dos maçons e seus familiares sobre suas experiências fazem parte de um corpo de valores, idéias e rituais que formam um mundo particular e restrito, construído por uma determinada visão de mundo e também por um *ethos* específico – que se expressam através de uma construção de uma imagem conferida por essa prática.

Quando iniciava minhas primeiras provocações, sempre começava com a seguinte pergunta: como foi seu primeiro contato com a maçonaria? Observe o conteúdo das respostas:

Maçonaria para mim... Eu sempre ouvia maçonaria e confundia com marcenaria. Maçonaria para mim era um negócio que eu não fazia idéia do que era. Depois, mais velho, eu fui saber que maçonaria era um (pausa), grosseiramente, um clube. Como um *Lions* ou um *Rotary*, só que mais fechado. Mas, que seleciona um pouco mais, eu não sei te explicar muito bem não. Até por causa de minhas qualidades de iniciante. Mas que eu fui descobrir que maçonaria era uma, uma irmandade, e que nessa irmandade se respeita as palavras.

Quando eu tinha 14 anos de idade, tava em Além Paraíba [...] Eu estava lá em Além Paraíba, e saí com tio Márcio para poder comprar carne para churrasco, dar uma volta na cidade, comprar uma carne para fazer churrasco e tomar uma cerveja. Aí passamos por uma ruazinha mais estreita, um ônibus freou bruscamente, tio Márcio que estava atrás do ônibus freou também. Atrás do tio Márcio tinha um Chevette, que bateu. Tio Márcio ainda falou assim: “esse cara tá rufando o pé aqui” (sic) vai acabar batendo na minha traseira. - O que ele quer? Tio Márcio era muito conhecido por que ele era um cara muito “esquentado” (sic), muito grande, muito “esquentado” (sic) e todo mundo tinha medo dele. Ele desceu do carro já pronto para brigar. - você queria que eu passasse por cima do ônibus? – Não, seu Márcio o senhor me desculpe! - vamos na minha oficina, que eu resolvo o problema. Quando chegamos à oficina, a oficina não era dele. Ele era funcionário da oficina. O dono então da oficina, falou com o tio Márcio: - Seu Márcio, se ele não consertar eu conserto. Tio Márcio entrou no carro feliz da vida e foi embora. Aí eu perguntei: - Tio Márcio, não entendi muito bem não, o cara fala que conserta e se ele não consertar? Ele falou: - não, o cara é meu irmão, e a palavra do irmão vale tanto quanto um contrato. Foi o primeiro contato que eu tive com a maçonaria. Foi quando, eu vi a demonstração da boa-fé de ambos. O dono da oficina mecânica era maçom e eu não sabia, tio Márcio também era maçom e eu não sabia, entendeu. E ele, falou para tio Márcio: - se ele não consertar eu conserto. Tio Márcio agradeceu ele, saímos de lá e fomos embora fazer nosso churrasco. Não estragou o churrasco, pois, o irmão garantiu para o outro que consertaria, que de fato consertou. Não sei se o rapaz que bateu consertou, ou o irmão consertou. O fato é que o carro foi consertado, e que tio Márcio não pagou por isso. Me lembro dessa cena nitidamente.

[...] É, até ali eu não sabia muito bem o que era a maçonaria. Daquele dia para frente eu comecei a me interessar um pouco mais, a ponto inclusive de eu me tornar um maçom. Mais, é... Naquele dia eu achei muito interessante, a lida sem reserva, entendeu, a lida desarmada. A lida desarmada no sentido de as pessoas não estarem armadas umas com as outras, como normalmente a gente lida no meio humano (Homem, branco, advogado, católico, solteiro,

Aprendiz, 29 anos).

Olha, a maçonaria já faz parte da minha família há muitos anos. O meu avô foi maçom, um dos fundadores da primeira Loja maçônica aqui de Itaperuna, que é a Fraternidade Fluminense; lá ele foi venerado; o meu pai foi maçom também, era maçom da Moreira Guimarães em Bom Jesus. É... tinha tios, irmãos do meu avô... isso em 1934, já eram maçons, entendeu? Eu já tenho esse histórico na minha família de ser convidado pra maçonaria e a gente, por na família existirem maçons você via a entidade com bons olhos. Era uma coisa que era natural pra gente (Homem, branco, advogado, solteiro, Mestre, 34 anos).

Eu tenho um amigo lá de Natividade, o Manoel Ladeira, o pai foi, o irmão foi, ele é, ele era muito mais amigo do Batista, meu irmão, e aí eu fui pra Natividade em 1999, fui trabalhar lá, e eu comecei a ficar muito ligado com ele, negócio de bola, jogar bola aqui, ali, eu sabia que ele frequentava, mas eu tinha uma rejeição muito grande da família, tradicionalista (católica). Muito grande mesmo [...], porque não queriam de jeito nenhum, moveram mundos e fundos para que eu sáísse (Homem, branco, economiário, católico, casado, Mestre, 49 anos).

Nos relatos dos entrevistados, pude perceber o sentimento de seguir o exemplo de pessoas que, de alguma forma, exerceram ou exercem algum grau de influência nos indivíduos iniciados, o que pode ser entendido como fundamental na estruturação do *ethos* e da visão de mundo desses indivíduos. Em contraste com um comportamento de seus “exemplos”, os iniciados visavam participar de um grupo capaz de fazer mudanças práticas em suas próprias vidas, enfim, compartilhar dos valores que podem reformular suas escalas de valores oferecendo-lhes novas formas para buscar o autoaprimoramento moral e social, assim como seus modelos.

Segundo Van Gennep (2011), a vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idéia a outra e de uma ocupação a outra. Para ele, é o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. A cada um desses conjuntos acham-se relacionadas cerimônias cujo objeto é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada. Sendo o mesmo objetivo, é de todo necessário que os meios para atingi-lo sejam pelo menos análogos, quando não se mostram idênticos nos detalhes. Aliás, o indivíduo modificou-se porque tem atrás de si várias etapas, e atravessou diversas fronteiras (Van Gennep, 2011, p.24).

Baseado nas considerações de Van Gennep (2011) sobre os ritos de passagem, bem como em outros autores, busco problematizar as sequências que acompanham os maçons na passagem de uma situação a outra (profano e iniciado), e de um mundo social (não maçom e maçom) a outro. Assim, busco também discutir as modificações ou não, pelas quais esses indivíduos vêm passando ao longo de sua trajetória dentro do mundo pesquisado.

Neste caso, entendo que a iniciação maçônica estabelece uma forma de apreensão recíproca por parte do indivíduo e de seus “irmãos”. Nesta fase, o neófito recebe as primeiras instruções acerca do simbolismo do mundo maçônico, e neste momento, os dois mundos (profano e sagrado/ indivíduo e neófito) convergem de maneira recíproca, onde acontecem as trocas que possibilitam uma relação social baseada na moralidade e no segredo.

A partir do momento da iniciação, o indivíduo constrói suas relações e desenvolve a base para o conhecimento recíproco. Isso deve fazer com que esse indivíduo busque alterar sua posição dentro da hierarquia maçônica. Através desse processo os indivíduos são convidados a pensar seus valores e visões de mundo.

Neste ponto acredito que tornar-se maçom seja um projeto de vida para muitos indivíduos que buscam modificar suas trajetórias com objetivos específicos. Contudo, a viabilidade desse projeto ou metamorfose, seguindo a visão de Velho (2003), a viabilidade de suas realizações enquanto maçom vai depender de um intrincado e burocrático campo de possibilidades que regem o mundo maçônico. A relação entre indivíduo/iniciado e Instituição/ sociedade iniciática é feita de forma gradual e meritocrática. Portanto, depende da conduta e esforço pessoal do indivíduo e o reconhecimento desses valores por parte da organização. Assim é formada a delicada e coesa rede do mundo maçônico, elaborada a partir de laços e lealdades, conhecimento e aprendizado, moralidade e reconhecimento.

As maçonarias atuais, como todas as instituições modernas, sofrem com um mundo, onde a heterogeneidade e a fragmentação convivem com os valores tradicionais e universais. Assim, acredito que, da mesma forma que os projetos individuais, as pessoas mudam constantemente, o que me leva a concluir que os indivíduos mudam suas vidas a partir de suas escolhas e projetos, e que essa transformação altera a realidade social na qual eles interagem.

Segundo Dumont (1985), a ideologia⁶⁰ da sociedade moderna é individualista. Nesse sentido, o indivíduo ocupa um lugar de destaque neste contexto. Na modernidade, segundo o autor, a nação é precisamente o tipo de sociedade global correspondente ao reino do individualismo como valor e está fundamentada nesta lógica. Assim, a consciência moderna liga valor ao indivíduo. Quanto a este fator, Dumont argumenta:

“Valor” designa algo diferente do ser, algo que, distinto da verdade científica, que é universal, varia muito com o meio social e até no seio de uma sociedade dada não só com as classes sociais mas também com os diferentes setores da atividade e experiência (Dumont, 1985, p.241).

Com base na teoria de Dumont (1985), pode-se afirmar que na sociedade moderna, os homens são seres sociais que dependem, em alto grau, uns dos outros e que para construir suas realidades necessitam de mecanismos que facilitem e normatizem suas interações. Portanto, quanto maior for a interação que o indivíduo exercer, maior poderá ser a possibilidade de “ganho” em seu meio social, tudo isso tendo o “valor” individual como regra. Nesse processo, convivem valores universais e valores pessoais, em que o indivíduo orienta seus projetos e visões de mundo.

Diante desse quadro, provavelmente, misturam-se valores individuais e valores de grupo. Assim sendo, a iniciação no mundo maçônico pode ser vista como um meio de garantir uma nova possibilidade de adquirir esses valores sociais e pessoais. Porém, não quero com isso afirmar que todos os indivíduos fazem isso de forma calculada e consciente. De um modo geral, a partir da iniciação, o indivíduo passa a combinar valores pessoais com outras concepções, o que não o impede de formular um sistema de valores que modifica suas experiências anteriores.

Seja como for, a modernidade deve ser vista como uma época em que a concepção de indivíduo permite uma grande possibilidade de escolhas. Isso fornece meios para que alguns indivíduos escolham determinados valores - que na maioria das vezes não são impostos pela sociedade – que concedem determinadas garantias ao seu próprio uso, todos baseados em determinados mecanismos de confiança.

Segundo Giddens (1991), o termo confiança pode ser definido como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, nos quais essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (Giddens, 1991, p.41). Porém, faz uma ressalva

⁶⁰ Vista pela autor como visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas.

dizendo que a confiança só pode existir em um ambiente onde exista paralelamente o risco, e nesses riscos quais podem ser obtidos níveis variáveis de segurança.

Na concepção de Giddens, quando trata de confiança, o indivíduo, antes de pôr em prática seus projetos, considera conscientemente as alternativas para atingir um determinado objetivo. Deste modo, os mecanismos de confiança funcionam como reencaixe e possibilitam que os indivíduos fixem confiança na confiabilidade e integridade de colegas. Em específico à pesquisa, notei que a maçonaria pode ser vista como uma instituição que “reencaixa” os indivíduos na sociedade e vincula a confiança como uma de suas leis fundamentais. A partir de seus encontros e eventos rituais a Ordem Maçônica mantém a confiabilidade entre os “irmãos” maçons e garantem alguns benefícios aos seus membros e familiares. Todo esse sistema resulta em atividades que preconizam o respeito e a igualdade, que são praticados em conexão com o ritual.

Em linhas gerais, Giddens (1991) analisa e desenvolve uma teoria institucional sobre a modernidade e suas discontinuidades. Para ele, o dinamismo da modernidade deriva da separação do tempo e espaço, do desencaixe dos sistemas sociais e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos. Nas perspectivas apresentadas por Giddens, o conceito de “desencaixe” é relevante para compreendermos sua teoria da modernidade. Segundo o autor, o “desencaixe” é um deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço. Para exemplificar seu conceito, o autor distinguiu dois tipos de mecanismos de “desencaixe” intrinsecamente envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas, sendo eles as fichas simbólicas e sistemas peritos.

Ao utilizar o mecanismo de fichas simbólicas, Giddens define os meios de intercâmbio, que podem ser circulados sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular, como, por exemplo, o dinheiro. Ele também define como sistema de excelência técnica ou competência profissional as grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje, utilizando sistemas peritos. Como exemplos, há os advogados, arquitetos, médicos etc., ou seja, algo que não posso, em geral, conferir exaustivamente por mim mesmo. Os sistemas peritos desencaixam da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através de tempo-espaço distanciado.

Para Giddens (1991), as instituições modernas estão profundamente ligadas ao mecanismo de confiança em sistemas abstratos, em que as relações, sejam elas pessoais

ou impessoais, são pontos de acesso entre indivíduos ou coletividades leigos e os representantes de sistemas abstratos. O “reencaixe” em tais contextos vincula a confiança em sistemas abstratos à natureza reflexivamente móvel destes, bem como proporciona encontros e rituais que mantêm a confiabilidade entre colegas. Neste ponto, percebo a maçonaria como sendo uma organização que exemplifica a teoria proposta pelo autor. Esse ponto toca no aspecto da fraternidade existente nos valores e ideais maçônicos e que dão solidez à rede formada por eles.

Isto posto, passo agora a examinar a questão que procurei verificar como os iniciados ao passarem pelo processo de iniciação percebem-se como maçons. A maioria falou da importância de resgatar valores essenciais para suas vidas, como família e amizade. Alguns mencionaram que, após a sua iniciação na maçonaria, suas vidas mudaram para melhor. Por exemplo, o advogado que afirmou ter alterado seus hábitos e passou a “policiar seus vícios”.

Nos relatos que serão apresentados abaixo foi recorrente a idéia da experiência de transformação, mesmo que isso não tenha sido expresso com todas as letras. Ao longo das entrevistas, pude notar que os informantes viam essa experiência como algo muito significativo para suas transformações pessoais. Para a maioria deles, seu ingresso nessa sociabilidade foi uma forma de contato com uma fraternidade capaz de aperfeiçoar sua conduta social e moral, o que de certa maneira, funciona como um mecanismo de “reencaixe” desses indivíduos em sua comunidade. A adesão ao mundo maçônico possibilita aos indivíduos ampliarem suas redes de contato e integrar um sistema capaz de assegurar auxílio (financeiro e de confiabilidade) para si e seus familiares. Vejamos os relatos:

[...] no momento que eu entrei na maçonaria eu comecei a ter um outro modo de vida. Isso daí foi me policiando a buscar uma vida melhor, por uma, como é que fala? Para uma negação de vícios. Não estou falando de vícios químicos, cigarros e bebidas não, vários tipos de vícios, vícios sociais inclusive. Então, muita coisa mudou. Eu citei meu tio porque o sonho que eu tinha era de participar de uma reunião com ele, eu não tive a oportunidade disso. Talvez, não sei se a minha mudança interior, as mudanças de compreensão, as mudanças de prioridade, essas mudanças, eu tenho para mim que elas aconteceram em função do meio que eu passei a (sic) conviver. O fato é que depois que eu iniciei, passei a frequentar a maçonaria é que eu comecei a dar outro sentido para a família (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29anos).

Me (sic) sinto bem, existe uma coerência entre todos nós, a gente se cumprimenta, de vez em quando encontra o outro, conversa, me sinto bem

(Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Normal. Não sou melhor nem pior que ninguém sendo maçom. Apenas acho que eu poderia fazer mais. Apenas acho que eu, pelo conhecimento que eu tenho de maçonaria, eu devia estar fazendo mais, porque você vê pessoas a seu lado fazendo mais que você. Não é condição financeira, não. Pessoas que têm menos tempo, menos condição, menos conhecimento, que fazem 50 vezes mais que você. Então você quer fazer também. [...] a partir do momento que você está ajudando... não importa quem. O importante é ajudar. Eu não posso ir lá doar um sangue, mas eu posso arrumar pessoas lá no Rio que vão. Meu primo, que era vivo, era capitão da Aeronáutica, eu mandava pra ele: arruma aí pra mim! (sic) E mandava lá. Ninguém sabia o meu nome, ninguém sabe. A pessoa chegava lá no banco de sangue e falava: eu quero doar sangue, sou fulano de tal (sic). Então... nada de fala que foi “fulano”. Não, nada. Chegou lá, doou e acabou. Não tem que... fazer muita propaganda. Não. Você não faz propaganda do que faz (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

A gente ainda, por questões, dos problemas dos antigos, aonde (sic) a maçonaria é vista como coisa do demônio, pela simbologia do bode com o chifre, etc. essas coisas... a gente ainda tem uma resistência muito grande aí fora. Não é pra qualquer pessoa que você pode se abrir como maçom, não é em qualquer ambiente pra você se declarar que você é maçom... já melhorou muito? Já melhorou muito! Hoje você tem maçom de todas as igrejas desde que se creia em um Deus: você está apto a entrar, independente da religião, menos o ateu. Mas eu já vi maçons em trajes da maçonaria depois sair e entrar em atrito com esse tipo de filosofia. É uma das coisas que quando a gente vai fazer sindicância, é justamente perceber se o candidato está aberto, tem a cabeça aberta pra esse tipo de coisa, porque você misturar religião com maçonaria, você tem condições plenas de exercer as duas muito bem, obrigado. Então, o ruim é quando a esposa, os parentes, os filhos não entendem isso e começam a interpretar a maçonaria de uma maneira deturpada, aí realmente a gente tem até uma maneira que a gente fala: então é melhor nem entrar (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Muito feliz, a Maçonaria para mim é uma vida. Eu aprendi um pouco com a família, mas sem a Maçonaria, eu seria uma pessoa afastada, triste. Eu vivo dela (Homem, branco, aposentado, católico, viúvo, Mestre, 93 anos).

Amor a Deus, amor a si próprio, quem não consegue amar a si próprio não consegue amar a Deus, porque Deus está retratado na gente, e amor ao próximo. É o lema de qualquer pessoa de bem, onde tem pessoa de bem, esse é o lema. [...] É isso aí, é o amor fraternal. É o amor fraternal. É igual ao que eu falei para você, prega o amor, a caridade, é isso aí que a gente prega (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

Em síntese, podemos destacar que a obra de Giddens (1991) revela o caráter paradoxal da modernidade, em que o risco convive com a segurança, e a confiança batalha com a insegurança. Deste contexto de antagonismos emergem as instituições modernas, inclusive a maçonaria, edificadas em meio a um complexo cenário cultural. Para compreendermos melhor a força do impacto desta mudança, precisamos nos

debruçar com maior afinco sobre as relações que regem as sociedades modernas, não deixando de levar em conta certas formas básicas de se analisar as relações de confiança e desconfiança de nossas realidades.

4.4 Sociabilidades: Estreita e Ampla

Ao tomar por base as complexidades dos meios de sociação e das sociabilidades, sabendo que a realidade da vida cotidiana é partilhada na interação com os outros, e tendo como auxílio a definição de sociabilidade de Simmel (2006), analiso as sociabilidades (ampla e estreita) construídas pelos maçons na cidade de Itaperuna. Uso esses conceitos (estreito e amplo) para demarcar os diferentes níveis de participação em que o iniciado e os seus familiares transitam dentro do mundo maçônico.

Segundo as constituições do GOB, em sua edição revista e publicada no ano de 2009, constam todos os princípios gerais da maçonaria. Neste documento, estão os códigos legais e morais da instituição e seus membros. Nele consta também a parte jurídica, que envolve a divisão e atribuição dos poderes, organização e administração das Lojas maçônicas, bem como todas as regras para admissão de um novo membro. Cabe destacar que esse é apenas um modelo ao qual tive acesso, não posso afirmar que todas as potências maçônicas brasileiras seguem os mesmos critérios.

A partir dessa Constituição e observações no campo, pude perceber diferentes níveis dentro da sociabilidade maçônica. No âmbito mais estreito desta sociabilidade está o iniciado. Este ambiente está circunscrito à Loja Maçônica, especificamente ao Templo Maçônico (sala principal), onde o iniciado participa dos rituais iniciáticos. Nesse momento, está presente o caráter velado ou secreto da maçonaria, nele o iniciado permanece isolado do mundo profano (mundo fora da Loja) e junto de seus “irmãos” deve refletir sobre sua vida e moralidade. O indivíduo, ao passar pelo ritual de iniciação, faz um voto de segredo, em que ele fica proibido de relatar os detalhes de sua iniciação e senhas de reconhecimento mútuo. Desta forma, passa a integrar um grupo mais restrito de relações sociais em que a prática do segredo se torna a pedra fundamental no cenário do mundo maçônico. O segredo funciona como uma necessidade simbólica de inclusão e permanência neste ambiente cuja função é mediar um conjunto de significados praticados pela hierarquia interna. Todos esses pontos foram abordados anteriormente.

De maneira geral, os maçons devem prezar pelos lemas de liberdade, igualdade e fraternidade. Uma das principais características que definem a forma estreita da sociabilidade maçônica perpassa a fraternidade. Diante desta situação só participam os maçons e o iniciado está inteiramente submetido à hierarquia interna da maçonaria. Seu modo de atuação está vinculado ao nível hierárquico que ele representa dentro da estrutura maçônica. Nesse momento da sociabilidade maçônica, o indivíduo experimenta uma modificação em sua identidade e personalidade. No interior da LM, mesmo esse indivíduo sendo uma autoridade no “mundo profano”, é tratado de forma impessoal e igualitária, de acordo com as especificidades dos regimentos da organização.

Na forma mais ampla de sociabilidade, ou seja, os jantares, encontros, reuniões festivas, churrascos e bingos beneficentes, os diferentes níveis da hierarquia maçônica se misturam. Nesses ambientes, a hierarquia é menos demarcada e os iniciados incorporam suas famílias e convidados ao seu mundo. De maneira geral, esses eventos fazem parte da agenda principal das Lojas Maçônicas e são feitos com alguma regularidade na localidade pesquisada. No entanto, mesmo não sendo o ritual principal do mundo maçônico, até porque ele é restrito, acredito que integrem parte importante de seu sistema simbólico e podem me auxiliar na compreensão da sociabilidade maçônica e suas formas de atuação.

Proponho analisar esses eventos como uma forma complementar do ritual maçônico, porém não menos importante. Os eventos foram estudados como um sistema de rituais recíproco, que envolvem os iniciados e seus familiares, percebidos como sendo portadores de significação, inclusive de identidades e relações sociais que são elaboradas a partir do pertencimento do iniciado. O fluxo de pessoas e bens presentes na forma mais ampla da sociabilidade maçônica foi importante para perceber como os iniciados, nestas ocasiões, marcam sua inclusão seja no mundo maçônico, ou até mesmo, na comunidade em geral.

Segundo a teoria simmeliana, a sociedade significa a interação entre indivíduos, e essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, erotismo, ajuda, doutrinação, e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre em uma relação de convívio com os outros, de atuação de referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma

unidade – mais exatamente uma “sociedade”. A sociação é, portanto, a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses, formam a base da sociedade humana (Simmel, 2006, p.60). Assim sendo, afirma Ramalho (2008):

As expectativas maçônicas correm no sentido de uma sociedade onde exista o respeito pelas opções individuais, sejam elas de ordem política, religiosa, filosóficas, etc.; onde haja garantias à livre iniciativa e aos possíveis resultados de uma ação meritocrática; onde os homens possam se expressar livremente sem o peso dos vínculos hierárquicos ou comunitários dele decorrentes; onde a busca da verdade seja um caminho invulnerável às proibições dogmáticas de qualquer ordem; onde a isonomia jurídica seja o princípio distribuidor de direitos e deveres (Ramalho, 2008, p.73).

O conceito de sociabilidade em Simmel (2006) também pode ser entendido como um impulso. Os indivíduos que fazem parte deste fenômeno se desvencilham das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como finalidade e constitui assim o processo que podemos chamar de “sociabilidade”. Nesse sentido Simmel afirma:

Para a sociabilidade, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades de vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos, precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia (Simmel, 2006, p. 64).

Assim, tomando por base as categorias sociológicas, Simmel defende sua teoria dizendo que a sociabilidade pode ser definida como uma forma lúdica de sociação. Somente dentro da sociabilidade o grande problema da sociedade chega a uma solução possível: qual o peso e o significado do indivíduo como tal na circunstância social e diante desta? A partir desta indagação, Simmel busca compreender o fenômeno da sociabilidade e sua relação com as personalidades individuais de seus membros.

O autor afirma que, nas sociabilidades, não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação; riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel na sociabilidade. Nesse sentido, ocorre uma exclusão da personalidade. De acordo com a visão do autor, a sociabilidade permanece exclusivamente limitada aos seus portadores, tanto em seus condicionantes quanto em seus efeitos. Por isso, quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade, também para os homens de nível inferior, um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado. Para tentar entender o modo de

atuação dos maçons e das maçonarias no contexto da modernidade, faço uso das reflexões desenvolvidas pelos autores supracitados. Examinando as implicações de conceitos como individualismo modernidade e sociabilidade, tento promover uma reflexão sobre a concepção de mundo professada pela maçonaria e seus membros.

A pergunta central das entrevistas consistia na seguinte pergunta: Como é ser maçom, o que realiza? A partir desse questionamento buscava explorar o papel do maçom na sociedade contemporânea, bem como investigar como o associado se define por sua atuação enquanto maçom. Nos relatos que apresentarei a seguir, pude notar que o pertencimento fornece às suas identidades uma nova linha de conduta, marcada drasticamente pela retidão, moralidade, companheirismo, filantropia, fraternidade, tolerância etc. Enfim, suas vidas, de alguma forma, foram modificadas pela iniciação na maçonaria, e suas escalas de valores foram alteradas em relação aos valores anteriores. Estas e outras questões estão presentes nos seguintes depoimentos:

Ser maçom é ser um homem livre e de bons costumes, para ser maçom ele tem de ser livre e de bons costumes. Um escravo nunca pode ser maçom, nunca pode entrar na Maçonaria, porque o escravo não era dono de si. Tem de ser livre e de bons costumes (Homem, branco, aposentado, católico, viúvo, Mestre, 93 anos).

Neste depoimento nota-se que o primeiro ponto a ser atingido pelos maçons toca o ideal de liberdade. No decorrer das entrevistas muitos entrevistados repetiram as palavras “livre e de bons costumes”. Desta maneira, posso inferir que tal ideal é dotado de grande significado para a formação da moralidade maçônica. De acordo com seus postulados universais da instituição⁶¹, em seu artigo 1º, proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardeal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um; e defende a plena liberdade de expressão do pensamento, como direito fundamental do ser humano. Desta maneira o ideal de liberdade é definido e deve ser praticado por todos os iniciados.

Outro fator muito importante para o mundo maçônico é a prática da filantropia. Neste aspecto, a maçonaria realiza trabalhos assistenciais em diferentes instituições na cidade pesquisada, como visto no capítulo 2. Meus entrevistados relataram que é uma obrigação dos maçons ajudar as comunidades e os membros mais carentes onde existe uma Loja Maçônica. Segundo eles, o maçom deve sempre agir com probidade,

⁶¹ Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2009, p.8.

praticando o bem, a tolerância e a solidariedade humana. Portanto, ser solidário é uma obrigação para quem adere ao mundo maçônico. Assim, atente para as falas a seguir:

Eu realizo a mesma coisa que eu realizava. Presta atenção: eu gosto de ajudar as pessoas, eu gosto de participar de decisões sobre o bem coletivo... eu na prefeitura, no meu trabalho, é um trabalho que faz parte da maçonaria. Ontem eu estava no gabinete – eu, o prefeito e o secretário, chegaram dois diretores da APAE de Três Rios. Quando eles entraram, eu cumprimentei eles maçonicamente, e eles foram recíprocos. Toda ritualística ... porque maçom é assim: até no escuro um reconhece o outro. Tem gestos, palavras, toque, tudo isso que eu estou te falando está na internet, por isso estou te falando (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Não mudou nada assim, muita coisa não. Continuo sendo a mesma pessoa que eu sou. Agora eu tenho outros modos de ver a sociedade, de entender mais a carência da sociedade, porque lá ensina ter caridade. Ensina igualzinho ela atua. [...] É, não é ajudar a atuar, você tem assim, em muitos lugares que você tem amigos você conversa sobre futebol, conversa sobre muita coisa. Lá (na maçonaria) a gente conversa sobre isso tudo, futebol, política, somos um grupo de amigos, quando a gente tem tempo de conversar a gente conversa sobre isso. Mas, nos ensina a ser mais caridoso (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

Filantropia. Única e exclusivamente filantropia. Maçonaria é um lugar onde homens de bem se reúnem para fazer o bem. [...] Isso (filantropia) a gente não pode comentar, porque a gente faz o bem sem olhar a quem e sem fazer propaganda. A maçonaria é um lugar onde a gente não fala pra ninguém o que nós estamos fazendo. É única e exclusivamente velado. Não é que eu não goste... Ninguém precisa saber o que nós estamos fazendo. Estamos fazendo o bem e acabou (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

De maneira geral, os indivíduos afirmam que o interesse em pertencer ao mundo maçônico deu-se por influência de algum parente ou amigo e que seu interesse era fazer parte de uma organização que fizesse bem a eles e aos outros. A sociabilidade cultivada entre os iniciados está muito ligada ao trabalho e à prática da filantropia, como podemos notar no depoimento acima. No entanto, em determinados depoimentos, outros aspectos podem ser notados e destacados. Note nos depoimentos abaixo:

O grande interessante pra mim não foi dentro da Loja, é no contato que tem após, é o bate bola, quando a gente tá relaxado, trocando uma ideia... aí começam as histórias de que maçom só ajuda maçom. Não, é porque você frequentou o mesmo grupo de pessoas. Vou te dar um exemplo: um grupo de governo, eles andam sempre juntos. Faz parte. Eu não entendia isso, quando fui procurador geral de [...] fui entender por que aquelas pessoas andavam sempre juntas. Sabe por quê? Porque você está sob a base do serviço que você fica concentrado naquele grupo, quando você representa um município, então você está direto ali. O seu campo de atuação passa a ser sua família, e a maçonaria, quando tem uma diretoria boa, que promova os eventos sem servir de escada pra outras coisas, fica sólido. É igual brasa, tem que ficar

junto, porque se você tira... então você vai lidar com o brio de cada um, igualdade e desigualdade de cada um e saber administrar isso (Homem, branco, advogado, solteiro, Mestre, 34 anos).

Francamente? Nada. Infelizmente. Nada, porque eu tenho uma justificativa plausível pra isso. Nós necessitávamos de ter estrutura física pra expandir, então... a filosofia dos últimos anos tem sido a captação de novos irmãos baseado numa sindicância, como nunca feita antes, e eu como uns do que “levantei” Lojas, várias vezes brigando (no bom sentido da palavra) para que a sindicância seja nos moldes que os nossos rituais nos obrigam, fomos contra ao continuísmo de forma radical, fomos contra até política interna. O cara (sic) é primeiro vigilante, na outra administração, continua primeiro vigilante, o cara (sic) é venerado, aí ninguém se prontifica, não tem perfil pra ver venerável, dá o continuísmo. Eu acho que a maçonaria tem que ser capaz, dentro daqueles três anos, de preparar uma outra pessoa para exercer o cargo, porque eu (não tive nem a oportunidade de falar isso) eu fiz um curso pra ser venerável. Você tem que atualizá-lo de dois em dois anos. Então raciocina comigo: se eu sou obrigado a realizar de dois em dois anos e você troca de administração de dois em dois anos, você é obrigado a se reciclar juntamente com o andar da carruagem. E eu me preparei pra isso. E de tudo que eu escutei naquele curso, que foi feito aqui na N. E., foi que o venerável não se elege venerável, ele é eleito. Você não diz que quer ser, você é escolhido pelos seus irmãos (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Outro fator muito destacado pelos entrevistados é o ideal da fraternidade. Para alguns esse é o principal motivo pelo qual ele permanece ou aderiu às práticas maçônicas. Esta talvez seja a principal motivação que leva um indivíduo a fazer parte do mundo maçônico. Pois os iniciados passam a integrar um mundo distinto do seu e passam a conviver com indivíduos diferentes de seu nível social e cultural. No ambiente das Lojas Maçônicas em que frequentei pude notar a veracidade dessa afirmação. Os indivíduos passam a trocar experiências e conhecimentos mutuamente, o que pode vir a alterar suas personalidades e visões de mundo. Neste ambiente de mudanças e trocas, pude notar um sentimento de orgulho e satisfação em poder fazer parte desse mundo por parte de meus entrevistados, veja os depoimentos quanto a isso:

Você passa a ter uma amizade fraterna com o outro, uma coisa legal, real, não tem falsidade. Se o cara não gostar de alguma coisa você sabe que ele vai falar com você ou vai querer te dar um toque, mas alguma coisa pra te ajudar, não tem falsidade. O cara querer fazer uma coisa e depois fazer outra... eu não vi isso na maçonaria. [...] O que há ali é a sinceridade, isso que eu vi. [...] Ele diz no ritual que eu entrei, tem uma parte que fala que, quando você estiver em apuros pode recorrer a um irmão que ele te ajudará. A mesma coisa vai acontecer com o irmão quando você pedir ajuda dele. Só que tem muita gente que está na maçonaria para tirar vantagem. Pequenos favores, igual na (empresa onde trabalha) alguém chega e fala “dá um jeitinho pra mim aí”. Quer dizer, não é assim que funciona... mesmo porque você não pode fazer uma coisa pra beneficiar o irmão e fazer outra prejudicando a empresa. Os casos são poucos, não permanecem, tem até um lema que diz: a maçonaria entrou em você? E eu via muito isso, essa lealdade. É bem raro. Você poder confiar na pessoa. Hoje em dia você só pode ter uma relação dessa com o

amigo, mas muito amigo mesmo. Incondicional (Homem, branco, economiário, católico, casado, Mestre, 49 anos).

Principalmente na parte da generosidade. O maçom é generoso. Ou seja, a Loja é generosa, e ele é participante. Com a sociedade, e com o membro. O Membro em primeiro lugar e, em segundo lugar a sociedade. Onde ela mantém até algumas instituições de caridade que ela não sustenta em sua totalidade, mas uma grande porcentagem oficial. Aqui em Itaperuna as Lojas fazem esse tipo de trabalho, mas mantêm... para nós não importa se não têm... o patronato (do Pireda), que é ligado ao espiritismo. Para nós não importa. Pediu às vezes, assim um... por exemplo: o Padre Geraldo pede um telhado, a gente dá, não olhamos para quem está pedindo. [...] Esse recurso vem da Loja. É o seguinte, a Loja tem uma mensalidade, essa mensalidade é para isso.[...] é obrigado... tá (sic) no regulamento (Homem, branco, aposentado, católico, viúvo, Mestre, 93 anos).

Com relação aos depoimentos pode-se deduzir que não existe uma maneira objetiva para que as pessoas procurem fazer parte da maçonaria. Nota-se que muitos são os motivos que impulsionam os indivíduos a aderir aos mistérios maçônicos. Quando iniciei a pesquisa, minhas hipóteses eram: 1ª) Eu acreditava que o principal motivo pelo quais as pessoas aderiam à maçonaria era para adquirir *Status*, o que não se confirmou com os depoimentos; a 2ª) era de que os candidatos não sabem ao certo o que é ser um maçom e quais são seus objetivos enquanto tal, o que pode ser notado pelas diferenças nas respostas dos entrevistados em se tratando de perguntas como a 6 e 7.

No entanto, um fato que chama a atenção nos relatos é o sentimento de pertencimento por parte dos entrevistados que, ao ingressar na sociabilidade maçônica, passam a fazer parte de uma rede de solidariedade e de certos princípios, que é fundamental para suas vidas. Dos trechos citados, a maioria afirma que evoluíram enquanto pessoas, que a maçonaria foi causadora desse processo. Esta é uma impressão que foi recorrente nos depoimentos.

É preciso lembrar que essas entrevistas foram feitas exclusivamente com maçons itaperunenses, ou seja, feita em pequena escala. Porém, servem como ponto de partida para outras pesquisas que desejem compreender o mundo maçônico e suas singularidades. Devo acrescentar que este grupo ainda precisa ser mais bem estudado pelas Ciências Sociais brasileiras. Esta pesquisa demonstrou que é possível pesquisar este grupo, que muitas das vezes é tido como secreto e misterioso.

Por fim, o que foi se delineando a partir da pesquisa é somente um ponto de vista circunscrito a uma determinada localidade. No entanto, resta saber se essas práticas e costumes estabelecem uma ponte para estudarmos circuitos mais amplos e diversificados, a partir das múltiplas possibilidades que o mundo maçônico oferece.

Para tanto, uso estudos sociológicos e antropológicos que abordam a natureza de sistemas sociais presentes em sociedades urbanas complexas, bem como seus universos simbólicos e redes sociais (Simmel, 2006; Velho, 2008), onde os indivíduos convivem com uma heterogeneidade de tradições e os dilemas da modernidade. Assim sendo, passarei agora analisar algumas questões para que possamos compreender melhor o caráter da maçonaria como organização e suas formas de propagar princípios morais de virtude e retidão aos seus membros. Tendo como auxílio o (s) conceito (s) de moral, busco discutir como se comportam as sociabilidades maçônicas em contexto de modernidade.

A moral é uma palavra de origem latina, que provém do termo *moris* (“costume”). Trata-se de um conjunto de crenças, costumes, valores e normas de uma pessoa ou de um grupo social, que funciona como um guia para agir. Segundo o pensamento filosófico de David Hume (1711 – 1776), a moral se enraíza na afetividade, e tem por princípio as paixões. No entanto, ela não se reduz a um instinto: o sentido moral tem necessidade de ser esclarecido e aperfeiçoado pelas análises da razão.

A partir de suas ações individuais, o maçom que se singulariza por seu devir interior ou espiritual deve ser distinguido do ser humano “profano”, que só se diferencia dos outros por qualidades exteriores, criando um mundo objetivo, dotado de sacralidade, o maçom transita em um terreno separado da realidade. Ele é o sujeito capaz de construir um mundo através do qual exerce um conjunto de crenças e sentimentos que dão sustentação a sua coesão social.

Aproveitando esse cenário antagônico proposto por Giddens (1991), onde as relações de confiança exercem certo poder sobre os indivíduos, pareceu-me importante pesquisar sobre como um indivíduo se torna maçom e como isso modifica sua vida, sem deixar de perceber como isso vem a ser uma questão relevante para a construção de uma rede baseada na confiança e na moralidade. A partir dessas redes, circula um conjunto de valores, ideias e normas que permitem o funcionamento do mundo maçônico.

Com a intenção de verificar como o associado se familiarizou com o mundo maçônico e como se deu sua iniciação, perguntei de que forma havia feito seu primeiro contato com a maçonaria. Assim fazendo, buscava também compreender como o iniciado foi convidado a fazer parte da sociabilidade maçônica. Nesse sentido, um aspecto recorrente entre os entrevistados é a afirmativa de que foram influenciados por pessoas de seu convívio (familiares, amigos, conhecidos, etc.). A maioria menciona aqueles que, de alguma forma, eram um exemplo a ser seguido, com um caráter ilibado

e características de uma “boa pessoa”. Esse sentimento pode ser mais bem exemplificado através dos depoimentos que se seguem:

Eu sempre ouvi falar em maçonaria, porque meu pai sempre foi um maçom que não entrou na maçonaria. Mas, sempre respeitou muito a maçonaria. Desde novo eu escutava ele (sic) falando muito bem da maçonaria. A maçonaria eu pensava que era um grupo de amigos, entendeu? Que faz bem para o grupo e para os próximos, entendeu? Sempre ouvia falar isso, e esse era o conceito que eu tinha da maçonaria (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

Foi importante por causa de meu pai...era uma tradição. Ele foi tão feliz nas coisas que eu quis ser... Mas eu esperei ser convidado. Não quis me oferecer, queria que alguém me convidasse. Ele era comerciante. Ele era ceramista, oleiro (Homem, branco, aposentado, católico, viúvo, Mestre, 93 anos).

Foi por meio do meu irmão mais velho que eu, ele é maçom. Por tradição na minha família, o meu bisavô foi maçom. Foi venerável em Cataguazes. Então ele participou de decisões do Brasil, porque a Loja de Cataguazes é... o Rito Brasileiro foi criado lá (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, companheiro, 66 anos).

Tomando essa pergunta, procurei investigar como os maçons recebem os ensinamentos da maçonaria. No decorrer das entrevistas os meus informantes sempre citavam as palavras trabalho⁶² e estudo⁶³. Para melhor compreender os significados desses termos, achei necessário coletar alguns depoimentos que tratassem desses temas. Para os maçons entrevistados, olhando, então, dessa forma, para a história da instituição como uma escola de ensinamentos filosóficos, a maçonaria é uma instituição capaz de ensinar valores simbólicos baseados em uma sociedade de artesãos, cujo único objetivo é, aparentemente, a construção de edifícios materiais de pedra e argamassa (fase operativa). Porém, atualmente, esses saberes foram (re) significados, sendo usados como meio para instruir os indivíduos iniciados em seus princípios, linguagem, moralidade, simbolismo e materiais para que os mesmos possam construir um templo justo e perfeito, tendo como representação seu próprio corpo.

Segundo Mackey (2008), essa idéia de representar o homem interior espiritual por um templo material é tão adequada em todas as suas partes como ocorreu em mais de uma ocasião aos primeiros professores do cristianismo. Para ele, o próprio Cristo aludiu repetidas vezes a isso em outras passagens e o eloquente e imaginativo São Paulo comentou de forma bela as idéias em uma de suas Epístolas aos Coríntios, na seguinte

⁶² Entendido como exercício de alguma atividade ou função na Maçonaria, de natureza manual, intelectual e espiritual.

⁶³ Apreensão dos ritos e símbolos maçônicos.

forma: “Ainda não sabeis que sois o templo de Deus, e que o espírito de Deus reside em vós?”. Para esse autor maçônico, a idéia, portanto, de fazer do templo um símbolo do corpo não é exclusivamente maçônica, mas o modo simbólico como é empregada através da referência ao Templo de Salomão em particular, e a arte simbólica engajada em sua construção, é sim peculiar à ordem maçônica. Assim, vejamos o enunciado nos seguintes depoimentos:

Se ele não estuda sentado lendo, ele tem de estudar pelo menos observando bem. O ritual, ele tem de ser crítico. Crítico no bom sentido, não no sentido de falar mal de tudo não. Crítico no bom sentido, ele tem que saber olhar, saber distinguir o que é melhor o que é pior, e se ele vê que ali não está sendo a melhor situação, cabe a ele tentar ajudar para que aquela melhor situação possa acontecer. Isso tudo que eu estou te falando aqui é muito vago, até porque eu estou falando é (breve pausa) de como deveria ser, eu não to (sic) falando do que é. A gente sabe que em todo setor da sociedade você vai achar gente da pior espécie. Como advogado, eu posso dizer que no judiciário tem (sic) muito, na polícia, dentro da medicina tem (sic) muito, talvez nem tanto quanto no judiciário, dentro da engenharia, dentro dos três poderes, executivo e legislativo a gente não tem nem o que falar. (em tom de ironia) todo mundo ali é tão (sic) honesto (risos). Dentro da maçonaria a gente também vai achar isso daí. Por isso que eu falo que a maçonaria, muita das vezes ela apregoa uma filosofia utópica. Mas é justamente por ser utópica que a gente fala que a gente é um eterno aprendiz. A gente não se esmorece diante da inatingibilidade da utopia, muito pelo contrário, a gente se declara um eterno aprendiz, para que a gente possa tentar atingir a utopia. Continua sendo utópico, continua não atingindo, mas a gente se obriga a estudar, a melhorar sempre (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29 anos).

Olha, você tem de aprender. Quando você entra, você está na condição de iniciante e lá dentro você vai aprendendo e vai, igualzinho ao quê, como é que eu posso explicar isso a você? Igualzinho a um curso. Vamos botar igual a uma faculdade, igual à faculdade não tem os períodos, você estuda passa para o outro período e vai. É um estudo (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

Eu não estudo muito, porque eu sou meio preguiçoso, mas eu estudo. E eu levo uma vantagem, que eu tenho um irmão, o (fulano), que manda pelo meu e-mail trabalhos. Por exemplo, eu estou lendo agora a “iniciação de Jesus”. Supõe-se que Jesus seja maçom. Ele bota no meu e-mail e eu imprimo para ler. Em livros eu estudo pouco, mas em trabalhos, tudo que ele faz, bota no meu e-mail, eu quando não imprimo eu leio. Quando fui pra praia, não levo computador, quando voltei estava cheio de trabalhos maçônicos, trabalhos imensos (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Temos curso, temos material, tem (sic) livro maçônico, tem (sic) doutrina, tem (sic) apostila, tem conhecimento do irmão... o maior conhecimento da maçonaria é conversar com um irmão que tem mais tempo (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Você tem que estudar pra você conhecer a ritualística. [...] existem escolas filosóficas também, com grau de filosofia. Existe (sic) literaturas maçônicas,

eu acredito que o maçom na década de 60, 70 até o início da década de 80 estudava mais, porque não existia essa captação de informação. Mas você tem que estudar, faz trabalhos pra (sic) você conhecer essa ritualística toda da sua Loja, que é adotada pela sua Loja. [...] you aprende não só a filosofia da coisa, mas o grau de conhecimento é muito grande. (Homem, branco, advogado, solteiro, Mestre, 34 anos).

Alguns. Na verdade antigamente os maçons eram pessoas já estabelecidas, não digo aposentadas, mas estabelecidas, que tinham tempo para se dedicar. Maçonaria é dedicação. Se você me questionar mais pra frente aí (sic), se hoje eu sou um maçom dedicado ao estudo, eu não posso reconhecer que sou. Porque, eu estou em uma fase da minha vida que a minha profissão exige de mim um estudo contínuo e eu realmente, por todos os fatores que eu venho falando pra você, me coloco também nesse lugar; eu realmente estudo dentro do papel que eu exerço na minha Loja. Isso é o mínimo que eu posso fazer, mas com certeza, no futuro talvez com a vida um pouco mais tranquila, como alguns outros maçons que fazem maçonaria de uma forma exemplar, estudam, se dedicam, dão exemplo a todo momento obviamente com o objetivo de um futuro pra ser conquistado.

Os rituais que nós conduzimos nas reuniões dos três graus é a essência da maçonaria, ali você tem tudo. Tudo do básico pra você fazer a maçonaria da melhor maneira possível. Mas eu acho que isso é muito pouco perto do tamanho da maçonaria. Com certeza, mas o maior aprendizado com certeza é na conversa com as pessoas, é no trocar de ideias, é o falando pouco e ouvindo muito mais, colocando em prática quando você tiver oportunidade (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Nós aproveitamos mais os aposentados. Porque esta vida cotidiana não dá tempo, é por isso que o número de maçons que estudam muito é pequeno. Eu por exemplo só pude dedicar mais depois da aposentadoria. [...] Requer estudo, e é testado. Ele é testado para ver se ele tem conhecimento... é uma prova oral só para ver se ele está atualizado. Se ele está acompanhando o grau que ele pertence. No grau dele, a gente pergunta, para ele entusiasmar. [...] requer muito estudo (Homem, branco, aposentado, católico, viúvo, Mestre, 93 anos).

O estudo é um fator pra lograr graus, os graus filosóficos você tem trabalhos para apresentar. [...] até mesmo pra mudar de grau, você tem que fazer trabalho, como quem diz, você faz um trabalho pra passar pra companheiro, depois outro trabalho pra passar pra mestre, e depois esse trabalho é avaliado pela oficina, pelos membros, às vezes tem esse “trollhamento” sobre o seu grau que você vai exaltar, e outros trabalhos que você escreve, tira de outro lugar. Sobre o “malhete”, o grão mestre, porque tem a bíblia dentro do tempo. [...] E nesse estudo, você aprende muita coisa. A maçonaria é milenar, em qualquer texto que você encontrar sobre maçonaria, sobre procedimentos, moral, ética, mesmo que seja de 1000 anos atrás, não mudou a essência dela. O dia que o segredo dela acabar, acabou a maçonaria. vai ficar pra todo mundo ficar sabendo, mas são muitas passagens bíblicas que têm a ver com a maçonaria, e isso traz outras coisas que, se não fosse ela, você não perceberia (Homem, branco, economista, católico, casado, Mestre, 49 anos).

Pude notar que, em diferentes depoimentos, surgiam as palavras estudo e aprendizado. Procurei então, investigar o que estudavam e o que era aprendido pelos maçons em suas reuniões e encontros. Essa pergunta vem complementar algumas considerações que não ficaram claras na questão anterior. Diante dessa reflexão, a

questão em que me coloquei então foi compreender como esses “estudos” e “trabalhos” eram de fato colocados em prática quando esses maçons retornassem às suas vidas cotidianas. Nesse sentido, as narrativas dos iniciados apontam para uma “moldagem” de uma construção da identidade do maçom, faz parte de um importante recurso simbólico de uma nova maneira da reelaboração do eu, que permite aos maçons ter acesso a um universo de representações até então inacessíveis a eles. Com base nessas questões, passemos aos depoimentos:

Eu acho que você tem vários vieses, você tem aquela pessoa que tem uma capacidade muito grande de observar e só observando, passa para ela. Você tem aquela pessoa que observa e tem que ler um pouquinho, tem aquela pessoa que não basta só observar tem que ler também. E tem aquela pessoa que vê e não entende nada, só entende quando lê. O meu caso não é que eu vejo e não entendo nada. Eu acho que eu absorvo muito enquanto eu vejo. Mas se eu não leio, eu acho que um pouco o hábito de advogado, se eu não leio, pra mim é como se eu estivesse incompleto, então eu acabo lendo muito (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29 anos).

O que eu tenho aprendido lá dentro é que a gente tem que ouvir muito e revelar pouco. Lá tem como fundamento não transmitir nada – eu acho importante isso.O que o senhor tem aprendido lá dentro permanece lá dentro. É uma parte da ritualística, é o que mantém a maçonaria pra frente. Os irmãos... não vulgarizou a maçonaria, eu acho que é isso aí que não deixa vulgarizar (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Um estudioso. Um estudante, que tudo que você pergunta para ele, dentro da instituição ele te (sic) responde. Ele pergunta, ele conversa lá dentro. Hoje infelizmente a gente (não concluiu a frase). Nada é segredo, hoje na internet você vê uma iniciação, você vê uma reunião na internet, mas a gente lá a gente preserva as normas do antigo. [...] Eu aprendi que a gente aprende a valorizar tudo que você tem. Aprende a valorizar mais a sua família, a valorizar o bem, o que você faz (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

A ajuda, a ajuda, os irmãos, a união dos irmãos é algo. Como irmão. Nós somos irmãos. No útero. A maçonaria ela pode se dizer que ela é um clube de serviços, só cada um com seu cada um. Por exemplo, o *Lions* tem um trabalho lindo, de creche, de criança, nossa senhora... talvez até mais que a gente. O *Rotary*, o Padre Geraldo, é que é mais... como diz o outro: que é mais sacrificado do que o Padre Geraldo, que todo mundo ainda atira pedra, e ele faz o que faz? [...] Então. Só que o trabalho dele aparece, e o da maçonaria, não aparece. Mas por exemplo, tem mês que a gente ajuda o Pe. Geraldo, que pra mim é um homem, no mínimo, uma escada acima da gente... não é nem degrau, não. É escada. , que ele faz sozinho, e contra tudo e contra todos. Contra tudo e contra todos. A Maria Helena lá no Lar Bezerra de Menezes. Trabalhamos em conjunto. Na maioria das vezes, trabalhamos em conjunto (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Ouvir. São dois ouvidos e uma boca. O bom maçom geralmente é a pessoa que tem sensibilidade pra ouvir, o líder tem que ser capaz de ouvir, capaz de discernir duas posições muitas vezes divergentes para tomar uma decisão. Então eu acho que uma das maiores características que um maçom deve exercer é saber ouvir. Ter humildade pra saber ouvir. Eu procuro, dentro das minhas limitações, escutar o máximo que eu posso, de conviver com pessoas que fazem maçonaria de verdade, como meu sogro, meu pai, orador na Loja há alguns anos, Sr. Geraldo Pereira, 65 anos de maçonaria, Sr. José Leonardo, então realmente pessoas que a gente tem que tirar o chapéu. Sr. Custódio de Natividade são exemplos de verdadeiros maçons.

Eu me sinto envergonhado quando eu me deixo levar achando que eu... quando eu chego perto dessas pessoas, eu realmente bato continência, por que... me faltam até palavras da competência pra exercer o que eles fizeram ao longo dos anos, mas faço uma observação: eles viveram em uma época aonde era muito mais difícil ser maçom do que hoje. Por isso que as nossas atitudes hoje se tornam menores ainda. Eles exerceram a maçonaria em um tempo muito mais difícil. Não tinha internet, não tinha carro pra todo mundo, aquela toda coisa de você se deslocar e convocar os caras (sic) ali... na luta (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

A maçonaria é uma coisa tão perfeita que se você for até o grau 3 e você saiu você não consegue saber o que é o grau 9, grau 12, 18, até o 33. Aí o que acontece? Aguça a curiosidade. Então você consegue conversar com alguém do mesmo nível que você, só que tem um “tchan” a mais no grau 33 que eu não vou saber nunca se eu não fizer aquele grau (Homem, branco, economista, católico, casado, Mestre, 49anos).

Todo esse processo de aprendizado e conhecimento requer dos maçons uma dedicação de tempo e esforço, que são compensados com novos saberes e cargos na hierarquia da instituição. Desta maneira, os iniciados buscam aprender os “mistérios” e símbolos da maçonaria. Diante deste processo o iniciado passa a interagir com os diferentes graus e sociabilidades presentes no mundo maçônico.

Nesse ponto, destaco o ponto da entrevista onde procurei investigar como a maçonaria passa a compor a vida cotidiana dos indivíduos e de que forma eles participam das atividades e funções do mundo maçônico.

Geralmente, os iniciados possuem uma profissão que exige muito de seu tempo diário (médico, administrador, enfermeiro, advogado, etc.), contudo, dedicam parte de seu tempo para aprender valores que de alguma forma trabalham por mudanças práticas em suas próprias vidas. Esses aspectos podem ser observados nos depoimentos selecionados abaixo:

À maçonaria pelo menos eu dedico um pouco do meu tempo diário para poder ler. Um pouco do meu tempo diário, nem que seja antes do banho, uma leitura de dez minutos, um pouco do meu tempo diário eu dedico à maçonaria. Agora no sentido do convívio maçônico, na Loja, uma vez por semana, quando o trabalho me permite, porque muitas das vezes o trabalho não me permite (Homem, branco, advogado, católico, solteiro, Aprendiz, 29 anos).

Eu vou às minhas reuniões e de outras Lojas, por exemplo – a minha Loja só tem duas reuniões por mês. Eu achei pouco. Aí (sic) eu vou em outras. Nunca eu vou sozinho, porque na minha condição de companheiro, eu tenho limitações. Aí (sic) eu ligo pro (sic) José Carlos e chamo. Ele já tem 20 anos de maçonaria, foi ele que me iniciou. Eu vou no mínimo 3 vezes na reunião. Às vezes vou até quatro. A primeira e terceira quinta do mês é a minha Loja (Homem, branco, funcionário público, católico, divorciado, Companheiro, 66 anos).

Eu acho que o tempo que eu dedico à maçonaria é (dúvida), não vou falar pra você que eu dedico duas horas por dia à maçonaria, porque eu estaria mentindo. Eu, quando eu pego alguma coisa pra mim (sic) ler, aí eu leio, eu me esqueço do tempo que está passando. Hoje eu estou assim, amanhã não estou assim não. Vou tirar meia hora para estudar, não. Eu só leio quando eu estou a fim, ou quando precisa. Quando precisa ler alguma coisa eu vou lá e leio. Mas pra mim (sic) falar o tempo certo com você eu não sei. [...] Todas as reuniões eu vou na Loja. Procuo ir em todas as reuniões. São duas reuniões por mês. Fora as reuniões que têm em outras Lojas que eu procuro ir, quando dá tempo (Homem, branco, enfermeiro, católico, casado, Aprendiz, 32 anos).

24 horas! 24 horas... Maçom é maçom 24 horas. A qualquer momento você pode ser acionado. A qualquer momento... de madrugada. Tocou o telefone você... às vezes com o seu telefone você resolve. Então você é maçom 24 horas. [...] A reunião é apenas pra tratar assuntos internos. Maçonaria ela funciona como nos outros clubes de serviço também, eu acredito que se você ligar, se você for do *Lions* e ligar para um irmão: “irmão, estou precisando de alguma coisa”, aliás, lá eles não falam irmão, eles falam companheiro, eles também vão prestar esse mesmo serviço. Eu acho que não faz essa diferença (Homem, branco, administrador, católico, casado, Mestre, 38 anos).

Diretamente fica difícil quantificar esse tipo de coisa, mas de outra forma, se você é honesto, trabalhador, bom pai, bom filho, etc, etc,... você está exercendo a maçonaria 24 horas por dia, essa é a maneira que eu vejo. Agora, estudo bibliográfico, etc, etc, etc... são pontos isolados de necessidade que você tem que se preparar pra você exercer uma determinada função. Mas eu acho que tem que pegar esse ponto e funcionar a maçonaria 24 horas, por esse prisma (Homem, branco, médico, católico, casado, Mestre, 33 anos).

Eu dedico é... duas vezes por semana, das oito às dez horas da noite. Às vezes passa um pouco além das dez horas. Porque após a reunião, tem uma reunião social: um jantar. Mas o essencial são duas horas em cada reunião. E eu frequento, segunda-feira e sexta-feira. Isso para mim é sagrado (Homem, branco, aposentado, católico, viúvo, Mestre, 93 anos).

No mundo contemporâneo, o tempo é um fator que se torna cada vez mais precioso e escasso. Porém, os maçons devem empenhar-se ainda mais para cumprir com seus compromissos profissionais e pessoais e a prática maçônica. O indivíduo que pertence à maçonaria deve reservar uma parcela significativa de seu tempo diário à prática maçônica. Como foi relatado acima, não existe uma forma única de exercer as práticas maçônicas. No entanto, ela deve ser exercida minimamente por todos os

membros, de acordo com disponibilidade e dedicação de cada um. Porém, a presença na reunião em Loja é uma obrigatoriedade para todos os maçons.

Nesta ocasião, todas as atividades rituais são planejadas e executadas, todas seguindo o rigoroso padrão ritualístico e simbólico. Portanto, a reunião é o principal evento que reúne a família maçônica e seus diferentes níveis de sociabilidade. Nas reuniões, os indivíduos realizam diferentes atividades que dão sentido a suas vidas intra e extra Loja. Assim, estar reunido com os demais irmãos confere ao membro um sentimento de pertença e segurança, em detrimento ao mundo externo, no qual todos os profanos estão imersos. Não se trata de uma organização com fins religiosos ou doutrinários, porém suas atividades rituais fazem com que os indivíduos busquem o seu autoaperfeiçoamento e possam colaborar para obra do Grande Arquiteto do Universo. A partir de todas as atividades (reuniões, jantares, filantropia, bingos, encontros, etc.) o mundo maçônico quer dar algum sentido ao mundo, e para isso orienta seus membros a serem exemplos de ser humano e cidadão, funcionando como a pedra fundamental na grande construção chamada de universo.

Todos esses fatores, de alguma maneira, compõem a história de vida dos maçons. Ao longo de meu trabalho de campo, pude perceber como esses valores são praticados pelos indivíduos. De todas as práticas que observei no campo, a noção de mudança e mudança sempre esteve presente.

Segundo Velho (2003), a noção de projeto e metamorfose pode nos auxiliar na análise das sociedades complexas modernas contemporâneas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados, que formam o que podemos chamar de um *ethos* moderno. Neste processo, acentua-se o projeto individual, que pode ser entendido como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, o que pode ser comparado com os mecanismos de reencaixe proposto por Giddens (1991), que afirma que, no mundo moderno, os indivíduos procuram associar-se a organizações ou grupos que possam oferecer determinadas garantias aos seus membros.

Dentro deste campo de possibilidades, entendido por Velho (2003) como um espaço para formulação e implementação de projetos, acredito que as maçônicas modernas são organizações que auxiliam os indivíduos em seus projetos, sem esvaziá-los arbitrariamente de suas personalidades e singularidades. Assim, evitando determinismos reducionistas, penso que a maçonaria funcione como um campo de

possibilidades onde os indivíduos acreditam poder exercer valores como a liberdade, a igualdade e a fraternidade, tendo sua personalidade preservada e reelaborada.

Os projetos individuais dos maçons podem variar em determinado grau, porém, suas práticas não operam num vácuo, mas a partir de um complexo sistema ritual e premissas culturais compartilhadas por milhões de indivíduos mundo a fora. Seja como for, suas pertinências e relevâncias são definidas contextualmente em seu mundo, que se caracteriza com uma aparente ruptura com os valores anteriores a sua iniciação, abrindo mão de uma série de vivências e vícios para tornar-se uma pessoa que preze pelos valores da liberdade e da fraternidade. Desta forma, afirma Velho (2003):

Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e coexistência existencial, em termos amplos (Velho, 2003, p.48).

Com base no que foi discutido acima, talvez as diferentes formas de sociabilidades que formam o mundo maçônico funcionem como possibilidades de construção de um campo de possibilidades⁶⁴ capaz de reunir atores sociais estranhos e em condições diversas, em que a interação entre eles constitua o principal intuito.

Segundo Simmel, como assinala Frúgoli Jr (2007), o surgimento da sociedade residiria nos processos de interação microssociológicos através dos quais se constituem as associações (ou sociações), não bastando apenas interagir, pois é preciso ainda que os indivíduos em interação uns com os outros, formem uma unidade, uma sociedade e estejam conscientes disso (Frúgoli Jr., 2007, p.9).

Isto define bem as proposições de Simmel, as quais usei ao longo dessa pesquisa e imagino serem boas formas para descrever as relações que formam o mundo maçônico. Penso que a maçonaria, na condição de instituição, existe como um dos modos pelos quais os indivíduos construíram uma rede relacional capaz de dar visibilidade e significado aos processos que regem a interação da experiência humana e social de seus membros.

Decorrem daí muitas opiniões e teorias. Contudo, torna-se inegável o papel que esta instituição vem ocupando no cenário mundial ao longo dos anos. Pois se tudo está a

⁶⁴ Ver Velho (2003).

tudo relacionado, como afirma Simmel, trata-se sempre de buscar os laços dessas relações, trata-se de ver as relações mútuas, os efeitos infinitamente múltiplos, as interações que ocorrem no mundo e na vida, como salienta Waizbort (2000).

Considerações Finais

Quando iniciei esse projeto, jamais pensei que este mundo fosse tão complexo e desafiador, porém essas também foram minhas principais motivações. Meu trabalho não tem a pretensão de ser inaugural, nem tampouco conclusivo sobre a temática, haja vista os trabalhos publicados pela historiografia contemporânea sobre o tema. No entanto, meu objetivo sempre foi cooperar para o enriquecimento do debate envolvendo a maçonaria e seus membros. Nesta pesquisa, tentei mostrar, ao examinar a literatura produzida e minhas observações, um pouco mais sobre essa organização enquanto sociabilidade presente na sociedade contemporânea.

Não foi minha intenção discutir a maçonaria como instituição em si. Este trabalho, de alguma maneira, buscou apresentar um perfil de seus membros, ou seja, dos maçons. Tendo em vista, os diversos caminhos que levavam a esta temática, escolhi percorrer um trajeto alternativo para discutir tal fenômeno. Busquei explorar quais eram os fatores que motivavam os indivíduos a fazer parte desta organização e através de suas narrativas perceber os diversos motivos que os levaram à iniciação nos mistérios maçônicos.

No decorrer do trabalho de campo e das entrevistas realizadas, pude perceber o processo pelo qual os indivíduos maçons constroem e reconstroem seus eus. O sentimento de pertencimento e de comunhão impregna os discursos daqueles que escolheram ser maçons. Os indivíduos envolvidos neste meio constroem suas identidades a partir das experiências individuais e coletivas. Nesse sentido, minha principal missão foi buscar investigar quais são os motivos que fazem com que os indivíduos busquem e permaneçam nesse mundo.

Pude perceber que, na localidade pesquisada, a iniciação na maçonaria comporta uma tradição de longa duração entre as famílias tradicionais do município. Trata-se de uma continuidade de uma tradição que é reinventada por todos os envolvidos. Em sua maioria, os entrevistados sempre relataram que estavam na maçonaria por intermédio de familiares ou amigos. Ao iniciar-se, esses indivíduos passam a incorporar regras e valores que legitimam suas ações e comportamentos pessoais e sociais. A partir desse momento, passa também a compor uma complexa e extensa rede que de alguma maneira, altera suas referências culturais, religiosas, sociais, etc. Essa rede, por sua vez

possibilita ao membro ampliar seu espaço, projetando sentido sobre sua visão de mundo e práticas anteriores.

Um dos aspectos mais ressaltados pelos maçons é vinculado à mudança. Muito comumente, os maçons afirmam que, depois da iniciação, suas vidas toram outro rumo, e essas experiências tiveram muito efeito em suas vidas. Tornar-se membro de uma organização como a maçonaria, para eles, é poder compartilhar experiências de vidas e ensinamento. Essas experiências, acompanhadas das práticas rituais, são os principais meios para que o maçom aprenda a arte de construir.

Nesse sentido, enfatizo a transformação nos discursos dos indivíduos, tendo os ensinamentos maçônicos como meio para alcançarem esse objetivo. Nessas circunstâncias, de construção e autoaprimoramento, os indivíduos são convidados a refletir sobre sua vida e enfrentar seus conflitos pessoais. Por isso, essa experiência está fundamentada no mérito e nas qualidades conquistadas pelo iniciado. Cada um experimenta os diferentes estágios de maneira singular. Esse processo de ensino e aprendizagem é ao longo do tempo uma prática necessária e absolutamente fundamental para a construção e manutenção deste mundo.

Levando-se em conta tais considerações, o ponto central desta pesquisa foi apreender dos discursos as experiências vivenciadas pelos indivíduos que atuam dentro da maçonaria. Muitos comentaram que, para eu entender esse mundo, teria de fazer parte dele. Esse foi o principal desafio enfrentado por mim ao tentar decodificar os sentimentos que me eram transmitidos pelos entrevistados. Alguns disseram que era impossível eu desenvolver um trabalho sobre maçonaria não sendo maçom. E a todo o momento, os maçons cobravam-me esta adesão. Contudo, me contentei em ouvir as vivências relatadas por eles e aprendi a interagir de maneira a compreender como isso ocorre no meio pesquisado.

Uma vez iniciada, a percepção dessas experiências junto aos maçons de Itaperuna, pude perceber que, para eles, pertencer a este grupo era uma nova maneira de conduzir seus projetos pessoais e profissionais. A partir de seu sistema simbólico e prática ritual, esses indivíduos modificaram suas performances nas interações com suas famílias, amigos, e demais pessoas que fazem parte de seu cotidiano. Desta maneira, a percepção de que seu “eu”, modificara-se a partir da adesão, sempre esteve presente nas falas dos entrevistados. Diante disso, sempre me pareceu que esses indivíduos haviam deixado para trás uma vida de vícios e agora passaram a priorizar uma conduta mais moralizada, elaborada a partir da interação com os outros “irmãos”. Mas também é

inevitável afirmar que essa experiência é o abraço da identidade do grupo, tornando-os orgulhosos de que são membros de uma instituição capaz de lhes mostrar a luz em tempos de trevas.

Em que pese as experiências e relatos, o que discuti ao longo desse trabalho é o processo limiar pelo qual os indivíduos passam ao integrar ao iniciarem na maçonaria, muitas vezes, desafiando rótulos e preconceitos. Pois, ser maçom é ser livre e defensor dos bons costumes, porém fazendo isso de maneira reservada e restrito a certo número de indivíduos, que seguem os regimentos e significados de um mundo específico.

Um dos resultados mais importantes foi identificar, mesmo que de forma restrita, quais são os laços que compõem o mundo maçônico e as regras de conduta que ligam os maçons a sua sociabilidade. Através dos relatos e demais dados registrados no trabalho de campo, pude perceber que os maçons, através de seus rituais e práticas rituais, constantemente buscam manter o controle de si como exemplo de um ser humano justo e honrado. Assim, as práticas e maneiras sempre garantiram aos indivíduos um porte de deferência, o que também ajuda na construção de uma imagem pessoal diante de seus pares. Através desse porte, edifica uma imagem dotada de forte apelo social.

Acredito que minha pesquisa, seguindo um roteiro alternativo, deu seguimento aos estudos sobre a maçonaria e os maçons, incorporando novas formas e interpretações sobre este grupo atuante na contemporaneidade; por outro lado, me preocupei em produzir um estudo que some e interaja com os estudos até então produzidos. Através dessas análises, busquei descrever e delinear um conjunto de atos simbólicos que são utilizados pelos maçons em suas interações sociais cotidianas.

Com a finalidade de expor algumas dessas questões, fiz meu trabalho de campo tentando alcançar o ponto de vista dos pesquisados e, com isso, alcançar uma nova perspectiva na discussão sobre o mundo maçônico. Nesse sentido, concordo com uma importante observação feita por Da Matta (1983) sobre o papel do pesquisador diante da interação com outra sociedade, quando afirma que é preciso pensar no espaço em que se move o etnólogo (pesquisador) engajado na pesquisa de campo e refletir sobre as ambivalências de um estado existencial onde não se está nem numa sociedade e nem na outra e, no entanto, está-se enfiado até o pescoço numa e noutra (Da Matta, 1983, p.154).

Posso afirmar que, ao longo dessa pesquisa, estive muito envolvido com o tema e com o mundo dos entrevistados. Desse esforço, nasceram dificuldades e recompensas, amizades e conflitos. Apesar dos avanços nos estudos desse tema, o assunto ainda é um

tabu para muitos. Porém, aventurar-se em um mundo que nos faz refletir sobre a “perfeição” e a necessidade de “construir a si mesmo”, me fez refletir sobre minha própria vida e me inspirou a construir esta pesquisa. Esse exercício teórico-reflexivo possibilitou-me construir uma pequena ponte no abismo que separa o mundo pesquisado do nosso.

Por fim, quero convidar os leitores e pesquisadores a fazerem a passagem entre esses dois mundos.

Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Tempo, 2011.

ASLAN, Nicola. *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia*. Rio de Janeiro: Arte nova, 1974.

AYMARD, Maurice. *Amizade e Convivialidade*. In: Roger Chartier (Org.), *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AZEVEDO, Célia M. Marinho. *Maçonaria: História e Historiografia*. In Revista da USP, n. 32, p.178-189. São Paulo, 1997.

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

_____. *Sociabilidade Maçônica e Independência do Brasil (1820-1822)*. In: István Jancsó. (Org.). *Independência: historia e historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)*. São Paulo - Juiz de Fora: Annablume-EDUFJF-FAPESP, 2006.

BECKER, Howard. *Mundos Artísticos e Tipos Sociais*. In: Gilberto Velho (Org.). *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1977.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da UnB, 1998.

CASTELLANI, José. *Maçonaria Moderna*. In: Ed. A Gazeta Maçônica. São Paulo, 1986.

CASTELLANI & CARVALHO, José; William Almeida de. *História do Grande Oriente do Brasil, a Maçonaria na história do Brasil*. São Paulo: Madras, 2009.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHEVALIER & GREERBRANT, Jean; Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COLUSSI, Eliane Lúcia. *A Maçonaria Brasileira no Século XIX*. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

BRASIL, *Constituição do Grande Oriente do Brasil*. Brasília, 2009.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1983.

DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarquicus: o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992.

_____. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria*. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

FRUGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ltc, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. *Rituais de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

HENRIQUES, Porphírio. *A Terra da Promissão: História de Itaperuna*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1956.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HURTADO, Amando. *Nós, os Maçons: a Maçonaria vista de dentro*. Rio de Janeiro: Zit Editora, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Serra*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1950.

LEPAGE, Marius. *História e Doutrina da Franco-Maçonaria*. São Paulo: Pensamento, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas I: o cru e o cozido*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

MACKEY, Albert G. *O Simbolismo da Maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Georg Simmel: sentidos e segredos*. Curitiba: Editora Appris, 2011.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos - Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

MOREL & SOUZA, Marco; Françoise Jean de Oliveira. *O Poder da Maçonaria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

RAMALHO, José Rodorval. *Novae sed Antiquae. Tradição e Modernidade na Maçonaria Brasileira*. Brasília: Exlibris, 2008.

SANTIAGO, Marcos. *Maçonaria: história e atualidade*. Londrina: Editora Maçônica A Trolha, 1992.

SILVA, Hailton Meira. *Cultura Geral Maçônica no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro: Menthor Textual, 2009.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. *A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas*. In: MALDONADO, Simone Carneiro. Georg Simmel: sentidos e segredos. Curitiba: Editora Appris, 2011.

TURNER, Victor. *O processo Ritual Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Floresta de Símbolos: aspectos do Ritual Ndembu*. Niterói: EDUFF, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (org.) *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

VIDAL, César. *Os Maçons: a sociedade secreta mais influente da história*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia e Outros Escritos*. In. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

Anexo 1**Relação de *sites* sobre maçonaria**

<http://fraternoflu.com/>

<http://goirj.com>

<http://www.comercioartes.com.br>

<http://www.freemasonry.london.museum/>

<http://www.gob.org.br>

<http://www.gob-rj.org.br>

<http://www.godf.org/>

<http://www.grandeloja.org.br>

<http://www.hfaf.org>

<http://www.maconariafeminina.org.br/>

<http://www.msana.com>

<http://www.ugle.org.uk/>

www.glada.org.br

Anexo 2

Questionário de Entrevistas

A seguir, gostaria de demonstrar as perguntas que foram trabalhadas no questionário das entrevistas. É importante ressaltar que das entrevistas feitas, selecionei apenas 9. Esses entrevistados destacaram a multiplicidade do fenômeno, seus distintos significados, as singularidades e até contraditórias motivações ao pertencimento maçônico. Todos são residentes e frequentadores das Lojas Maçônicas de Itaperuna.

Perguntas:

- 1 - Como foi seu primeiro contato com a maçonaria?
- 2 - Por que se tornou maçom? Buscava alguma coisa?
- 3 - Quando e como foi?
- 4 - Como foi à experiência da iniciação para você?
- 5 - O que é que mudou na sua vida depois de iniciado?
- 6 - Como é ser maçom, o que realiza?
- 7 - Como você se sente sendo maçom?
- 8 - O maçom de uma maneira geral estuda muito?
- 9 - O que é aprendido, o que você aprendeu?
- 10 - Quanto tempo você dedica a maçonaria?
- 11 - A idéia do segredo está mais restrita aos atos que acontecem na Loja?
- 12 - Para você, de tudo que você estudou até agora, onde surgiu a maçonaria?